

Vera Lucia Gonçalves Carvalho

**PROJETO DE VIDA E O MUNDO DO
TRABALHO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO
CONTEXTO DO ENSINO MÉDIO**

Passo Fundo

2024

Vera Lucia Gonçalves Carvalho

**PROJETO DE VIDA E O MUNDO DO
TRABALHO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO
CONTEXTO DO ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Humanidades, Ciências, Educação e Criatividade da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação, sob orientação do Prof. Dr. Telmo Marcon.

Passo Fundo

2024

CIP – Catalogação na Publicação

C331p Carvalho, Vera Lucia Gonçalves
Projeto de vida e o mundo do trabalho [recurso eletrônico] :
desafios e possibilidades no contexto do ensino médio / Vera
Lucia Gonçalves Carvalho. – 2024.
1 MB ; PDF.

Orientador: Prof. Dr. Telmo Marcon.
Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de
Passo Fundo, 2024.

1. Educação para o trabalho. 2. Estudantes do ensino médio -
Mercado de trabalho. 3. Conhecimento e aprendizagem.
4. Projeto de vida. I. Marcon, Telmo, orientador. II. Título.

CDU: 37

Catalogação: Bibliotecária Jucelei Rodrigues Domingues - CRB 10/1569

Vera Lucia Gonçalves Carvalho

**PROJETO DE VIDA E O MUNDO DO TRABALHO:
DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO CONTEXTO DO
ENSINO MÉDIO**

A banca examinadora abaixo, APROVA em 05 de setembro de 2024, a Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial de exigência para obtenção de grau de Mestre em Educação na linha de pesquisa políticas educacionais.

Dr. Telmo Marcon - Orientador

Universidade de Passo Fundo - UPF

Dr. Joacir Marques da Costa

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM

Dr. Prof. Dr. Altair Alberto Fávero

Universidade de Passo Fundo – UPF

AGRADECIMENTOS

Há um tempo muito distante achei que cursar o mestrado não era para mim, pois a dificuldade em sair do trabalho era imensa e a estrutura desse curso mais ainda. Eis que surge uma possibilidade, um edital da UPF, pensada e oferecida numa nova modalidade, híbrida, dentro dela eu me vi e a partir dela eu comecei. Assim, cheia de vontade, juntamente com meu grupo de trabalho iniciamos uma nova jornada de estudos rumo a Passo Fundo. Juntos nós fomos fortes.

Agradeço a cada uma e a cada um que, com seu jeito de ser, me ajudou a crescer, dar sentido a essa nova fase da minha vida. Cada um de vocês, de uma maneira única, contribuiu para que eu superasse os desafios que enfrentei durante esse período de estudo intenso. Seja com conselhos sábios, suporte emocional, *insights* valiosos ou simplesmente uma palavra gentil, vocês me ajudaram a manter o foco e a seguir em frente.

Agradeço aos meus pais por terem me forjado e me impulsionarem pelo caminho da vida. Queridos pais, não existem palavras suficientes para expressar minha gratidão por terem me dado a vida. Sou grata especialmente a minha mãe que aos seus oitenta e dois anos, a cada conversa me perguntava se estava conseguindo ler e se já estava escrevendo; quantas páginas já tinha conseguido escrever, querendo com suas palavras me dar força e encorajar a concluir essa fase, obrigada por ser a minha luz.

Sou grata a Deus por cada momento, cada alegria, cada desafio e cada lição que aprendi ao longo do caminho.

Agradeço ao meu esposo por acreditar que eu conseguiria e pelos momentos de partilha quando eu cansava, desanimava, sempre me dizia “vai dar tudo certo”, “você vai conseguir”; essas palavras de apoio me fortaleceram ao longo do caminho. Obrigada por acreditar e por estar ali, sempre, sendo a minha fortaleza. Obrigado por seu amor, sua compreensão, sua paciência e por sempre me amar do jeito que sou e eu ao seu jeito de ser.

Gostaria de expressar meu sincero agradecimento ao Professor Dr. Telmo Marcon. Sua orientação e apoio foram fundamentais para minha jornada de pesquisa, desde o momento em que você me mostrou que era possível até a acolhida calorosa e atenciosa em todos os momentos. Sua contribuição foi inestimável, e eu estou verdadeiramente grata por todo o suporte ao longo desse caminho. Muito obrigada, professor.

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes”.

(Martin Luther King)

RESUMO

As relações com o mundo do trabalho são especialmente complexas, pois envolvem aspectos econômicos, sociais, culturais e educacionais que impactam diretamente a vida em sociedade, especialmente o jovem do Ensino Médio. É importante que os jovens reflitam sobre essas questões tanto dentro quanto fora da escola, reconhecendo que vivenciam contextos e experiências que, ao mesmo tempo, os distinguem e os conectam. Eles ocupam diferentes papéis na sociedade e a educação desempenha uma função central em sua formação. Essa complexidade evidenciada se manifesta, em parte, pela constante evolução das demandas do mundo do trabalho, impulsionada por mudanças tecnológicas, econômicas e sociais do mundo globalizado. Durante o Ensino Médio, os jovens começam a explorar caminhos já enfrentando os desafios dessa realidade em transformação. Para o estudo da presente dissertação trazemos como objetivo geral compreender possibilidades e desafios na elaboração de Projetos de Vida com jovens do Ensino Médio, considerando contextos de precarização e flexibilização do mundo do trabalho. A metodologia de pesquisa adotada é de abordagem qualitativa, bibliográfica e com análise documental. A principal questão norteadora da investigação é: Quais são as possibilidades e desafios na elaboração de Projetos de Vida com jovens do Ensino Médio, considerando contextos de precarização e flexibilização do mundo do trabalho? Objetivamos compreender marcos históricos de transformações do mundo do trabalho e seus efeitos de precarização e de flexibilização; discutir como o mundo do trabalho se relaciona com a educação, particularmente o Ensino Médio, de modo a estabelecer implicações pessoais e sociais em projetos de vida dos jovens. A ancorando-nos em fundamentos teóricos pertinentes e autores como Ricardo Antunes (2002, 2005, 2015, 2017, 2020), Richard Sennett (2009), Anthony Giddens (1990) e Dardot e Laval (2016). Para concluir, destacou-se ser importante debater os limites e as potencialidades do componente curricular “Projeto de Vida e Mundo do Trabalho” no contexto das juventudes do Ensino Médio no município de Concórdia/SC. A pesquisa mostrou que os documentos que orientam os Professores do Componente como o Currículo Base do Território Catarinense e os Roteiros Pedagógicos do Componente Projeto de Vida, da rede estadual, com foco na Coordenadoria de Concórdia/SC, fornecem suporte para a prática pedagógica dos professores de forma parcial para que os estudantes reflitam sobre seus projetos de vida, evidenciando alguns limites para o trabalho com o componente.

Palavras-chave: Juventude. Projeto de Vida. Educação. Ensino Médio. Flexibilização.

ABSTRACT

The objective of this research is to analyze and understand the context and possibilities for working with the Life Project and the World of Work components with high school students in public schools under the Regional Coordination of Concórdia/SC. However, more than that, we seek elements to be studied and understood in the complexity experienced by young people in building their projects in an entirely flexible world. Our research problem is: what are the possibilities and challenges for young people to think about a life project, considering the transformations of the world of work in a context of precariousness and flexibility? The research methodology adopted is qualitative, bibliographic, and includes document analysis. We explore the transformations in the world of work, specifically in the context of Toyota-style flexibility, and its impact on the lives of young people and labor dynamics. Anchored in relevant theoretical foundations and authors such as Ricardo Antunes (2002, 2005, 2015, 2017, 2020) and Richard Sennett (2009), we investigate the metamorphoses in the world of work, providing insights into the transition from the Taylorist-Fordist model to the Toyota model, which influenced working conditions and undermined the prospects for long-term stability and project realization. Supported by authors such as Anthony Giddens (1990) and Dardot and Laval (2016), we also aim to delve into how broader and structural transformations impact the lives and subjectivities of young people and what this has implied for their way of being and living, especially considering life projects. We highlight the difficulties young people face when trying to identify and develop their life projects in a constantly changing and highly flexible world, driven by new mentalities and significant changes. In conclusion, we highlight the possibilities and limitations of working on the Life Project in the context of flexibility and the role of this component in high school, with an analysis of the documents that guide the Basic Curriculum of the Santa Catarina Territory and the Pedagogical Guidelines of the Life Project Component of the state network, specifically of the Coordination of Concórdia/SC, which support the pedagogical work of teachers, evaluating whether these provide qualitative support for students to think about their projects.

Keywords: Youth. Life Project. Teacher. High School. Flexibility.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mural dos sonhos	83
Figura 2 - Roda da vida	84

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
BM	Banco Mundial
CEE	Conselho Estadual de Educação
CBEMTC	Currículo Base do Território Catarinense do Ensino Médio
CNE	Conselho Nacional de Educação
DCNs	Diretrizes Curriculares Nacionais
EM	Ensino Médio
EMITI	Ensino Médio Integral em Tempo Integral
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EEBPOCR	Escola de Educação Básica Professor Olavo Cecco Rigon
FUNDEF	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental
IAS	Instituto Ayrton Senna
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IN	Instituto Natura
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MP	Medida Provisória
NEM	Novo Ensino Médio
PCSC	Proposta Curricular de Santa Catarina
ODCE	Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios
PPGED	Programa de Pós-graduação em Educação
PPP	Parcerias Público-privadas
ProEMI	Programa Ensino Médio Inovador
PV	Projeto de Vida
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
SC	Santa Catarina
SINAJUVE	Sistema Nacional de Juventude
SED	Secretaria Estadual de Educação
TPE	Todos pela Educação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 NO MUNDO DO TRABALHO: TRANSFORMAÇÕES E CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	16
2.1 Do mundo fabril até a reestruturação produtiva na era da acumulação flexível.....	16
<i>2.1.1 Um novo modo de organizar a produção: o sistema toyotista.....</i>	<i>21</i>
<i>2.1.2 A influência do modelo toyotista na educação.....</i>	<i>23</i>
2.2 Um novo modelo de trabalho trazido pela flexibilização toyotista	25
2.3 A relação trabalho educação: a máquina na vida do sujeito e o sujeito dando vida à máquina	31
2.4 A influência do modelo fabril na educação	36
3 MUNDO DO TRABALHO E IMPLICAÇÕES PESSOAIS E SOCIAIS NA VIDA DO JOVEM.....	45
3.1 Nova ordem, novo controle do trabalho e seus efeitos na vida dos jovens	45
3.2 Trabalho e automação tecnológica.....	53
3.3 A juventude e a fluidez nas relações pessoais e profissionais no contexto neoliberal	57
4 COMPONENTE CURRICULAR PROJETO DE VIDA E MUNDO DO TRABALHO: UM ESTUDO NA COORDENADORIA DE CONCÓRDIA/SC.....	67
4.1 Reforma do Novo Ensino Médio e BNCC	67
4.2 Componente Curricular Projeto de Vida e o Mundo do Trabalho	70
<i>4.2.1 Juventudes e Projeto de Vida</i>	<i>76</i>
4.3 Projeto de Vida: avanços e limites enfrentados no âmbito das escolas estaduais da Coordenadoria de Concórdia/SC	81
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
REFERÊNCIAS	98

1 INTRODUÇÃO

O tema desta dissertação: Juventude, Projeto de Vida e Mundo do Trabalho fez suas primeiras inserções na minha vida através do meu trabalho na Coordenadoria Regional de Educação de Concórdia - SC, em 2017, trazida pela aprovação da Lei nº 13.415, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/1996), a qual trata da reforma do Ensino Médio. Em 2017 respondia pelo Ensino Médio atuando diretamente com diretores escolares e estava constantemente nas escolas conversando com professores e jovens, ouvindo suas expectativas e angústias, estes muito apreensivos com as mudanças e como tudo iria funcionar no Ensino Médio a partir da nova estrutura; eram muitos os questionamentos. Daí pulsou meu interesse em participar de discussões, pesquisar e entender como de fato funcionaria na prática, nas unidades escolares da Coordenadoria Regional de Concórdia, em âmbito da rede estadual de ensino, pós mudança de lei a parte flexível do currículo, especificamente o Componente Curricular: Projeto de Vida.

Com a aprovação da Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Médio em todo país, em 2018, em meio a críticas e debates e sem muitas condições para compreendê-la, os estados por força da mudança começam a discutir seus currículos de acordo com a base comum, conforme preconizado pelo Programa de Apoio à Implementação da Base Nacional Comum Curricular (ProBNCC).

Em Santa Catarina as discussões para elaboração do Currículo Base do Território Catarinense da rede estadual de ensino iniciaram-se em 2019, resultando em quatro cadernos que integraram o currículo no estado, no Caderno 1 tem as Disposições Gerais do currículo; o Caderno 2 trata da Formação Geral Básica; o Caderno 3 dispõe sobre a Parte Flexível do Currículo; o Caderno 4 segue abordando a Parte Flexível do currículo; posteriormente, no Caderno 5 é apresentada as Trilhas de Aprofundamento da Educação Profissional e Tecnológica.

No caderno 1, nas disposições gerais para o Componente Curricular Projeto de Vida, parte flexível do currículo, ficou sugerido 15 temáticas para elaboração dos Roteiros Pedagógicos, sendo que o componente não tinha materiais suficientes para o professor compreender e atuar em sala de aula. Mediante a problemática conduzida pela Secretaria Estadual segue para elaboração do material, e fui parte integrante do grupo na construção de um dos Roteiros Pedagógicos com a temática: A Sociedade Retratada em Diversos Contextos Históricos que objetiva à compreensão de diferentes formas de convívio e existência na

sociedade, daí minha identificação com o potencial e amplitude do trabalho pedagógico possibilitando aos estudantes a construção de seus projetos de vida e fornecendo reflexões diferenciadas no componente.

Através dos estudos do currículo do território (CBEMTC), especificamente dos Roteiros Pedagógicos e fazendo parte desta história em construção me identifiquei com a temática Projeto de Vida e o Mundo do Trabalho e as possibilidades que esta traz para que os jovens possam se reconhecer como sujeitos em construção, mesmo vivendo num contexto flexível, possam dialogar, criticar e compreender as problemáticas e dinâmicas dessas relações em sala de aula com o professor de projeto de vida.

O Brasil, assim como outras nações emergentes foi influenciado por organismos internacionais como o Banco Mundial (BM) e a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), ao promover reformas nas políticas educacionais, baseadas em princípios neoliberais e alinhadas com as tendências. A reforma do Ensino Médio e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) - um documento que detalha os direitos de aprendizagem de todos os alunos da educação básica no país - foram organizados dentro de uma lógica ancorada nas competências e habilidades. No caso a BNCC estabelece as dez Competências Gerais que servem como diretrizes fundamentais, entre as quais, destaca-se a competência 6: Trabalho e Projeto de Vida.

É nesse contexto que propomos aprofundar a temática sobre a juventude, Projeto de Vida e Mundo do Trabalho, por ser algo muito presente na formação do jovem e na profissão que exerço. Porém, mais do que isso, pretendemos trazer elementos a serem estudados e compreendidos sobre a relação dos jovens e o mundo do trabalho e as tendências neoliberais onde vivem,

A complexidade vivenciada pelas juventudes aponta para um dos principais desafios que é pensar o Projeto de Vida em relação ao seu desenvolvimento pessoal e profissional. Dessa forma, é por meio da educação escolar que eles têm possibilidades de desenvolverem habilidades, conhecimentos e valores necessários para se tornarem cidadãos ativos, compreendendo o contexto em que fazem parte e para que consigam desenvolver suas aspirações e construir seus projetos de vida.

Sabemos que as relações entre o mundo do trabalho e a educação são substancialmente complexas por diversos motivos, pois abrangem aspectos econômicos, sociais, culturais e educacionais dos estudantes. Alguns sentidos em que essa complexidade se manifesta consiste na evolução das demandas do trabalho: o mundo do trabalho está em constante transformação em decorrência das mudanças tecnológicas, econômicas e sociais

influenciadas pela globalização.

Diante do contexto social e histórico experienciado pelos jovens na atualidade que estudam no Ensino Médio das escolas públicas pertencentes à Coordenadoria Regional de Concórdia, rede estadual de Santa Catarina, evidenciamos o seguinte problema de pesquisa: Quais possibilidades e desafios na elaboração de Projetos de Vida com jovens do Ensino Médio, considerando contextos de precarização e flexibilização do mundo do trabalho? A partir desse problema, surgem outras questões que permeiam a problematização. O jovem consegue compreender as mudanças no mundo do trabalho e os impactos que essas transformações podem ocasionar em sua vida a curto, médio e longo prazo. Além disso, é crucial investigar quais forças estão por trás dessas mudanças e a quem elas realmente interessam. Outro ponto importante é analisar se as constantes mudanças podem ocasionar adoecimento entre os jovens. Por fim, é essencial verificar se o componente Projeto de Vida realmente auxilia o jovem na constituição de seus projetos pessoais e profissionais.

O objetivo central desta pesquisa visa compreender possibilidades e desafios na elaboração de Projetos de Vida com jovens do ensino Médio, considerando contextos de precarização e flexibilização do mundo do trabalho. Além disso, a pesquisa busca verificar se os roteiros pedagógicos, especificamente no componente Projeto de Vida, ajudam no desenvolvimento e na formulação dos projetos de vida dos estudantes do Ensino Médio pertencentes à Coordenadoria de Concórdia, rede estadual de Santa Catarina. A partir do que foi previamente abordado, temos como objetivos específicos: compreender marcos históricos de transformações do mundo do trabalho e seus efeitos de precarização e de flexibilização; discutir como o mundo do trabalho se relaciona com a educação, particularmente o Ensino Médio, de modo a estabelecer implicações pessoais e sociais em projetos de vida dos jovens; debater os limites e as potencialidades do componente curricular “Projeto de Vida e Mundo do Trabalho” no contexto das juventudes do Ensino Médio no município de Concórdia/SC.

A metodologia de pesquisa adotada é de abordagem qualitativa e busca identificar a viabilidade no desenvolvimento do componente Projeto de Vida dos estudantes do ensino médio e a realização deste, assim como as transformações no mundo do trabalho e se essas mudanças do mundo laboral afetam suas escolhas e profissões. A pesquisa é qualitativa pois permite pensar na complexidade vivida pelos jovens na sociedade, assim como as mudanças sociais ocasionadas pelo avanço tecnológico advindos do desenvolvimento econômico, e pelo mundo globalizado e mercantilizado, considerando as nuances e percepções individuais e coletivas no mundo do trabalho e a relação que este exerce na vida dos jovens que também produzem e se constituem na sociedade onde vivem como sujeitos que deveriam ter direitos.

É importante continuar pesquisando, questionando, por meio de leituras, interpretações e reflexões, já que a pesquisa qualitativa tem como tarefa central as Ciências Humanas e a compreensão da realidade social em vários contextos. Ela explora os significados, as representações dos processos que influem nas trajetórias dos indivíduos e nas transformações vivenciadas pela juventude.

Os capítulos segundo e terceiro estão ancorados na produção bibliográfica. Essa abordagem se baseia na leitura, interpretação e análise de livros, capítulos, artigos e dados quantitativos, também os projetos de culminância do PV das escolas estaduais, escritos e publicados no site da SED. Por pesquisa bibliográfica entendemos que se trata de uma investigação sistemática e ordenada de fontes teóricas e documentais, permitindo explorarmos e compreendermos o objeto deste estudo a partir de diferentes perspectivas históricas e contextuais confrontando com a atualidade. Essa pesquisa torna-se importante para construir novos conhecimentos, novos debates, com novas indagações e reconstrução crítica sobre a temática e o desenvolvimento do projeto de vida dos jovens, identificando possíveis lacunas existentes em relação às interpretações existentes e assim possibilitar novas interpretações ou hipóteses sobre o tema em questão

Para realizar a pesquisa bibliográfica recorreremos a vários autores que tratam das transformações no mundo do trabalho e como afetam os jovens e seus projetos de vida. Entre as obras estudadas destacam-se: *As Consequências da Modernidade* de Anthony Giddens (1990), *A Corrosão do Caráter* de Richard Sennett (2009), de Ricardo Antunes as obras: *Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho* (2015); *Os Sentidos do Trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho* (2002); *A Fábrica da Educação: da especialização taylorista a flexibilização toyotista*, (2017); *O caracol e sua concha* (2005); *Ensaio sobre a nova morfologia do trabalho: uberização, trabalho digital e indústria 4.0* (Organizador, 2020) e *Capitalismo Pandêmico* (2022). De Dardot e Laval: *A nova razão do mundo: ensaios sobre a sociedade neoliberal* (2016). De Martha Nussbaum: *Sem fins Lucrativos: porque a democracia precisa das humanidades* (2015). De Zigmunt Bauman as obras: *Amor Líquido* (2001); *Vida Líquida* (2007); *Capitalismo Parasitário* (2010).

Alguns desses autores provêm de diferentes tradições teóricas, mas é possível reconhecer um diálogo produtivo entre eles. O enfoque de Dardot e Laval não é o mesmo de Ricardo Antunes, embora tenham um diálogo com a tradição marxista, mas os enfoques são peculiares. Enquanto Antunes foca suas análises nas transformações do trabalho e nas lutas dos trabalhadores, Dardot e Laval examinam as formas de subjetivação e a governabilidade

neoliberal, especialmente sob influência de Foucault. Essa diversidade de perspectivas enriquece o debate, permitindo uma compreensão mais ampla dos fenômenos em questão. É crucial explicitar que, embora suas abordagens e pontos de vista sejam distintos, ambos os autores contribuem de maneira complementar para a discussão acadêmica e crítica sobre temas centrais da sociedade contemporânea.

Em relação à estrutura, a dissertação está organizada em cinco capítulos. O primeiro constitui-se da introdução. No segundo capítulo denominado: Mundo do Trabalho: Transformações e Contextualização histórica, foi feita uma análise das transformações no mundo do trabalho no contexto dos modelos: fordista, taylorista e da flexibilização toyotista, para embasar essa análise buscamos apoio, especialmente, nas reflexões de Ricardo Antunes e seus colaboradores. Esse autor oferece elementos que auxiliam na compreensão das mudanças em curso, possibilitando perceber como se configurou a flexibilização toyotista no mundo do trabalho e suas consequências para os trabalhadores. Ao ancorar a discussão fundamentalmente nesse teórico, o capítulo procura fazer uma análise das metamorfoses no mundo do trabalho, trazendo subsídios para compreender as mudanças em curso e as flexibilizações que ofuscam perspectivas de longo prazo, aprofunda a substituição do trabalho vivo pelo trabalho morto e afeta profundamente as condições de trabalho, estabilidade e os projetos de vida. Esse autor nos ajuda a compreender que o que está em curso não é o fim do trabalho, como apregoaram algumas teorias, mas metamorfoses no mundo do trabalho. Ao lado de Antunes destacam-se as contribuições de Richard Sennett, especialmente o conceito de flexibilidade.

O terceiro capítulo denominado: Mundo do Trabalho e implicações pessoais e sociais na vida do jovem: discute impactos nos projetos de vida dos jovens e as transformações tecnológicas, a juventudes e as relações pessoais e profissionais, trabalho e a automação. Para embasar a discussão, destacamos as contribuições de Anthony Giddens (1990) relativas ao diagnóstico que faz sobre as mudanças sociais decorrentes do avanço da modernidade e as implicações para a estruturação do trabalho e nas relações sociais. Outras contribuições como as de Richard Sennett (2009) com o conceito de flexibilidade e os impactos na vida dos jovens; Byung-Chul Han (2018) com os conceitos de transparência e excesso de positividade; Zygmunt Bauman (2013) com o conceito de vida líquida para descrever a natureza fluida e a dinâmica da sociedade contemporânea ajudam a mapear as principais mudanças na sociedade.

O capítulo quatro baseia-se numa pesquisa documental, com análise dos documentos que norteiam o Currículo Base do Território Catarinense, e os Roteiros Pedagógicos da rede estadual de SC relativos ao componente Projeto de Vida, que subsidiam o trabalho

pedagógico. Essa pesquisa documental fornece a fundamentação teórica necessária para compreender e contextualizar os conteúdos abordados, avaliando se estes dão suporte qualitativo para os estudantes pensarem em seus projetos.

Esse capítulo denominado: Componente Curricular Projeto de Vida e o Mundo do Trabalho: Um estudo na Coordenadoria de Concórdia/SC, analisa os documentos pedagógicos e discute as possibilidades e limites no desenvolvimento do componente curricular Projeto de Vida (PV) nas escolas da Coordenadoria de Concórdia, da rede estadual de Santa Catarina; assim como o desenvolvimento de projetos pessoais e profissionais dos estudantes no componente curricular Projeto de Vida e Mundo do Trabalho no contexto do Novo Ensino Médio (NEM). A Reforma do Ensino Médio e BNCC, Juventudes e o Projeto de Vida. As referências para discutir esse capítulo são Gaudêncio Frigotto (2006); Ricardo Antunes e Geraldo Pinto (2017); Juarez Dayrell (2017); Acácia Zeneida Kuenzer (2017); a Base Nacional Comum Curricular (2017); o Currículo Base do Ensino Médio do Território Catarinense (2020); os Roteiros Pedagógicos do Componente Projeto de Vida (2021), entre outros.

No quinto capítulo são feitas as considerações finais apontando as possibilidades e limites do projeto de vida com alunos do Ensino Médio em escolas da rede estadual de Santa Catarina, na cidade de Concórdia, destacando a viabilidade desse trabalho enquanto espaço de reflexão sobre a vida dos jovens. Num contexto de múltiplas críticas à reforma que resultou no Novo Ensino Médio (NEM), bem como a BNCC, concluímos que a experiência, objeto de análise, traz elementos muito significativos para pensar sobre as juventudes e seus projetos de vida.

2 NO MUNDO DO TRABALHO: TRANSFORMAÇÕES E CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Neste capítulo, objetivamos aprofundar a análise de fatos históricos relacionados ao mundo do trabalho e discutir como a sociedade tem passado por transformações profundas em diversas dimensões, com ênfase nas mudanças que impactam o trabalho.

2.1 Do mundo fabril até a reestruturação produtiva na era da acumulação flexível.

Desde o início do século XX a sociedade tem passado por mudanças profundas em várias dimensões, com destaque para o mundo do trabalho. Do mundo fabril até a reestruturação produtiva na era da acumulação flexível, essas transformações têm gerado uma série de impactos na vida das pessoas e alterado drasticamente a organização do trabalho e da produção. Algumas perguntas a serem levantadas: qual a natureza dessas transformações? Será o fim do trabalho ou metamorfoses no mundo trabalho?

Entre esses efeitos nos chamam à atenção a reformulação da própria sociabilidade, a formação de um novo tipo de trabalhador, aumento substancial do desemprego, intensificação da precarização do trabalho e uma progressiva deterioração nas relações entre seres humanos e meio ambiente.

Tendo em vista esse pano de fundo e para entendermos melhor as mudanças geradas pelo mundo fabril e suas consequências no mundo do trabalho, nas tecnologias e também na educação, voltaremos nosso olhar brevemente para o fim do século XIX e início do século XX, pois esse período não só manteve como intensificou e complexificou alienações em referência ao trabalho e a produção, intensificando a exploração do trabalhador, a implantação de novas tecnologias, marcadas e trazidas pela civilização industrial conhecidas como taylorismo, fordismo e, posteriormente, o toyotismo na segunda metade desse século, com seu fortalecimento ocorrendo após a década de 1970.

No século XX, quando adentramos na sociedade do automóvel, vemos brotar do microcosmo das fábricas metalúrgicas um novo projeto societal, que envolve desde o plano da exploração da força de trabalho nas empresas até o plano da sua reprodução pela classe trabalhadora nas demais esferas da totalidade social (Antunes; Pinto, 2017, p.17).

Nessa nova configuração que engloba tanto homens quanto mulheres, incluindo operários da indústria e subcontratados que abraçam os princípios do taylorismo e fordismo, surgem novos aspectos no panorama do proletariado. Essas mudanças têm o poder de alterar

as estruturas técnicas assim como as relações sociais envolvidas na produção de mercadorias. Novas formas de organização emergem, mas o acúmulo do capital permanece centrado na exploração da força de trabalho. A busca incessante por oportunidades de trabalho como forma de garantir a própria subsistência perpetua a condição de servidão do proletariado. Isso, por sua vez, impacta profundamente a maneira como vivem e se identificam no contexto socioeconômico.

O que visava Frederick Winslow Taylor nas últimas décadas do século XIX e o que ele propôs como princípios da Administração ficaram identificados e conhecidos como sistema taylorista da gestão do trabalho. Para Taylor, o trabalho e o capital se reduzem a um problema gerencial, tendo como horizonte extrair o máximo possível da força de trabalho, sendo que cada passo do trabalhador deveria ser planejado depois treinado, assim como o tempo a ser executado também deveria ser estipulado. Assim, nasce um novo sistema de gestão da força de trabalho e de saber fazer através de tarefas.

Taylor também reforçava, através de seus meios, que o trabalhador que executasse suas atividades com rapidez receberia pagamentos mais rentáveis, através de prêmios e bonificações. Não se tratava de elevações salariais e sim bonificações frente aos cumprimentos de tarefas em tempos estabelecidos através de sua administração, visando o aumento da produção. Para Taylor, a garantia da eficiência era papel fundamental da gerência. Assim, criavam-se métodos padronizados de execução que deveriam otimizar a relação entre tempo e movimento, o que ampliava a alienação do trabalho.

Taylor imaginara ter constatado, pela primeira vez na história, um comportamento típico da classe trabalhadora e que a ela mesma se mostrava nefasto. Qual seja: ao atentar contra o próprio rendimento, os/as trabalhadores/as combaliam os lucros patronais e, com isso, reduziam suas chances de obter melhorias salariais. Caberia, assim, à administração “científica” a solução. Em outros termos: o/a trabalhador/a ou é um ser passivo, ou é um ser insubmisso, não restando à gerência senão desenvolver técnicas que desmobilizem, mascarem ou mesmo revertam a favor do capital as tensas relações entre compradores/as e vendedores/as de força de trabalho (Antunes; Pinto, 2017, p.19, grifos do autor).

A lógica e a proposta de Taylor de produção em série, combinada com a ascensão da indústria automobilística nos Estados Unidos no início do século XX, desempenhou um papel fundamental na consolidação da sociedade do automóvel. Os trabalhadores desse período iniciaram a produção em série, tornando os automóveis acessíveis à população e, dessa forma, o consumo em massa os tornou amplamente disponível, transformando a mobilidade e a cultura da sociedade de maneira profunda.

Através dos projetos e das ideias advindas de Taylor deu origem ao sistema taylorista,

modelo de produção em série que foi implementada também por Henry Ford através da fábrica da Ford Motor Company, conhecido como fordismo, que se caracterizou como uma ampliação e aprofundamento do processo de controle sobre a força de trabalho em vigor desde o taylorismo. Esse foi um dos elementos vitais que permitiram à sociedade do automóvel se expandir.

Antes dessa forma de organizar a produção, a fabricação de automóveis era artesanal e demorada, tornando os carros muito caros e inacessíveis para a maioria das pessoas. Com a produção em série, os automóveis foram fabricados em grande escala, com custos reduzidos. Isso levou a uma diminuição significativa nos preços dos veículos, tornando-os mais acessíveis para o público em geral. Junto a isso tem a conjuntura econômica e política baseada no Estado de Bem Estar Social nos países centrais.

Além da produção em série ao longo do século XX, o consumo em massa da população nos países centrais desempenhou um papel crucial na consolidação da sociedade do automóvel. A disponibilidade de automóveis a preços mais baixos e a facilidade de pagamento, muitas vezes através de financiamentos, permitiu que um número cada vez maior de pessoas adquirisse seus próprios carros. Isso levou a uma mudança radical na mobilidade e no estilo de vida das pessoas. Os automóveis não eram mais um luxo exclusivo para os ricos, mas sim um meio de transporte acessível para a classe média.

A sociedade do automóvel trouxe consigo uma série de transformações sociais, econômicas e culturais, constituindo um novo modo de vida. As cidades foram redesenhadas para acomodar ruas e estacionamentos, e as viagens interurbanas se tornaram mais fáceis e rápidas. Além disso, os automóveis permitiram maior flexibilidade e independência, alterando as dinâmicas familiares e sociais.

É evidente que a implantação desse sistema levou à especialização das atividades de trabalho a um nível de limitação e simplificação tão extremo que, embora no âmbito coletivo, do trabalho cooperado, o resultado fosse uma enorme produtividade, ao nível dos postos individuais, a linha fordista convertia os/as trabalhadores/as em apêndices da maquinaria (Antunes; Pinto, 2017, p.41).

Ao contrário de Taylor, Henry Ford optou por adotar uma abordagem que incluía o aumento dos salários, isto porque muitos trabalhadores não estavam aceitando a forma de controle e a nova gerência em função do ritmo de trabalho. A partir disso, novas medidas passaram a ser implementadas como: a redução das horas de trabalho e metas de produção crescentes, além da estratificação de salários.

Aumentar os salários também foi uma estratégia para promover o aumento do

consumo dentro da classe trabalhadora. O ethos do consumo dá origem a um estilo de vida totalmente novo, estabelecendo padrões de consumo específicos, nos quais itens como a aquisição de uma residência própria e de um automóvel se tornam objetos de desejo para a população estadunidense.

O capitalismo precisava que os trabalhadores consumissem, mas esse consumo precisava ocorrer sem prejudicar as condições diárias dos trabalhadores que eram essenciais para suportar os rigorosos ritmos de produtividade exigidos pela indústria fordista ao mesmo tempo. No entanto, isso não significa necessariamente que ele tenha evitado a extração de mais-valia da força de trabalho. Na obra *O Capital: Crítica da Economia Política*, Marx argumentava que o capitalista obtém o lucro explorando o trabalho do trabalhador, sendo que a este é pago apenas pelo valor da força de trabalho, mas durante o processo de produção, ele cria um valor adicional a mais-valia que é apropriado pelo capitalista, o que constitui a base da exploração no sistema capitalista.

Os capitalistas acumulam riqueza ao extrair mais valor do trabalho do que pagam em salários, resultando em desigualdade econômica e poder concentrado nas mãos dos capitalistas. Na verdade, Ford conseguiu obter por um longo período uma quantidade significativa de mais-valia, o que implicou em uma exploração intensa dos trabalhadores devido à aceleração do ritmo de trabalho.

Nesse sentido, enquanto Taylor se concentrou na otimização das tarefas individuais e na eficiência no nível do trabalhador, Ford adotou uma abordagem mais abrangente, com foco na produção em série, na redução da jornada de trabalho e no aumento do poder de compra dos trabalhadores. Ambas as abordagens tiveram um impacto significativo na gestão da força de trabalho e na indústria em geral, mas diferiram em suas ênfases e estratégias.

O binômio taylorismo-fordismo deve, pois, ser entendido como um conjunto de elementos pertinentes à formação de um novo tipo de trabalhador/a, adaptado a uma nova configuração de produção capitalista. Visou, subsequentemente, formar uma nova classe trabalhadora e um ideal de “novo cidadão”, numa nova ordem burguesa. Em particular, a experiência fordista delinea, assim, uma trajetória que se estende desde a reformulação da organização industrial e produtiva como um todo, para desencadear “num novo projeto societário dentro dos limites da reprodução da capital” (Antunes; Pinto, 2017, p.50, grifos dos autores).

A dinâmica do mundo do trabalho passa a ser moldada por uma série de transformações que vão muito além das mudanças superficiais, impondo aos trabalhadores qualidades esperadas do novo tipo de indivíduo projetado pelo fordismo, conhecido como o operário-massa. As diretrizes morais, promovidas pela ideologia de produção fordista,

transcenderam os limites da fábrica e passaram a influenciar um novo estilo de vida americano, originando novas condições de vida e influenciando a reorganização de instituições, entre as quais a escola.

Esse novo modelo de produção e forma de trabalhar, teve impactos significativos no sistema capitalista e estabeleceu um novo padrão de organização do trabalho, dando origem a um estilo de vida inovador e, conseqüentemente, a um novo tipo de indivíduo que, em certa medida, persiste até a atualidade.

Ricardo Antunes (2005), em sua análise sobre o fordismo, destaca que ele representou um marco na organização do trabalho, caracterizando-se pela produção em massa, pela especialização extrema das tarefas, pela rigidez dos horários e pela ênfase na disciplina fabril. Essas características ressaltam a importância do fordismo como um modelo de produção que teve um impacto profundo nas práticas de trabalho e na organização da indústria.

Com o passar do tempo e com a economia globalizada surgiram novos desafios econômicos para o modelo taylorista-fordista. A concorrência acirrada entre empresas em escala global exigiu uma capacidade de adaptação rápida às mudanças nas demandas do mercado. A produção em massa e a falta de flexibilidade do modelo fordista tornaram-se menos eficazes nesse ambiente competitivo.

Os renomados "30 anos gloriosos" do fordismo referem-se a um período econômico próspero nos países desenvolvidos, no qual havia um Estado de Bem-Estar Social, que abrangeu o pós Segunda Guerra Mundial (1945) até o final dos anos de 1960. Durante esse período houve um crescimento econômico contínuo e robusto caracterizado pelo modelo de produção em massa de Henry Ford. Esse modelo promoveu a produção em grande escala, com ênfase na eficiência e na padronização dos processos de fabricação.

No entanto, o final dos anos 1960 e o início dos anos 1970 marcaram uma mudança nesse cenário. O período de crescimento ininterrupto da produtividade foi substituído por uma fase de declínio na produtividade. Várias razões contribuíram para esse declínio, incluindo fatores econômicos, como a crise do petróleo de 1973, que resultou no aumento dos custos de energia, bem como mudanças sociais e tecnológicas que desafiaram os paradigmas do fordismo. Há um processo de crise do Estado de Bem-Estar Social, inclusive com a expansão do endividamento público e da inflação.

Essa queda na produtividade e o surgimento de novos desafios econômicos, tecnológicos e sociais marcam uma transição importante na história econômica e industrial, levando a uma reavaliação das práticas de produção em massa e impulsionando o surgimento de abordagens mais flexíveis e descentralizadas na produção. Tudo isso desempenhou um

papel fundamental na evolução do modelo econômico global e influenciou as práticas de produção e gestão até os dias de hoje.

A crise do fordismo não resultou em seu completo desaparecimento, mas sim em uma transformação significativa na forma como as empresas organizaram a produção e gerenciaram a força de trabalho. Modelos mais flexíveis, como a produção enxuta e a automação avançada, emergiram como respostas a essas mudanças sociais, econômicas e políticas. À medida que o mundo continua a evoluir, a adaptação constante na indústria permanece essencial para enfrentar os desafios em constante mutação.

Essa crise requer uma reestruturação produtiva que buscava mudanças nos métodos de produção e nas modificações trazidas pelo surgimento do Estado Neoliberal. Com isso, a modernização e a flexibilização do trabalho se tornaram a lógica predominante nesse processo, que se caracteriza por uma mudança de perspectiva, desafios apresentados ao movimento operário, à quebra do compromisso social que prevaleceu no período pós-guerra, a fragmentação do proletariado e a introdução de maior flexibilidade e precariedade no trabalho e na sua organização. Simultaneamente, a economia japonesa estava começando a se destacar com um crescimento notável, baseada em elevados índices de produtividade laboral. Em termos gerais, até aproximadamente meados da década de 1970, o sistema de produção dominante era o taylorismo/fordismo. Esse sistema se destacava pela divisão fragmentada do trabalho, dependendo de trabalhadores habilidosos na execução de tarefas específicas ao longo da linha de produção. Desde então, emergiu outra forma de organização da produção: o Toyotismo.

2.1.1 Um novo modo de organizar a produção: o sistema toyotista

Originário no Japão como resposta à crise do capital ocorrida na década de 1950, o toyotismo surgiu nos bastidores das fábricas de automóveis e rapidamente se disseminou por todo o mundo como um modelo essencialmente flexível. O toyotismo surgiu como uma resposta aos limites do modelo de produção em massa do fordismo, predominante nos Estados Unidos. Ao contrário do fordismo, que se caracterizava por linhas de montagem rígidas e produção em grande escala de produtos padronizados, o toyotismo introduziu uma abordagem mais flexível e eficiente. Essa metodologia permitiu maior adaptação às demandas variáveis do mercado, utilizando práticas como a produção *just in time* e a ênfase na qualidade total. A flexibilidade do toyotismo não só aumentou a eficiência e a produtividade, mas também proporcionou uma vantagem competitiva significativa em relação ao modelo americano,

posicionando o Japão como um líder inovador na indústria automotiva e de manufatura. Esse sistema representou uma inovação significativa na forma como a indústria se organizava, bem como nas relações entre o capital e o trabalho, emergindo como uma alternativa dinâmica às práticas tradicionais do taylorismo/fordismo.

Antunes (2015) analisa o modelo toyotista como sistema produtor de mercadoria inserido no “espírito Toyota”, responsável pelo sucesso capitalista da empresa japonesa, propondo que os trabalhadores vivessem “o sonho” do capital, modificando o modo de ser da “classe que vive do trabalho”.

As indústrias japonesas, devido às suas experiências e esforços para elevar a produtividade, trabalhavam nos detalhes e evitavam os desperdícios, assim como o aproveitamento da capacidade dos trabalhadores na utilização da maquinaria. A organização da Toyota absorvia os trabalhadores e difundia seus interesses capitais, transformando novamente o mundo do trabalho através de seus ideais econômicos.

Em seus traços básicos, o toyotismo estabelece uma produção mais diretamente vinculada à demanda, diferenciando-se com frequência da produção em série e de massa do taylorismo-fordismo. É um sistema que se estrutura no trabalho em equipe, rompendo com o caráter parcelar típico do fordismo, baseando-se num processo produtivo flexível onde o/a trabalhador/a opera simultaneamente várias máquinas. O toyotismo tem como princípio o Just in time, metodologia que busca reduzir continuamente todo “estoque” de tempo e de efetivos. Esta baseia-se num aparato de informação e reposição de produtos chamados kanban. Confirma-se, por fim, uma estrutura produtiva mais horizontalizada, aspecto que se estende também a toda a rede de subcontratação das empresas, ampliando a chamada terceirização (Antunes; Pinto, 2017. p.64, grifos do autor).

Amplamente adotado pelas principais potências capitalistas em meio à crise que se desenrolava nos anos 1970, o toyotismo exigiu uma série de aprimoramentos nas competências profissionais, educacionais e comportamentais. O toyotismo precisava de outro tipo de trabalhador, agora polivalente, que poderia dar sugestões para melhorar a produção e que precisava se adaptar à flexibilidade do sistema produtivo. Como uma nova abordagem na criação de riqueza material, demandou uma reconfiguração na produção de conhecimento.

Nessa perspectiva, a educação foi convocada a gerar novos saberes em resposta às necessidades intrínsecas do toyotismo. Isso resultou na produção de novos conhecimentos no âmbito da educação profissional e tecnológica como uma consequência natural dessa nova abordagem econômica, uma educação influenciada pela lógica neoliberal.

Isso ocorreu concomitante aos questionamentos em relação aos métodos do taylorismo/fordismo nos países industrializados. O trabalho em equipe passa a representar, portanto, um desafio adicional para os trabalhadores, exigindo deles mais do que apenas

conhecimentos técnicos. A equipe de trabalho reforça, como nunca, as práticas cooperativas em oposição ao isolamento típico das posições na organização taylorista-fordista.

Em termos de uma educação formal, habilidades intelectivas como selecionar e relacionar informações em vários níveis de complexidade, desenvolver conhecimento por simbolização, acesso a recursos de informática e o domínio, ao menos básico, de línguas estrangeiras, passaram a ser exigências à medida que o uso de equipamentos de alta precisão técnica foi cada vez mais difundido. Daí a importância da ampliação da escolaridade em nível básico e mesmo superior, complementada por cursos de capacitação que ofereçam saberes-fazeres técnicos específicos demandados pelo mercado de trabalho, geralmente oferecidos nas modalidades à distância. Em termos de qualificação profissional, passou a ser demandada aos/às trabalhadores/as maiores experiências práticas nas atividades, o chamado “conhecimento tácito” (Antunes; Pinto, 2017, p.95, grifos do autor).

Ainda sob a gestão toyotista uma das inovações ocorreu nos domínios informais e comportamentais do sujeito. Nesse contexto, a cultura organizacional desempenhou um papel fundamental na distinção do sistema Toyota de produção e na sua eficácia. A abordagem toyotista priorizou não apenas a eficiência nas operações e processos, mas também a promoção de uma cultura de trabalho colaborativa, flexível e adaptável, essa nova cultura vai também para a educação fornecida aos futuros trabalhadores. No entanto, as mudanças nos processos de trabalho associadas à gestão flexível têm implicações significativas para os trabalhadores, incluindo o aumento da pressão por produtividade e a falta de estabilidade no trabalho. Gerando assim um aumento da incerteza nas carreiras, o que de alguma forma vai ser útil para o capital, pois fará os trabalhadores se mobilizarem menos com medo de perder um emprego em cenários de expansão do desemprego.

Com isso se dá ênfase na comunicação eficaz, na capacidade de trabalho em equipe e na disposição para a aprendizagem contínua. Os funcionários eram encorajados a participar ativamente na resolução de problemas e no aprimoramento dos processos, o que resultou em um maior envolvimento no trabalho, porém, a reestruturação produtiva do capital visa prioritariamente uma preocupação com o lucro e a eficiência econômica em detrimento de outros valores sociais, como o bem-estar dos trabalhadores. Isso tem levado a uma exploração exacerbada das condições de trabalho criando uma imagem enganosa de compromisso social, enquanto as práticas reais podem não refletir essa retórica.

2.1.2 A influência do modelo toyotista na educação

Os efeitos do toyotismo estão muito presentes na atualidade. Quando analisamos a reconfiguração do Estado, das instituições socioeducacionais, assim como da política

educacional do Novo Ensino Médio identificamos sua presença. Essas transformações impactam profundamente na formação de jovens que estão pensando na sua vida laboral e elaborando seus projetos de vida.

Os jovens que estão prestes a concluir uma etapa crucial do ensino, encontram-se imersos em uma sociedade competitiva que tem valorizado resultados desde muito cedo. A pressão por desempenho tanto na escola como na vida e a necessidade de se destacar em diversas atividades são características marcantes desse processo que são reflexos toyotistas no cotidiano da vida escolar e na sociedade em geral. Como apontam Dardot e Laval (2016, p.230, grifos do autor),

Daí o trabalho “pedagógico” que se deve fazer para que cada indivíduo se considere detentor de um “capital humano” que ele deve fazer frutificar, daí a instauração de dispositivos que são destinados a “ativar” os indivíduos, obrigando-os a cuidar de si mesmo, educar-se, encontrar um emprego.

Na sociedade contemporânea instituiu-se gradualmente a ideia de que o sucesso está intrinsecamente ligado à conquista de feitos desde os primeiros anos de vida acadêmica, tanto que quando um estudante não é aprovado ou tem dificuldade de aprendizagem, passa a sofrer um certo estigma, algumas vezes pelos próprios professores ou ainda por seus familiares. A competição é fomentada por diversos elementos, como a busca por vagas nas melhores instituições de ensino superior, melhores notas, melhor comunicação, entre outros, e, também, a expectativa e o sonho de ingressar em carreiras altamente valorizadas. Nesse contexto, a pressão para ser o melhor, torna-se uma realidade no Ensino Médio, não pela maioria dos estudantes, visto que parte deles sucumbe a pressão e desanimam para continuar estudando, começam a faltar nas aulas, o que pode ocasionar a evasão escolar e o adoecimento.

Nesse viés, o ambiente altamente competitivo pode resultar em consequências significativas, como altos níveis de estresse, agressividade, ansiedade e até mesmo em problemas de saúde mental. Nesse sentido, é essencial que educadores, pais e a sociedade em geral reconheçam que as pressões impostas aos estudantes podem adoecê-lo e assim buscar um ambiente educacional que valorize não apenas o bom aluno, mas também o crescimento pessoal, a resiliência, e a compreensão das próprias limitações. De que forma um estudante num ambiente escolar toyotista ainda vigente conseguirá prospectar seus projetos de vida? Seremos capazes de criar alternativas capazes de influenciar mudanças na vida dos estudantes do Ensino Médio no que se refere a vida dos sujeitos? Portanto, as juventudes necessitam de políticas públicas voltadas a eles, como instrumentos fundamentais para a construção de uma

sociedade mais justa e equânime, na qual jovens tenham não apenas a capacidade de organizar seus projetos de vida , mas também condições mais concretas para realizá-los.

Assim, torna-se importante trazer para essa discussão e definir o que se entende por juventudes, em diálogo com a problemática sobre a definição de juventude, Carraro (2005) salienta que:

Os gostos, as atitudes e comportamentos dos jovens se identificam atualmente pela multiplicidade e a ambivalência. É impossível reunir diversas condições sociais de existência em diferentes contextos e caracteriza uma única cultura de juventude. Num mesmo ambiente, em uma festa de família, se pode encontrar o jovem punk e o executivo; o ateu e o evangélico; o sério e o irônico; o que não fala com os pais e aquele que, ao contrário, estabelece com eles uma relação intensa; o que adora o estudo ou a escola e o que considera o esforço intelectual ou a vida escolar um aborrecimento ou perda de tempo. Essas distintas tipologias também não são fixas, caso consideremos os jogos de relações que compõem os processos de formação das muitas identidades de um mesmo indivíduo ou grupo .A juventude é uma categoria sociológica inventada pelos adultos; entretanto, torna-se cada vez mais difícil defini-la (CARRANO .2005.p157).

Essa diversidade de juventudes, com múltiplas vivências e realidades, chega ao ambiente escolar carregando novas formas de se relacionar e atribuir significados à escola. Promover a interação entre as culturas juvenis e a cultura escolar é um desafio essencial para estabelecer diálogos entre os jovens e a escola. Portanto, os caminhos, a função social, de trabalho, escola e educação precisam conhecer e entender melhor as várias juventudes, o papel do PV torna-se fundamental para conduzir e elevar esta compreensão.

2.2 Um novo modelo de trabalho trazido pela flexibilização toyotista

Uma das abordagens que se destaca nesse cenário e que vamos abordar em seguida é a flexibilização toyotista, um paradigma de organização e gestão que emergiu a partir do sistema de produção adotado pela Toyota, montadora de automóveis japonesa. Diante da crise do fordismo, as empresas capitalistas passaram a explorar a incorporação de algumas características do modelo japonês como uma solução para combater a queda na produtividade e acumulação. Essa adaptação resultou em um profundo processo de flexibilização no ambiente de trabalho. O predomínio do sistema de produção toyotista pode ser compreendido pelo aumento da eficiência na produção e pela redução dos custos, ao mesmo tempo em que, por meio de sua natureza flexível, busca manter a qualidade dos produtos, diversificação e durabilidade planejada.

Conforme destacado por Antunes e Pinto (2017, p.74):

O toyotismo só pode existir e as formas distintas de empresa flexível com base no envolvimento, na expropriação do intelecto do trabalho. Por isso passou a ser comum exigir-se dos/as trabalhadores/as não apenas a execução de variadas tarefas (operação e manutenção dos equipamentos, limpeza e organização do local de trabalho, controle de qualidade etc.), como ainda a responsabilidade de se reunir continuamente com a gerência, sugerindo melhorias nos processos de maneira a cortar estoques e elevar a produtividade.

Isso é alcançado em conjunto com uma maior intensificação do ritmo de produção e a introdução de novas abordagens relacionadas ao trabalho vivo. Com a adoção do modelo toyotista, a exploração do trabalho se intensificou devido à polivalência, visto que os trabalhadores passaram a assumir diversas responsabilidades e a operar uma gama maior de máquinas. A redução no número de empregados levou as fábricas a promoverem uma imagem de ambiente mais colaborativo, com gerentes e funcionários aparentando estar em pé de igualdade. Contudo, essa mudança resultou em uma maior exploração e alienação dos trabalhadores que se aprofundou e se tornou mais complexa.

Ao contrário da verticalização fordista, de que são exemplo as fábricas dos EUA, onde ocorreu uma integração vertical, à medida que as montadoras ampliaram as áreas de atuação produtiva, no toyotismo tem-se uma horizontalização, reduzindo-se o âmbito de produção da montadora e estendendo-se às subcontratadas, às “terceiras”, a produção de elementos básicos, que no fordismo são atributos das montadoras. Essa horizontalização acarreta também, no toyotismo, a expansão desses métodos e procedimentos para toda a rede de fornecedores. Desse modo, kanban, Just in time, flexibilização, terceirização, subcontratação, CCQ, controle de qualidade total, eliminação de desperdícios, “gerência participativa”, sindicalismo de empresa, entre tantos outros elementos, propagam-se intensamente (Antunes, 2015, p.46, grifos do autor).

Os Círculos de Controle de Qualidade (CCQ) têm como objetivo principal, eliminar os períodos de inatividade na produção. O trabalho em equipe apesar de aparentemente eliminar a separação entre execução e concepção, dado que o modelo japonês requer a participação do trabalhador, seu conhecimento e iniciativa no processo de trabalho é, em sua essência, uma apropriação do conhecimento do trabalhador. O processo é adaptado para atender às demandas do mercado de forma mais flexível. Em consonância dos princípios do sistema *just in time*, a produção é reconfigurada com o objetivo de reduzir os níveis de estoque e minimizar o desperdício de materiais e equipamentos. Ao mesmo tempo em que ocorre a reestruturação do trabalho, surge a necessidade de que os trabalhadores também sejam mais flexíveis. No modelo toyotista, em contraste com o sistema anterior que empregava trabalhadores especializados, é requerida uma mão de obra qualificada capaz de desempenhar diversas funções no processo produtivo. Dessa forma, a força de trabalho se adapta e se reorganiza conforme as exigências da produção. Ou faz isso ou não conseguirá ter acesso aos

postos de trabalho oferecidos no mercado. Isso amplia a pressão sofrida pelos trabalhadores, que terão inclusive de ampliar o período de estudo e ter as habilidades requeridas pelo toyotismo.

Embora alguns pensadores argumentem que o modelo japonês tenha reintegrado a conexão entre concepção e execução, permitindo ao trabalhador utilizar sua capacidade de iniciativa e criatividade, há uma perspectiva crítica sobre como isso pode, na realidade, ser uma forma de expropriação do conhecimento e habilidades do trabalhador. Antunes (2002) observa que

A necessidade de pensar, agir e propor dos trabalhadores deve levar sempre em conta os objetivos intrínsecos da empresa, que aparecem muitas vezes mascarados pela necessidade de atender ao mercado consumidor. Mas, sendo o consumo parte estruturante do sistema produtivo de capital, é evidente que defender o consumidor e sua satisfação é condição necessária para preservar a própria empresa (Antunes, 2002, p.39).

É evidente, de acordo com a observação de Antunes (2002), que a subjetividade que surge no ambiente fabril, relacionada à participação do trabalhador no processo de produção, carece de autenticidade e parece desconexa. Essa desconexão diz respeito tanto ao produto fabricado quanto ao destinatário final desse produto.

Essa mudança ganhou relevância significativa a partir da década de 1980 e teve profundas implicações nas estruturas tradicionais do trabalho, no que se refere aos termos de organização e as relações laborais. O trabalho vivo vai, progressivamente, cedendo espaço para o trabalho morto, problemática que analisaremos a seguir. Esses desdobramentos têm levado gradativamente a uma profunda reflexão sobre os rumos da sociedade contemporânea.

Para compreender plenamente os efeitos da flexibilização toyotista no mundo do trabalho, recorreremos à perspicácia analítica de Ricardo Antunes, cujas reflexões críticas se destacam nesse campo. Ele oferece uma análise profunda das mudanças em curso, examinando as nuances das transformações e sua interação com fatores sociais, econômicos e políticos. De acordo com Antunes (2005), a flexibilização toyotista implicou numa reconfiguração radical das formas tradicionais de organização do trabalho. Ela se caracteriza pela ênfase na multifuncionalidade dos trabalhadores, pela quebra das rígidas hierarquias e pela adoção de equipes multifuncionais, tudo isso em prol da adaptabilidade às demandas mutáveis do mercado. Essa abordagem não se limita a aspectos técnicos de produção, mas permeia toda a estrutura organizacional, afetando profundamente a vida dos trabalhadores e das instituições sociais na medida em que essa lógica difunde-se na sociedade. Troca-se o

mundo fordista / taylorista que garantia estabilidade na carreira, apesar do trabalho repetitivo para uma outra lógica em que os trabalhadores passam a ser multifuncionais, mas são mais pressionados e vivem mais a incerteza e a instabilidade na carreira.

O diagnóstico das mudanças em curso aponta para uma série de efeitos e implicações decorrentes da flexibilização toyotista. Conforme aponta Antunes (2005), a ênfase na multifuncionalidade e na flexibilidade do trabalho frequentemente resulta em uma intensificação das jornadas laborais. A fragmentação das tarefas, embora permita uma resposta mais ágil às mudanças, também pode gerar uma sensação de alienação e despersonalização do trabalho, prejudicando a qualidade de vida dos trabalhadores. Essa ideia é aprofundada também por Sennett (2009), quando analisa os efeitos da flexibilização na corrosão do caráter e será retomada no capítulo terceiro.

Além disso, Antunes (2005) destaca a crescente insegurança no emprego como uma das consequências mais preocupantes da flexibilização toyotista. A adoção de contratos temporários, trabalho parcial e terceirização podem levar a uma instabilidade constante. No caso brasileiro complementada pela Reforma Trabalhista, de 2017, minando a estabilidade econômica e psicológica dos trabalhadores. Isso gera uma preocupação constante com a manutenção do emprego, comprometendo o bem-estar e a autoestima dos indivíduos. Além de enfraquecer a luta dos trabalhadores, inclusive a sindicalização.

A análise de Antunes permite, também, uma compreensão mais profunda das consequências para os próprios trabalhadores. A intensificação do trabalho e a insegurança deste, não apenas afeta o bem-estar individual, mas também têm implicações para a coesão social. Como ressalta Antunes (2009), essa nova configuração do mundo do trabalho pode contribuir para a erosão da solidariedade e para o enfraquecimento das relações entre os trabalhadores, minando a capacidade de organização coletiva.

À luz das reflexões de Antunes (2009) podemos afirmar que as transformações no mundo do trabalho no contexto da flexibilização toyotista revelam um panorama complexo e multifacetado. As mudanças em curso não podem ser entendidas isoladamente, mas como parte de um sistema interconectado de relações sociais, econômicas e políticas. O impacto sobre os trabalhadores, embora variado, frequentemente resulta em uma intensificação do trabalho, insegurança e desafios para a coesão social. A compreensão desses efeitos é essencial para informar políticas e práticas que busquem mitigar os impactos negativos e promover uma reconfiguração mais justa e equilibrada do mundo do trabalho no contexto da flexibilização toyotista.

Com as mudanças no mundo do trabalho uma série de transformações profundas e

aceleradas redefinem a maneira como encaramos o trabalho, a carreira e a interação com as organizações sociais. Essas mudanças não são apenas observáveis no âmbito econômico, mas também refletem uma evolução cultural, tecnológica e social que está moldando o futuro da atividade laboral e a vida das pessoas.

A globalização, por exemplo, expandiu nossos horizontes de trabalho além das fronteiras nacionais. Empresas operam em uma escala internacional, criando uma rede complexa de interconexões econômicas. Isso gerou a necessidade de compreender e colaborar com diferentes culturas, além de se adaptar rapidamente a novas realidades empresariais. Nesse cenário, o domínio de línguas estrangeiras e a capacidade de trabalhar em equipes multiculturais tornaram-se habilidades valiosas.

Comecemos enumerando algumas mudanças e transformações ocorridas nos anos 1980. Em uma década de grande salto tecnológico, a automação, a robótica e a microeletrônica invadiram o universo fabril, inserindo-se e desenvolvendo-se nas relações de trabalho e de produção do capital. Vive-se, no mundo da produção, um conjunto de experimentos, mais ou menos intensos, mais ou menos consolidados, mais ou menos presentes, mais ou menos tendenciais mais ou menos embrionários (Antunes, 2015, p.33).

A revolução tecnológica, com sua incessante busca por inovações, tem sido tanto um catalisador quanto um disruptor no mundo do trabalho. A automação e a inteligência artificial alteraram a natureza das tarefas que realizamos, substituindo algumas e criando outras completamente novas. Essa dinâmica tem exigido uma habilidade crucial dos trabalhadores: adaptabilidade. Aqueles que abraçam a aprendizagem contínua e estão dispostos a se reinventar estão em uma posição mais vantajosa nesse ambiente em constante mudança.

O advento do trabalho remoto e da flexibilidade veio como uma resposta às transformações em curso que demandam equilíbrio entre vida profissional e pessoal. A pandemia deu um empurrão ainda maior nessa direção, evidenciando que muitas tarefas podem ser realizadas fora dos espaços tradicionais de escritório. No entanto, essa transformação também trouxe consigo desafios. A linha entre trabalho e vida pessoal tornou-se mais tênue. A solidão do trabalhador remoto tornou-se uma preocupação legítima, sendo que a flexibilidade se tornou um novo padrão de vida e as consequências resultam numa cultura de insegurança. Nesse sentido, Sennett (2009, p. 9-10) destaca que:

Hoje se usa a flexibilidade como outra maneira de levantar a maldição da opressão do capitalismo. Diz-se que, atacando a burocracia rígida e enfatizando o risco, a flexibilidade dá as pessoas mais liberdade para moldar suas vidas. Na verdade a nova ordem impõe novos controles, em vez de simplesmente abolir as regras do passado – mas também esses novos controles são difíceis de entender. O novo

capitalismo é um sistema de poder muitas vezes ilegível.

A economia e a ascensão do trabalho *freelance* têm redefinido a própria noção de emprego estável. Com o avanço da tecnologia e o aumento da conectividade, a ascensão desse modelo de trabalho tem se tornado uma tendência cada vez mais comum. Muitos profissionais estão optando por carreiras independentes devido à flexibilidade, autonomia e oportunidades de ganhos financeiros que esse modelo oferece. Além disso, a globalização e a digitalização têm facilitado o acesso a clientes em todo o mundo, ampliando o potencial de mercado para esses trabalhadores em diversas áreas, como design, redação, programação, consultoria, entre outros. A liberdade de horários e a capacidade de trabalhar remotamente também têm contribuído para a popularização desse tipo de trabalho, que permite aos profissionais conciliarem melhor a vida pessoal e profissional. Embora ofereça liberdade e diversidade de experiências, também pode trazer insegurança financeira e a necessidade de uma gestão mais ativa da carreira.

Para Ricardo Antunes (2020, p 15, grifos do autor),

É certo que uma parcela de “novos trabalhos” será criada entre aqueles com mais “aptidões”, mais “inteligência”, mais “capacitações” (para recordar o ideário empresarial), amplificando o caráter de segregação societal existente. Contudo, é impossível não deixar de alertar, com todas as letras, que as precarizações, as “subutilizações”, o subemprego e o desemprego tenderão a aumentar celeremente.

As transformações no mundo do trabalho não podem ser dissociadas das mudanças demográficas e geracionais. Diferentes gerações coexistem nas empresas, cada uma trazendo valores, expectativas e formas distintas de encarar o trabalho. A geração mais jovem busca propósito e impacto nas suas atividades laborais, enquanto as gerações mais antigas podem valorizar a estabilidade e a segurança. Essa diversidade de perspectivas exige uma liderança mais flexível e uma abordagem personalizada para motivar e gerenciar equipes.

Em meio a essas transformações, cresce a necessidade de um aprendizado contínuo e o desenvolvimento de habilidades relevantes. A capacidade de se adaptar, aprender com rapidez e adotar uma mentalidade de crescimento tornou-se a moeda mais valiosa no mundo do trabalho atual que exige não apenas competência técnica, mas também inteligência emocional, habilidades de comunicação e uma capacidade de colaborar em ambientes virtuais e presenciais.

Em suma, as transformações no mundo do trabalho são uma realidade inegável. No entanto, em meio a todas as mudanças, a resiliência humana e a busca por crescimento pessoal

e profissional permanecem constantes. Encarar essas transformações como perspectivas para evoluir é o que permitirá que os indivíduos prosperem em um cenário em constantes mudanças. Diante dessa realidade, surge uma questão crucial: como os jovens, que nasceram em meio a essa dinâmica, podem moldar seus projetos de vida? Eles estão inseridos em um contexto em que as nuances do mundo ao seu redor ainda estão se desvendando, enquanto enfrentam as incertezas trazidas pela flexibilização toyotista.

É notável que o toyotismo ou o modelo de acumulação flexível, incorporou elementos das abordagens fordista e taylorista em sua dinâmica. Atualmente, estamos imersos em um mundo em que características dessas três concepções coexistem. Essa situação se torna ainda mais complexa em um cenário no qual as transformações provenientes da hiperconectividade aumentam a cada dia.

2.3 A relação trabalho e educação: a máquina na vida do sujeito e o sujeito dando vida à máquina

Nos últimos anos, temos testemunhado uma mudança gradual na qual a eficiência da máquina tem transformado progressivamente a vida do trabalhador humano. Importante destacar que a IA tem inclusive substituído e colocado em risco o trabalho de quem faz trabalho intelectual.

E essa mudança é particularmente evidente na produção em série na indústria, que produz grandes quantidades de bens em um tempo reduzido. Esse fenômeno tem levado à substituição gradativa do chamado trabalho vivo (realizado por humanos) pelo trabalho morto (realizado por máquinas), também tem influenciado significativamente na escolha de profissões. Hoje temos muitos jovens confusos que não sabem qual caminho profissional seguir em função do impacto da automação o que pode ser discutido e oportunizado pela escola, em especial no componente Projeto de Vida, em que essas reflexões fazem parte do cotidiano dos jovens.

A modernidade trouxe impactos consideráveis nos projetos de vida dos jovens, que agora devem considerar a crescente automação e a transformação das profissões tradicionais, bem como as alterações na esfera educacional.

Karl Marx (1946) sustentava a visão de que a contínua empreitada dos capitalistas em substituir progressivamente o trabalho humano por máquinas resultaria em efeitos contraproducentes. Marx (2003) aborda, no capítulo 13 do primeiro volume de sua obra "O Capital – Crítica da Economia Política", a transformação que o avanço na divisão do trabalho

impôs sobre o papel da força de trabalho. Ele concluiu que, com a introdução da maquinaria, o trabalho havia sido efetivamente subjugado pelo capital. Essa análise se refere ao período da Revolução Industrial, que começou no final do século XVIII e se estendeu ao longo do século XIX. Desde essa época, as relações de produção e o papel da força de trabalho tem sido continuamente transformados e reconfigurados pela tecnologia e pelo desenvolvimento econômico.

Importante destacar que na tradição marxista, o trabalho tinha o sentido de produção da subsistência e da própria constituição do ser humano. No entanto, essa concepção sofreu significativas mutações trazidas pela evolução tecnológica e as substituições laborais. A forma tradicional do trabalho, que uma vez se baseava na capacidade humana de produzir e se desenvolver, foi profundamente alterada pela introdução de tecnologias avançadas e pela automação, modificando tanto a estrutura do mundo do trabalho quanto as expectativas e aspirações dos jovens que estão hoje no Ensino Médio.

Em Concórdia/SC, como em muitas outras regiões do país, a automação e a introdução de novas tecnologias têm impactado significativamente o mundo do trabalho. A substituição de trabalhadores humanos por máquinas e sistemas automatizados é uma tendência que não apenas reduz a demanda por mão de obra, mas também altera a natureza das competências necessárias para trabalhos disponíveis. Isso pode gerar incertezas e desafios para os jovens que estão buscando se preparar para o mundo do trabalho.

O componente curricular Projeto de Vida pode ser um momento valioso para ajudar os jovens a planejar e visualizar suas futuras carreiras, se autoconhecendo em um mundo onde a automação está cada vez mais presente. Ao discutir as realidades do mundo do trabalho na atualidade e as tendências futuras, os professores podem ajudar os alunos a identificar áreas de interesse que estejam alinhadas com suas habilidades e aspirações e de acordo com seus projetos de vida.

Notamos que a máquina tornou-se uma parte integrante da vida de muitos, com exemplo claro, como os celulares, que se tornaram praticamente indispensáveis no cotidiano das pessoas. Essa transformação reflete na automação de processos, nas mudanças fundamentais na estrutura econômica e nas relações de produção, características do estágio atual do sistema capitalista. A crescente dependência de bens de consumo tecnológicos evidencia como a automação está remodelando as necessidades e hábitos da sociedade. Além disso, essa mudança tecnológica tem profundas implicações nas formas de trabalho e na maneira como os indivíduos se inserem no mundo do trabalho, afetando desde as profissões até os projetos de vida dos jovens.

A escola, portanto, desempenha um papel crucial na orientação desses jovens, pois precisam compreender as mudanças ao longo do processo que atualmente afeta diretamente na escolha de uma profissão; também aborda as implicações sociais e emocionais da substituição do trabalho vivo pelo trabalho morto. Nesse ínterim apontamos o Componente Projeto de Vida e o Mundo do Trabalho com um papel significativo na vida desse estudante, pois é essencial que existam momentos de estudos e debates sobre essas mudanças para melhor compreensão da realidade. Oferecer suporte pedagógico, reflexão, debates, conhecimento e autoconhecimento pode ser fundamental para ajudar os estudantes a navegar nessas transições com mais propriedade.

Percebemos que à medida que a automação avança, a economia e as relações de produção sofrem uma reestruturação, na qual o trabalho humano é cada vez mais substituído por máquinas eficientes. Esse fenômeno redefine não apenas o conceito de trabalho, mas também influencia as aspirações e as escolhas profissionais das novas gerações. No contexto do capitalismo, a integração de tecnologias avançadas nos processos produtivos revela uma dinâmica de consumo acelerada, na qual a demanda por inovação constante torna-se um imperativo. Essa interdependência entre tecnologia e economia ilustra como as transformações no mundo do trabalho são, simultaneamente, causas e consequências das evoluções tecnológicas, refletindo uma era de mudanças rápidas e profundas na sociedade.

No que se refere à intelectualização do trabalho decorrente da revolução tecnológica que tem sido observada globalmente, Antunes (2002) pondera que, em paralelo à diminuição quantitativa da força de trabalho tradicional, ocorre uma transformação qualitativa na natureza do trabalho. O autor utiliza o termo "substituição do trabalho vivo pelo trabalho morto" para descrever essa mudança, na qual ocorre "a redução da parcela variável do capital, como resultado do aumento de sua parcela constante" (Antunes, 2002, p. 78).

Essa substituição progressiva do trabalho humano pela automação leva a uma série de consequências sociais e econômicas. Por um lado, a automação pode aumentar a produtividade e reduzir custos para as empresas. Por outro lado, ela pode resultar em desemprego e subemprego, uma vez que as máquinas assumem funções que antes eram realizadas por pessoas. Essa perspectiva desvaloriza o trabalho humano e promove uma cultura de consumo rápido e obsolescência planejada, em que os bens são produzidos para serem descartados rapidamente, perpetuando um ciclo de consumo insustentável e precariedade laboral resultando em uma progressiva redução do trabalho humano ativo e em sua substituição pelo trabalho automatizado, segundo a terminologia de Marx (Antunes, 2005). Mesmo sob a influência de uma profunda reestruturação produtiva e tecnológica, o

capital não foi capaz de eliminar totalmente o trabalho humano ativo do processo de produção de mercadorias. É nesse sentido que Antunes (2005) fala de metamorfose no mundo do trabalho e não sua eliminação.

O capital, mesmo diante de amplas reestruturações produtivas desencadeadas pelas mutações tecnológicas, permanece incapaz de eliminar por completo o trabalho humano do processo de produção de mercadorias, porém, tem modificado consideravelmente. Ele tem a capacidade de maximizar a presença do trabalho "morto" incorporado nas tecnologias mecânicas e científicas, resultando em um aumento da produtividade laboral ao intensificar as formas de extração de sobretrabalho em intervalos de tempo cada vez mais reduzidos. Isso ocorre na medida em que o tempo e o espaço se metamorfoseiam nessa fase dos capitais globais e destrutivos.

O cerne da questão que precisa ser examinado diz respeito à maneira pela qual, na era da Indústria 4.0¹, o "trabalho morto" adquire vida por meio da automação, operando como uma força autônoma que gradualmente suprime o "trabalho vivo", levando a sua substituição progressiva. No entanto, isso não implica na completa eliminação do "trabalho vivo", no contexto da produção global como um todo, visto que ele continua a ser vital para a própria fabricação das máquinas.

Por outro lado, o avanço tecnológico, ao reduzir a necessidade de "trabalho vivo", dá origem a novas formas e oportunidades de trabalho, na medida em que novas especializações surgem em decorrência da divisão do trabalho em termos do resultado global. O "trabalho vivo" está em declínio progressivo, uma vez que, quantitativamente, o surgimento dessas novas especializações não é suficiente para compensar a sua diminuição.

Na era digital uma contradição aprofunda-se entre o trabalho vivo e o trabalho morto. A digitalização automatiza toda uma cadeia produtiva por meio de tecnologias que, ao mesmo tempo em que reforçam a separação física entre o trabalho intelectual e manual como sujeitos do trabalho vivo, também integram e conectam eletronicamente cérebros e mãos artificiais na forma de trabalho morto.

Em outras palavras, embora cérebros e mãos humanas estejam separados de maneira hostil, artificialmente estabelece-se uma ampla conexão por meio de robôs globalmente conectados, envolvendo todas as etapas (subjetivas e objetivas) da produção, desde o processo

¹ Indústria 4.0 é uma nova revolução industrial que se inicia em 2012 na Alemanha e, como as demais revoluções, é seguida e implementada nas grandes potências econômicas do mundo. Tem como base a IOT – Internet of Things (Internet das Coisas) e o Big Data (base de dados de grande capacidade).

de trabalho até todo o ciclo econômico derivado, abrangendo logística, distribuição, consumo e financeirização. Nesse contexto está também a inserção da inteligência artificial.

Assim, o trabalho morto "ganha vida" e unidade nas máquinas automatizadas e digitalmente conectadas em redes, assumindo como um sujeito autônomo a supremacia sobre o trabalho vivo fragmentado em escala global. Em suma, a contradição se manifesta na separação e fragmentação do trabalho como sujeito (trabalho vivo), ao mesmo tempo em que se torna altamente conectado como uma força autônoma pela automatização digital (trabalho morto).

Antunes (2020) defende que as empresas flexíveis, impulsionadas pela expansão informacional-digital e sob o comando do capital financeiro, estão impondo um cenário destrutivo do trabalho vivo. O autor diz que ao criar cenários de trabalho na atualidade o fenômeno é caracterizado por diversas formas de empregos intermitentes e tem implicações significativas para o mundo do trabalho e a economia global. Essas formas de empregos incluem trabalhos temporários, contratos de curto prazo, freelancers e outras modalidades nas quais os trabalhadores não têm empregos permanentes e consistentes e nem direitos trabalhistas. Essa realidade está potencializando a criação de um extenso exército global de subempregados e desempregados do mercado formal que se inserem em atividades extremamente precarizadas.

Antunes (2020) também destaca que, apesar da nomenclatura "flexível" a aplicação de novos computadores, robôs e plataformas nos processos de trabalho estão aumentando a capacidade do capital em controlar o trabalho, e, assim, o sujeito passa a se cobrar pelo desempenho, alimentando a lógica do capital. Nessa conjuntura entra também a remuneração variável, que força os trabalhadores a cumprirem metas para obterem uma melhor remuneração

Há muito o que se desbravar e aproximar as discussões do mundo informatizado, globalizado do trabalho com os jovens estudantes, essa realidade precisa ser evidenciada, mostrada, pois suas vidas, seus interesses e formação fazem parte desse contexto, de maneira geral o jovem possui pouca oportunidade de discussão em espaço de aula regular na escola, acreditamos que necessitem de momentos que mostrem e levem a reflexões sobre as realidades, que são complexas e que afetam seus interesses, vontades e planos a curto e longo prazo, essas questões precisam ser evidenciadas pelo currículo e pelo componente Projeto de Vida, e amplamente trabalhado pelo professor em sala de aula.

2.4 A influência do modelo fabril na educação

Através de pressões econômicas a educação tem consolidado modelos gestados pelo capital, a partir do século XX, na concepção do mundo da fábrica e do setor automobilístico a educação passou a ser força de trabalho nesse período como método e organização. A escola se apropriou do modelo taylorista e fordista para organizar a disciplina escolar, currículos, disciplinas, cadeiras em ordem e hoje está sujeita a flexibilidade neoliberal toyotista.

O taylorismo e o fordismo, originalmente focados na eficiência e padronização industrial, influenciaram a educação por meio de currículos homogêneos, avaliações padronizadas e a fragmentação do conhecimento, resultando em um sistema rígido que resultou em limitações da criatividade e da individualidade dos alunos.

Por outro lado, o toyotismo, com sua ênfase na flexibilidade, qualidade e participação, apesar de parecer mais progressista, apresenta desafios como a potencial orientação excessiva para o mercado, preparando os alunos para serem trabalhadores eficientes em vez de cidadãos críticos e conscientes.

Os sistemas de trabalho desse modelo tiveram suas diferenças em períodos alternados, no final do século XIX e início do século XX, no entanto, mantiveram a mesma finalidade, buscaram na força produtiva do trabalho o diferencial capital, com esse movimento influenciaram a educação no que tange a qualificação do trabalhador no intuito de desempenhar melhor suas atividades em seu posto de trabalho.

Por isso, o taylorismo-fordismo colocou como horizonte um projeto de educação baseado em escolas técnicas ditas “profissionalizantes”, cujo mote era formar os/as estudantes para o trabalho assalariado, ou melhor, formar a sua força de trabalho para o mercado. Toda mercadoria deve ter um valor de uso, portanto, os saberes fazeres a serem formados estão, evidentemente, determinados já nos currículos a serem cumpridos nessas instituições. As grades curriculares e sua distribuição em cargas de horas/aula em si explicam a estrutura de comércio na qual será consumido esse conhecimento pelas empresas como capital variável, como trabalho concreto urdido em trabalho abstrato. Dentro dessa finalidade, o taylorismo-fordismo colocou como horizonte à educação uma pragmática da especialização fragmentada. Uma educação moldada por uma pragmática técnica que direciona a qualificação do trabalho nos limites da coisificação e da fragmentação impostas pelo processo de trabalho capitalista (Antunes; Pinto, 2017, p.78, grifos do autor).

A citação de Antunes; Pinto (2017) oferece uma análise profunda sobre como os modelos taylorista-fordista influenciaram a educação, especialmente no contexto das escolas técnicas profissionalizantes. Esses modelos estabeleceram um horizonte educacional focado na formação de uma força de trabalho qualificada para o mercado, tratando o conhecimento como uma mercadoria a ser consumida pelas empresa,o enfoque tem sido em formar apenas

para o trabalho deixando de lado a formação do sujeito como cidadão.

Também sugere que o modelo educacional taylorista-fordista, ao focar na especialização e fragmentação, pode desumanizar e limitar o potencial criativo dos trabalhadores. Essa abordagem transforma a educação em um meio de produção de capital humano altamente especializado, mas desconectado das dimensões mais amplas e significativas do desenvolvimento humano.

No contexto atual, a automação e a globalização continuam a redefinir o mercado de trabalho, a crítica de Antunes é especialmente relevante. Há uma necessidade crescente de reavaliar os objetivos da educação para que ela não apenas prepare os indivíduos para o trabalho, mas também para torná-los cidadãos críticos e conscientes, capazes de navegar e influenciar mudanças na sociedade onde vivem.

Segundo Antunes e Pinto (2017, p.81) “a educação taylorista-fordista é, pois, uma educação puramente formal, parcelar e hierarquizada perpetuadora da nefasta divisão social entre trabalho intelectual e trabalho manual”, o que foge de todos os ideais da educação voltados à ampliação de conhecimento do estudante, implanta-se a alienação destes, perpetuando a divisão de classes. Antunes (2018) observa que o ideal do capital toma conta de todos os níveis e setores da vida das pessoas, em função de seus interesses e metas econômicas e com a força de trabalho com baixa qualificação, passa a estruturar a educação de acordo com suas finalidades e molda o alunado de uma época para a servidão. Temos vivenciado a força do capital como norteador da sociedade, invadindo a vida das pessoas e utilizando-se da educação para ampliar seus interesses, na atualidade vislumbramos mesclas do sistema taylorista-fordista dividindo a educação destinando aos pobres a formação para o trabalho e os demais para o trabalho intelectual.

Antunes (1997) analisa o transcurso do processo taylorista/fordista para o toyotista e discorre sobre as mudanças realizadas na forma como o trabalhador se sente no ambiente de trabalho. Agora chamado de “colaborador”, o sujeito é convidado a se sentir parte da empresa e, como tal, é conveniente que se preocupe com questões que antes eram avaliadas apenas pelos supervisores da produção, como novos métodos de aperfeiçoamento do trabalho e solução de problemas no seu núcleo de produção. Ao sentir-se como parte da empresa, o trabalhador relaciona a melhora no desempenho do processo produtivo como sendo uma vitória pessoal. Há, ainda, a promessa de que quanto mais eficiente for o seu desempenho, melhores serão as condições de crescimento profissional. Esse cenário faz com que as condições impostas sejam mais facilmente naturalizadas e aceitas como única forma possível de organização do trabalho.

O toyotismo apoia-se na educação alinhada com as exigências de seu sistema de produção, enfatizando a flexibilidade, a adaptação, a autonomia, e a multifuncionalidade. A ênfase toyotista visa capacitar a força de trabalho para se adaptar às condições do mercado. Sendo que a escola desempenha um papel central como a instituição encarregada do processo de ensino, da formação e da sociabilidade dos indivíduos, essa nova dinâmica gradualmente se incorpora ao ambiente educativo. Isso ocorre à medida que a educação, de acordo com o novo paradigma flexível, busca otimizar o aproveitamento da força de trabalho quando ingressa no processo produtivo, verificamos que a lei nº 13.415/2017, discutida de forma mais ampla nos demais capítulos, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabeleceu mudanças na estrutura do Ensino Médio, definindo uma organização curricular flexível, denota total semelhança ao período toyotista pois coloca a educação e a escola a serviço da força do capital, junto a isso teve a reforma trabalhista de 2017.

A escola também passou a assemelhar-se a uma empresa, não se limitando a ser uma instituição, mas adotando um caráter organizacional, adaptável e fluido, o que gera uma considerável dose de incerteza. Laval (2019) critica a ideia de a escola ser considerada uma empresa, ele afirma que: “reduzir a escola à lógica empresarial significa submeter a educação às leis do mercado, transformando-a em um mero instrumento de produção de capital humano, e negligenciando seu papel essencial de promover a emancipação e o desenvolvimento crítico dos indivíduos” (2019, p.95).

No contexto toyotista, o indivíduo é desafiado a adquirir a habilidade de avaliar riscos e a planejar, organizando sua própria vida de acordo com essa dinâmica. Esse discurso também reflete uma tendência globalizada, fundamentada na ideia de que a escola precisa ser renovada e flexibilizada. Apesar de apresentar uma aparência humanista, na realidade, suas raízes estão firmemente ancoradas em necessidades puramente utilitaristas da educação.

Para Laval (2019, p. 23, grifos do autor),

Esse viés está diretamente ligado ao modelo da escola como “empresa educadora”, administrada conforme os princípios da nova gestão e submetida à obrigação de apresentar resultados e inovações. A instituição é instada a se transformar em uma “organização flexível”.

Dessa forma, a responsabilidade pelo êxito ou insucesso na vida do trabalhador recai sobre o próprio indivíduo o que é uma violência psicológica, sendo que suas falhas, erros e a falta de iniciativa ou capacidade de adaptação não podem ser atribuídos a terceiros. Denota-se que a vida do indivíduo tem se assemelhado a uma empresa e ele empresa de si mesmo: “para

alguns neoliberais contemporâneos, tanto a relação consigo mesmo como a relação com os bens exteriores devem tomar como modelo a lógica da empresa como unidade de produção em concorrência com os outros” (Dardot; Laval, 2016, p. 132). Essa é uma questão preocupante para estudantes do Ensino Médio na medida em que o jovem pela lógica neoliberal o responsabiliza tanto pelo sucesso como pelo fracasso, diante disso o que significa pensar o projeto de vida nessa tensão?

Ao refletir sobre a vida escolar no contexto das juventudes, observa-se que os jovens estão imersos em um sistema que influencia profundamente suas vidas. Embora estejam inseridos nesse sistema, muitas vezes não conseguem compreendê-lo plenamente. Isso faz com que suas decisões sejam, em grande parte, guiadas por uma estrutura que não controlam, o que acaba mascarando a realidade.

Como consequência o processo de amadurecimento e as escolhas de longo prazo dos jovens se tornam ainda mais complexos. A lógica capitalista e a sociedade do desempenho, focadas no presente imediato, afastam a juventude de reflexões mais profundas sobre o futuro, dificultando a construção de projetos de vida.

Para atender às demandas do capital, as reformas educacionais foram direcionadas para a criação de uma visão de escola e educação mais flexíveis e precarizadas. Isso culminou na consolidação da teoria do capital humano² como o ideal de investimento individual do trabalhador para assegurar sua empregabilidade, responsabilizando apenas o sujeito.

Importante mencionar na sequência a lógica do capital e como se desenrolava as reformas no Brasil nas décadas de 1970, 1980 e 1990, onde a população vivenciou intensas transformações econômicas e políticas, que também se refletiram no campo da educação. Como um país na periferia do capitalismo global, as iniciativas educacionais revelaram as contradições de um sistema que ora buscava modernização e inclusão, ora sucumbia às limitações impostas por crises financeiras e políticas de austeridade.

² A ideia de investimento em capital humano como motor de desenvolvimento econômico é uma determinada concepção de formação humana nos marcos restritos das necessidades de mercado. Enfatiza os conhecimentos úteis que o estudante deve adquirir para impulsionar a produtividade dos setores econômicos, a fim de potencializar a competitividade nos mercados local e internacional, ou para criar condições de empregabilidade, isto é, desenvolver habilidades e competências que potencializem a inserção do indivíduo no mercado de trabalho. A formação humana é diretamente articulada com a formação da força de trabalho, sendo esta considerada um dos fatores de produção, assim como o maquinário. Trata-se de uma concepção predominante na história da educação brasileira, legitimada em políticas públicas de educação em diferentes momentos dos ciclos do capital. No caso brasileiro, no período nacional-desenvolvimentista, difundia-se a necessidade de investir no capital humano, articulado ao projeto de modernização da nação, como um mecanismo para avançar etapas de desenvolvimento econômico e social; no atual ciclo de globalização neoliberal, esse investimento é justificado pelo aumento da competitividade no mercado internacional e para gerar condições de empregabilidade. (De Rosana Nunes Falcão Silva, publicado em 2021. O artigo está disponível na Revista Educação e Sociedade, p.34.)

Nos anos 1970, durante o período conhecido como "Milagre Econômico", o Brasil investiu na expansão do acesso à educação básica e superior como parte dos esforços de industrialização e modernização. No entanto, esse crescimento rápido das matrículas escolares não foi acompanhado por investimentos adequados em qualidade, infraestrutura ou formação de professores. A educação, naquele momento, era vista como um meio para preparar a mão-de-obra técnica necessária ao crescimento econômico, mas as profundas desigualdades no acesso e na qualidade dos serviços educacionais refletiam as disparidades socioeconômicas do país. Essa expansão sem qualidade perpetuava um ciclo de exclusão, onde a educação pública, especialmente para as classes mais baixas, permanecia deficitária, reforçando as barreiras ao desenvolvimento .

A década de 1980, marcada pela crise da dívida externa e pela adoção de políticas de ajuste estrutural, foi um período ainda mais difícil para a educação brasileira. Com a economia em recessão e a hiperinflação corroendo os recursos públicos, os investimentos em educação foram drasticamente reduzidos, levando a uma deterioração significativa na qualidade do ensino. Segundo o educador Paulo Freire, “a educação brasileira vivia uma profunda crise de identidade, sufocada pela falta de recursos e pela visão tecnicista que dominava a política educacional” (Freire, 1984, p. 67). O setor educacional enfrentou um cenário de infraestrutura precária, baixos salários para professores e altas taxas de evasão escolar, refletindo a instabilidade econômica e a falta de prioridade política para a educação pública.

Nos anos 1990, com a estabilização econômica proporcionada pelo Plano Real e as reformas neoliberais, o Brasil iniciou um movimento de reforma educacional, visando modernizar e tornar o sistema mais inclusivo. A promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 1996 foi um marco importante, estabelecendo novas diretrizes para gestão, financiamento e currículos escolares. Programas como o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF) emergiram com o objetivo de universalizar o Ensino Fundamental e combater o analfabetismo. Apesar dessas reformas, o contexto de restrições fiscais e a lógica de eficiência gerencial frequentemente priorizavam quantidade sobre qualidade, resultando em avanços Saviani destacou que “as reformas educacionais dos anos 1990, embora bem-intencionadas, não enfrentaram de maneira efetiva as desigualdades históricas do sistema educacional brasileiro” (Saviani, 1999, p. 214).

De maneira crítica, a trajetória da educação no Brasil ao longo dessas décadas demonstram como as políticas educacionais refletiram as contradições do desenvolvimento

periférico. Embora reconhecida como uma chave para a transformação social e econômica, a educação frequentemente foi subjugada às necessidades econômicas imediatas e às restrições impostas por crises financeiras e ajustes estruturais ditados por organismos internacionais. A desigualdade no acesso e na qualidade da educação continuou a perpetuar a divisão entre aqueles que tinham condições de competir em um mercado globalizado e os que eram deixados à margem, reforçando as dinâmicas de exclusão e dependência características dos países na periferia do capitalismo.

O desafio de construir um sistema educacional que promova não apenas a inserção econômica, mas também a cidadania plena e a redução das desigualdades sociais, permanece como discussão central para o Brasil. As tentativas de reforma e os avanços parciais durante essas décadas mostram que, enquanto a educação for tratada como uma prioridade secundária ou um mero suporte ao crescimento econômico, as promessas de desenvolvimento inclusivo e equitativo continuarão a ser uma meta distante.

O Brasil em 1995 no governo Fernando Henrique Cardoso, protagonizado por organismos internacionais multilaterais, principalmente pelo Banco Mundial e OCDE, iniciou mudanças na educação e suas funções, justificando a implementação de reformas, num sentido mais amplo, de consolidação da ideologia neoliberal. A partir do projeto neoliberal, a educação assumiu cada vez mais contornos mercadológicos e meritocráticos, perdendo sua qualidade de direito fundamental. No governo Fernando Henrique Cardoso ganharam impulsos as privatizações, promoveu mudanças radicais no Estado e, conseqüentemente no sistema educacional. Souza (2005) detalha essas transformações no sistema educacional brasileiro, especialmente na educação básica, e enfatiza o incremento de processos avaliativos de larga escala, como a implementação do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), também discute os desafios enfrentados e as estratégias adotadas para promover a equidade e a eficiência no sistema educacional brasileiro, proporcionando uma visão abrangente das políticas educacionais e suas implicações práticas durante aquele período.

Nesse sentido, a administração pública passou a ser reorganizada com base em critérios de controle de qualidade e medições através de avaliações, visando sempre alcançar a "qualidade total" com reformas curriculares, aprovação automática, gratificação por desempenho e outros, promovida pela ideologia gerencialista, considerada um modelo ideal de gestão. Mudanças institucionais e estruturais que foram promovidas para alinhar a educação brasileira com as demandas contemporâneas e os padrões internacionais.

Nesse contexto, tornou-se essencial equipar os indivíduos, especialmente os jovens,

com conhecimentos que aumentassem suas chances de empregabilidade em um cenário de desemprego estrutural. Assim, foram implementadas mudanças tanto no Ensino Fundamental como no Médio Profissionalizante. Isso significou que os trabalhadores passaram a ser incentivados a investir em sua própria educação e capacitação, visando aprimorar suas habilidades e adaptabilidade se mantendo relevantes no mercado de trabalho em constante transformação.

A formação desse indivíduo, com essa mentalidade específica, é o foco central das propostas de reformas posteriores, entre as quais, a do Ensino Médio. A escola passa a ser compreendida como um ambiente para o desenvolvimento pessoal do indivíduo, onde ela desempenha um papel fundamental de ajudar o aluno a adquirir habilidades de “aprender a aprender”, “aprender a fazer”, “aprender a ser”, “aprender a conviver”, do capital humano, da responsabilidade individual, solucionar problemas e cultivar sua ‘autonomia’. Dessa forma, o ambiente escolar adota as características do mercado de trabalho ao disseminar as exigências essenciais para a reprodução do capital por meio da ampla disseminação de argumentos sobre os benefícios desse processo em relação às oportunidades de progresso individual.

Observamos, nesse contexto, que diversos processos de reforma foram implementados, principalmente como meio de alinhar a escola ao ideário neoliberal (flexível), em conformidade com os interesses dominantes. Portanto, é importante destacar que a educação básica sofreu e continua sofrendo intervenções constantes, tanto internas - reformas, pressão de empresários e de grupos financeiros), quanto externas (Banco Mundial (BIRD), Fundo Monetário Internacional (FMI), Organização Mundial do Comércio (OMC), Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Nesse contexto de preparação para o mundo do trabalho e de disseminação do ideário neoliberal, as políticas de educação têm se concentrado no desenvolvimento de competências e habilidades. Esse enfoque começou na década de 1990 e continua atualmente com a implementação da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018).

Assim, torna-se evidente que o objetivo de formar indivíduos que se adaptem facilmente ao sistema produtivo, o ensino focado em competências e habilidades ganha destaque, enquanto os conteúdos sistematizados ao longo da história são colocados em segundo plano. A reforma do Ensino Médio de 2017 e a própria BNCC, especialmente para o Ensino Fundamental e Médio, estão alinhadas a esse discurso. A BNCC enfatiza que competência:

é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (Brasil, 2018, p. 8).

Com base nisso, podemos afirmar que a BNCC define os conhecimentos, habilidades, competências e aprendizagens essenciais, direcionando à reformulação dos currículos nas escolas de educação básica. Essa orientação também impulsiona mudanças na formação de professores, na avaliação educacional e na criação de conteúdo.

A responsabilidade individual é a abordagem adotada pelo neoliberalismo para lidar com a exclusão persistente e inerente ao sistema capitalista que gera, constantemente, manifestações de marginalização. Assim, "o avanço social se fundamenta no estímulo à responsabilidade individual". É através dela que se viabiliza a "acumulação de 'reservas' e a construção de um patrimônio pessoal conquistado por meio do trabalho" (Dardot; Laval, 2016, p. 122). Em outras palavras,

[...] ajudar os indivíduos a ajudar a si mesmos, isto é, a "dar a volta por cima" numa competição geral que não é questionada em si mesma. Isso se traduz num discurso amparado na reintrodução das categorias típicas do esquema concorrencial do vínculo social: o capital humano, a igualdade de oportunidades, a responsabilidade individual etc., em detrimento de uma concepção alternativa do vínculo social que se basearia em uma maior solidariedade e em objetivos de igualdade real (Dardot; Laval, 2016, p. 238, grifos do autor).

Esse é o mesmo fundamento que encontramos nas atuais reformas do ensino brasileiro. Juntamente à reforma do Ensino Médio, Lei no 13.415, de 16 de fevereiro de 2017 (Brasil, 2017), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) determinou a flexibilização do currículo do Ensino Médio e o aumento da 'autonomia' do aluno. Como isso acaba responsabilizando ainda mais o jovem. Em tese, o currículo base determinado pela BNCC será complementado pelos itinerários formativos escolhidos pelo aluno, considerando, é claro, as condições materiais das escolas em ofertar mais de uma opção para a realização dos itinerários. Esta discussão retornará no capítulo quarto.

Percebemos, assim, que as mudanças no sistema educacional desempenham um duplo papel: não apenas fornecem ao indivíduo uma formação mínima necessária para sua integração no processo produtivo, mas também, influenciá-lo a aceitar como normais as relações estabelecidas pela lógica flexível. Embora essas alterações tenham sido aprovadas legalmente, está em andamento um período de adaptação para sua implementação.

Podemos observar que a função da escola está se transformando, com seu papel social, secundarizado, perde ainda mais espaço com uma formação voltada para o mercado. Nesse

contexto, o desenvolvimento de competências e habilidades ganha destaque, enquanto os conteúdos tradicionais e as questões sociais são relegados a um segundo plano³.

Um possível resultado dessa visão é que o ser humano seja reduzido a um simples "recurso humano", tornando-se objeto do capital. Assim, é dentro da empresa que as competências serão validadas, determinando a classificação e a remuneração dos trabalhadores.

Kuenzer (2017, p. 341) analisa o caráter flexível da força de trabalho e faz as seguintes considerações:

importa menos a qualificação prévia do que a adaptabilidade, que inclui tanto as competências anteriormente desenvolvidas, cognitivas, práticas ou comportamentais, quanto a competência para aprender e para submeter-se ao novo, o que supõe subjetividades disciplinadas que lidem adequadamente com a dinamicidade, a instabilidade, a fluidez. O discurso da necessidade de elevação dos níveis de conhecimento e da capacidade de trabalhar intelectualmente, quando adequadamente analisado a partir da lógica da acumulação flexível, mostra seu caráter concreto: a necessidade de ter disponível para consumo, nas cadeias produtivas, força de trabalho com qualificações desiguais e diferenciadas que [...] assegurem os níveis desejados de produtividade, por meio de processos de extração de mais-valia que combinam as dimensões relativa e absoluta.

A maior crítica ao ensino centrado em competências e habilidades é que ele prioriza a adaptação dos indivíduos ao seu meio atual, em vez de desenvolver neles a capacidade de superar e transformar as realidades de maneira positiva. No capitalismo neoliberal o indivíduo deve se sujeitar ao sistema e nunca atuar por mudanças sociais. Além da ideia de que cada um seria resultado do seu próprio esforço.

³ Para dar ênfase as mudanças no Ensino Médio e para justificar as alterações, os documentos pautados na Exposição de Motivos (EM) n. 84/2016 acompanhado pela publicação da MP n. 746/2016 enfatiza que o fracasso escolar estava associado ao modelo curricular, sugerindo que os principais problemas dessa etapa decorriam do número excessivo de disciplinas, da falta de flexibilidade, da elevada taxa de abandono escolar e da baixa empregabilidade entre os jovens. Defende-se que, a flexibilização do Ensino Médio através da oferta de itinerários formativos foi vista como a solução para a crise dessa etapa educacional. A ideia era tornar o curso mais atraente para os jovens, permitindo-lhes escolher entre diferentes itinerários conforme seus interesses individuais. Assim, fica claro que a flexibilização curricular é um dos conceitos centrais na formulação do novo modelo de Ensino Médio.

3 MUNDO DO TRABALHO E IMPLICAÇÕES PESSOAIS E SOCIAIS NA VIDA DO JOVEM

Objetivamos nesse capítulo aprofundar como as transformações estruturais no mundo do trabalho impactam na vida das pessoas, especialmente dos jovens, e as implicações daí decorrentes na organização da escola, de modo especial no projeto de vida.

3.1 Nova ordem, novo controle do trabalho e seus efeitos na vida dos jovens

Vivenciamos nas últimas décadas de forma significativa transformações de grandes proporções na vida das pessoas em esfera global, ou como nos referimos, efeitos da globalização que veio proporcionada pela abertura de fronteiras comerciais, o livre comércio, as organizações com capacidade de estabelecer conexões entre o local e o global que seriam inimagináveis em sociedades mais tradicionais, ou há algumas décadas, ou séculos. Ao fazer isso, influenciam regularmente na vida de milhões de pessoas. As tecnologias digitais potencializaram essa demanda.

A globalização neoliberal excludente evidencia-se através das interconexões econômicas e na expansão de mercados para além das fronteiras nacionais. A busca incessante por oportunidades de investimento e crescimento levaram empresas a transcenderem limites geográficos, criando cadeias de produção globais e estabelecendo uma interdependência econômica entre as nações. Com o advento do neoliberalismo agregam-se novos consumidores que buscam espaços e identidades, numa busca ansiosa e incessante, numa sociedade mutante e flexível distanciando-se cada vez mais entre si, surgindo então novos mecanismos de controle da vida das pessoas. Conforme destaca Sennett (2009, p.10),

Diz-se que, atacando a burocracia rígida e enfatizando o risco, a flexibilidade dá às pessoas mais liberdade para moldar suas vidas. Na verdade, a nova ordem impõe novos controles, em vez de simplesmente abolir as regras do passado, mas também esses novos controles são difíceis de entender. O novo capitalismo é um sistema de poder muitas vezes ilegível.

Além disso, o neoliberalismo influencia não apenas a esfera econômica, mas também permeiam outros aspectos da vida das pessoas, como cultura, educação, tecnologia e política. A disseminação de ideias, produtos culturais e inovações tecnológicas ocorrem em consonância com as dinâmicas do sistema capitalista e suas consequências como as questões relacionadas à desigualdade econômica, a degradação ambiental e a exploração.

Dentro desse contexto de globalização econômica e cultural é fundamental

compreendermos seus impactos na vida dos jovens, suas identidades e práticas. Como fica, nesse contexto de influências culturais e econômicas, a diversidade e a singularidade dos jovens e das identidades locais?

Os jovens, ao serem expostos a elementos globais, como mídia, marcas e padrões de consumo, podem enfrentar uma pressão para conformar-se a um conjunto mais homogêneo de práticas e perspectivas. Isso pode resultar na perda de traços culturais locais, já que há uma tendência de priorizar elementos globalizados em detrimento das características específicas de uma comunidade ou região.

Mas o que é a globalização, do que se trata? De forma resumida podemos dizer que é um fenômeno caracterizado pela crescente interdependência e interconexão de diferentes partes do mundo, afetando profundamente as formas como vivemos, trabalhamos e nos relacionamos. Dessa forma, rompem-se barreiras físicas e culturais com acesso a uma multiplicidade de produtos, tendo condições econômicas, e estabelecendo contatos com indivíduos ou grupos de diversos contextos sociais e geográficos. Como observa Giddens (2007, p.23, grifos do autor),

A globalização não é, portanto um processo singular, mas um conjunto complexo de processos. E estes operam de uma maneira contraditória ou antagônica. A maioria das pessoas pensa que a globalização está simplesmente "retirando" poder ou influência de comunidades locais e nações para transferi-lo para a arena global. E realmente esta é uma de suas consequências. As nações perdem de fato parte do poder econômico que antes possuíam. Contudo, ela tem também o efeito oposto. A globalização não somente puxa para cima, mas também empurra para baixo, criando novas pressões por autonomia local.

Em outras palavras, a globalização implica uma integração econômica global que permite transações facilitadas pela dinâmica da oferta e da demanda em um mercado globalizado. Esse processo resulta em um aumento significativo na interação sociocultural das massas (juventudes), que passam a adotar hábitos que transcendem as fronteiras locais e as tradições estabelecidas. A postura adotada no contexto globalizado é, assim, moldada por essas influências. Para Giddens (1991, p.60-61, grifo do autor),

A globalização pode assim ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa. Este é um processo dialético porque tais acontecimentos locais podem se deslocar numa direção inversa às relações muito distanciadas que os modelam. A *transformação local* é tanto uma parte da globalização quanto a extensão lateral das conexões sociais através do tempo e do espaço. Assim, quem quer que estude as cidades hoje em dia, em qualquer parte do mundo, está ciente de que o que ocorre numa vizinhança local tende a ser influenciado por fatores tais

como dinheiro mundial e mercados de bens operando a uma distância indefinida da vizinhança em questão.

Dessa forma, o mundo globalizado avança de forma significativa e vai integrando as pessoas a processos que operam em escala global, transpassando fronteiras nacionais, unindo e interligando comunidades e organizações, bem como trazendo novas configurações de espaço e de tempo, efetivamente tornando o mundo mais interconectado, impactando em todas as dimensões da vida das pessoas.

Entre tantos resultados da globalização excludente destacamos a vivência dos jovens que têm sofrido com as transformações em diversos aspectos, ocasionada principalmente pelo fenômeno da comunicação, e pela metamorfose do mundo do trabalho, visto que estes estão buscando adentrar nesse espaço.

Através da globalização, novas tendências surgem com a reconfiguração das relações sociais abrindo-se caminhos para novas visões de mundo, além da quebra de barreiras entre tempo e desencadeando uma série de transformações no contexto laboral e nas relações sociais e culturais.

O tempo experienciado pelos jovens em outras gerações era mais previsível, hoje se desdobra em múltiplas temporalidades, intencionalidades e reações, sempre impulsionadas por avanços tecnológicos que encurtam distâncias e aceleram processos. Espaços físicos e virtuais se entrelaçam, criando realidades onde as fronteiras são mais fluidas, tanto no sentido geográfico quanto nas relações interpessoais. Essas interconexões globais trazem consigo oportunidades do ponto de vista atual, mas também desafios incontestáveis.

O advento da modernidade arranca crescentemente o espaço do tempo fomentando relações entre outros "ausentes", localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face. Em condições de modernidade, o lugar se torna cada vez mais *fantasmagórico*: isto é, os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles. O que estrutura o local não é simplesmente o que está presente na cena; a "forma visível" do local oculta as relações distanciadas que determinam sua natureza (Giddens, 1991, p.22, grifos do autor).

Nesse sentido, o avanço tecnológico e seus impactos culminaram na formação de uma sociedade da informação, na qual os fenômenos alteram significativamente os modos de convivência e as experiências da coletividade podendo ocasionar crises internas na juventude, objeto deste estudo, especialmente no que diz respeito às escolhas sobre seus projetos de vida, mundo do trabalho e decisões a longo prazo. Nesse contexto, a vida social está mais incerta e insegura em relação aos projetos de futuro.

Com a sociedade da informação deparamo-nos com diferentes formas de comunicação. Houve mudanças não apenas nos padrões de trabalho e organização social, mas também na dinâmica da vida social como um todo. Assim, uma atividade intensa de troca de ideias e informações, ligada também aos movimentos crescentes de bens e deslocamentos de pessoas, indica novas dinâmicas e linguagens dos tempos, trazendo à tona novos desafios técnicos e perspectivas teóricas, sociais e educacionais.

Ao mesmo tempo em que temos indivíduos altamente conectados, temos indivíduos socialmente solitários, tornando-se mais individualizados, fechados em seus mundos, convivendo através de janelas virtuais, muitas vezes ilusórias. Marcas de uma sociedade que tem o ímpeto de estar observando postagens, notícias, novidades, aproximando-se de realidades faladas, mostradas, lançadas, porém, nem sempre vividas. O tempo dedicado a outras atividades frequentemente sacrificado pela supremacia dos horários e programações capturadas por imagens de felicidade e realização bem elaboradas.

É dentro desse cenário que jovens de diversas partes do mundo constroem suas próprias identidades e trajetórias de vida e, com as tecnologias, as interações passam a ser realizadas, em boa parte, à distância, estabelecem-se novas rotinas, novas identidades, novas fronteiras, assim como novos tipos e formas de trabalho e de trabalhador. “As mudanças econômicas derivadas da globalização econômica modificaram radicalmente a trajetória de vida dos jovens no que tange a suas condições de trabalho” (Sennett, 1999, p. 17).

Por meio dos mecanismos e das significativas transformações globais, testemunhamos uma considerável alteração e renovação nas dinâmicas de trabalho. Impulsionadas pelas novas tecnologias estamos imersos em uma sociedade da produção, na qual o produto final precisa encontrar seu lugar no mercado do consumo. “Hoje tudo é tornado enumerável, a fim de poder ser convertido na linguagem do desempenho e eficiência. Assim, hoje, tudo aquilo que não é enumerável cessa de ser” (Han, 2018, p. 67).

Contudo, a criação de valor de um produto ou serviço está enfrentando uma crise estrutural, uma vez que as mercadorias se apresentam cada vez mais como coisas. Conforme destaca Han (2022.p.93), “em virtude de um fraco elo de ligação, é muito fácil retirar a libido de um objeto e com isso direcioná-la rumo à posse de novos objetos”.

Nesse contexto, coloca-se a questão relativa à construção de projetos da juventude num meio propício ao descarte e da mercantilização da vida. Temos vivenciado como a intenção do lucro vem em primeiro lugar. A lógica do descartável adentra as instituições sociais e a vida das pessoas.

Nesse sentido, Sennett elabora várias questões fundamentais:

Como decidimos o que tem valor duradouro em nós numa sociedade impaciente, que se concentra no momento imediato? Como se podem buscar metas de longo prazo numa economia dedicada ao curto prazo? Como se podem manter lealdades e compromissos mútuos em instituições que vivem se desfazendo ou sendo continuamente reprojctadas? Estas às questões sobre o carácter impostas pelo novo capitalismo flexível (Sennett, 2009, p.10-11).

A citação levanta questões cruciais sobre o impacto do capitalismo flexível nas noções de valor, metas de longo prazo, lealdade e compromisso. Em uma sociedade impaciente, onde o foco está no momento imediato, torna-se difícil identificar e manter o que tem valor duradouro. A economia atual, com sua ênfase no curto prazo, desafia a capacidade das pessoas de perseguir objetivos de longo prazo. A instabilidade das instituições, que estão constantemente se desfazendo ou sendo reprojctadas, mina a possibilidade de manter lealdades e compromissos mútuos.

Nesse contexto, a valorização do presente imediato pode levar à superficialidade nas relações pessoais e profissionais, de forma que os compromissos de longo prazo são frequentemente sacrificados em prol de ganhos imediatos. Isso cria um ambiente onde a confiança é precária e os laços sociais são frágeis, dificultando a construção de comunidades mais sólidas.

Quando mencionamos valor e todas as mudanças em prol de ganhos trazemos a essa discussão a sala de aula com jovens que estão pensando em seus projetos, e as dificuldades em que estão imersos, neste caso, o estudante necessita ser levado pela escola e o professor de Projeto de Vida a refletir como poderá encontrar equilíbrio entre valores e objetivos profissionais de curto e longo prazo e assim pensar em dar significado aos seus projetos.

Temos ainda a mencionar que valores éticos e profissionais tomaram outra face na vida atual, inserida nas práticas cotidianas de um capitalismo dinâmico e vigoroso. Como observa Sennett (2009, p. 97), “permanecer num estado contínuo de vulnerabilidade é a proposta que, talvez sem o saber, os autores dos manuais de negócios fazem quando celebram o risco na empresa flexível”. Essa realidade se encontra entrelaçada no dia a dia das pessoas, que vivem o sistema capital aderindo as pressões e instabilidades forjadas, evidenciando-se como uma característica intrínseca desse sistema econômico. Sistema este que tem valorizado cada vez mais o poder econômico em detrimento dos vínculos socioculturais, educativos e emocionais.

É errado pensar que a globalização afeta unicamente os grandes sistemas, como a ordem financeira mundial. A globalização não diz respeito apenas ao que está "lá fora", afastado e muito distante do indivíduo. É também um fenômeno que se dá "aqui dentro", influenciando aspectos íntimos e pessoais de nossas vidas (Giddens,

2007, p.22, grifos do autor).

Diante de tantas mudanças e instabilidades do mundo flexível e dinâmico vivendo em rede, as regras sociais, culturais e educacionais se definem e redefinem constantemente, segundo Sennett (2009, p.94), “a própria instabilidade das organizações flexíveis impõe aos trabalhadores a necessidade de trocar de vasos, isto é, correr riscos com seu trabalho, os riscos e a pressa também tornou-se o rito do momento”, com as demandas de trabalho diferenciadas e as cobranças por resultados as relações sociais tornam-se cada vez mais superficializadas.

Esse é o tema deste capítulo: como as mudanças afetam a vida das pessoas, no caso, os jovens? Sennett (2009) argumenta que as demandas do mercado de trabalho contemporâneo, como a flexibilidade, a busca constante por novas habilidades e a falta de estabilidade no trabalho estão minando a capacidade das pessoas de desenvolverem relações sociais profundas e significativas. Ele observa que, em um ambiente no qual o valor é colocado na adaptabilidade e na competência individual, as relações pessoais muitas vezes são sacrificadas em favor do sucesso profissional.

A superficialização das relações sociais pode resultar na perda de conexão emocional e na falta de compromisso para com os outros. As interações tornam-se mais transacionais e menos significativas, à medida que as pessoas são incentivadas a se concentrarem em suas próprias necessidades e objetivos, em detrimento dos relacionamentos interpessoais duradouros, o que amplia o individualismo.

Impulsionada pelas tecnologias, as atividades laborais e a gestão do tempo se desenvolvem de maneira muito diferente do que ocorriam há algumas décadas. Nessa perspectiva, a rotina das pessoas era muito mais previsível e estável em relação a diversos aspectos de suas vidas, sobretudo, quando se podia pensar e administrar rotinas em longo prazo.

Para Sennett (1999), o ambiente de trabalho moderno, com ênfase nos trabalhos a curto prazo, na execução de projetos e na flexibilidade, não permite que as pessoas desenvolvam experiências e construam uma narrativa coerente para suas vidas.

Para ilustrar essa fala trazemos uma narrativa entre Rico e Enrico trazida pelo autor (Sennett, 2009), no capítulo inicial do livro: “Corrosão do Caráter”. Rico é filho de Enrico que trabalhava como faxineiro e economizava para garantir o ensino superior dos filhos. Rico era um jovem angustiado com o descontrole de sua vida pessoal e profissional. O autor enfatiza que Enrico vivia num período em que poderia criar narrativas a longo prazo, marcado por uma ordem racionalista, já Rico, seu filho “vive num mundo caracterizado, ao contrário,

pela flexibilidade e o fluxo a curto prazo; esse mundo não oferece muita coisa, econômica e socialmente, para a narrativa” (Sennett, 1999, p. 32). Rico após concluir o curso universitário, por circunstâncias foi lançado de um trabalho a outro e com pouca previsibilidade em relação às condições de trabalho. Seu horário era montado a partir de demandas do momento. Sennett (1999, p. 49) defende que “enjaulado”, Enrico foi capaz de planejar e concretizar suas metas, isso porque “a rotina pode degradar, mas também proteger; pode decompor o trabalho, mas também compor uma vida”. Para o autor, passamos de um controle para outro, do medo do fracasso, as incertezas e ansiedades constantes. Ou seja, a partir da oposição das trajetórias de pai e filho, Sennett (1999) busca demonstrar os impactos das mutações no universo de trabalho na vida emocional de Rico.

Diz-se que, atacando a burocracia rígida e enfatizando o risco, a flexibilidade dá às pessoas mais liberdade para moldar suas vidas. Na verdade, a nova ordem impõe novos controles, em vez de simplesmente abolir as regras do passado - mas também esses novos controles são difíceis de entender. O novo capitalismo é um sistema de poder muitas vezes ilegível (Sennett, 1999, p. 10).

Dessas mudanças elencadas e com o livre acesso através das redes, a dimensão do tempo na atual conjuntura, tomou outras direções, “a pressão para ser produtivo em todos os momentos cria um estado de constante agitação, onde o descanso e o lazer são vistos como desperdício de tempo” (Dardot & Laval, 2010, p. 333). Tudo parece mais rápido, inclusive os dias, e por quê? “A lógica neoliberal invadiu até mesmo os momentos mais íntimos da vida, onde o tempo para si é cada vez mais raro e fragmentado” (Dardot & Laval, 2010, p. 345). Todos vivenciamos os reflexos do neoliberalismo cotidianamente, presenciamos as famílias tornarem-se produtos dessa nova dimensão, onde filhos quase não veem suas famílias, e os pais não tem tempo de conversar com seus filhos, trabalhando horas a fio totalmente sugados por tarefas e rotinas, evidenciado em salas de aula. Essa tem sido uma das observações destacadas pelos professores durante as formações relativas ao Projeto de Vida.

Em consequência criou-se um monte de controles para regular os processos de trabalho concreto dos ausentes do escritório. Exige-se que as pessoas telefonem regularmente para o escritório, ou usam-se controles de intranete para monitorar o trabalhador ausente; os e-mails são frequentemente abertos pelos supervisores. Poucas organizações que montam esquemas de flexitempo dizem a seus trabalhadores: “aqui está sua tarefa, faça como quiser contanto que seja feita” [...] Um trabalhador em flexitempo controla o local do trabalho, mas não adquire maior controle sobre o processo de trabalho em si. Vários estudos sugerem que a supervisão do trabalho muitas vezes é na verdade maior para os ausentes do escritório que para os presentes (Sennett, 1999, p. 68).

O autor também alerta que, embora o tempo seja uma vantagem para o empregado, ele o mantém dentro do controle constante da empresa. Com as tecnologias de comunicação possibilitando o trabalho remoto, as fronteiras entre o tempo de trabalho e o tempo pessoal se tornam indistintas. A facilidade de acesso cria a ilusão de que os funcionários estão sempre disponíveis.

Podemos aqui refletir com Han (2017, p.91) quando diz que “o sujeito de desempenho esgotado, depressivo está, de certo modo, desgastado consigo mesmo. Está cansado, esgotado de si mesmo, de lutar consigo mesmo”. Por isso temos famílias, pais, mães, jovens, e, uma sociedade vivendo no cansaço estabelecido pelo novo padrão social.

Han (2017) argumenta que a sociedade contemporânea está saturada de estímulos e demandas, levando a um estado de exaustão física e mental. Além disso, ele observa um aumento nos casos de depressão e ansiedade, atribuindo isso à pressão constante por produtividade e sucesso pessoal. Vivemos em uma era de excesso de positividade devido à cultura do sucesso, o excesso de exposição e do culto ao eu que permeia a sociedade contemporânea. Ele observa que atualmente somos submetidos a uma pressão constante para sermos produtivos e felizes o tempo todo.

Nesse contexto, os impactos da globalização sobre o mundo do trabalho e na vida dos jovens, assim como as relações interpessoais são complexas e profundas e balizadas por todo esse contexto produtivo e flexível. Por um lado, busca-se a eficiência, que pode aumentar o lucro e a competitividade das empresas. No entanto, essa ênfase na produtividade frequentemente leva a exclusão de trabalhadores, com a automação surgem cortes de custos e exigência de qualificação, diminuindo a entrada de novos trabalhadores, resultando em menos oportunidades para grupos mais vulneráveis, ampliando a desigualdade social, limitando as chances de realização pessoal e profissional dos trabalhadores menos qualificados.

Conforme comenta Giddens (2007.p.29), “a globalização não é um acidente em nossas vidas hoje. É uma mudança de nossas próprias circunstâncias de vida. E o modo como vivemos agora”. Precisamos compreender as dinâmicas dessa nova sociedade, para a construção de projetos e demandas de trabalho que oportunizem escolhas saudáveis, não somente atendam ao mercado global.

Com a dinâmica global, abertura do livre comércio e aceleração da produção, a automação e a tecnologia aumentaram a eficiência e a produtividade, reduzindo a dependência de tarefas manuais repetitivas, com isso houve impactos significativos nas operações e nas dinâmicas laborais. Nesse sentido, entra em discussão as necessidades e a permanência de alguns trabalhos e profissões na sociedade. Essa demanda interfere nas escolhas que os jovens

precisam fazer para ingressar no mercado de trabalho, o que implica em reflexão sobre suas decisões, o que pode impactar suas vidas.

Sendo assim, além de alterar a esfera da carreira e perspectivas em relação ao seu futuro, esses avanços tecnológicos resultaram em mudanças nas habilidades necessárias, afetando empregos tradicionais e demandando habilidades mais especializadas, assim como uma formação para poder operar máquinas ou sistemas operacionais.

3.2 Trabalho e automação tecnológica

A automação está associada a uma reestruturação dos processos de trabalho, o que leva a uma redistribuição de funções e responsabilidades dentro das organizações. Isso influencia as relações, as hierarquias e até mesmo as expectativas dos trabalhadores em relação às suas carreiras, ou aqueles que ainda vão ingressar numa. Referimo-nos aos estudantes que estão no Ensino Médio e, neste contexto, sistematizando sua vida e construindo seus projetos. Como observa Sennett (2009. p.114 grifos do autor),

Um redator do *The New York Times* declarou recentemente que a “apreensão com o emprego se impôs em toda parte, diluindo a autoestima, rachando famílias, fragmentando comunidades, alterando a química dos locais de trabalho”. Muitos economistas trataram isso como besteira; os fatos da criação de empregos na ordem neoliberal pareciam torná-lo transparentemente falso.

A citação do redator do *The New York Times* reflete uma visão crítica sobre o impacto da economia neoliberal, apontando para as consequências emocionais e sociais da insegurança no trabalho. Ele destaca que a apreensão com a estabilidade no trabalho afeta não apenas o bem-estar individual, mas também provoca fissuras nas famílias, fragmenta comunidades e altera as dinâmicas nos locais de trabalho. Isso sugere que a precarização e a instabilidade têm efeitos profundos na coesão social e na saúde mental dos trabalhadores.

Por outro lado, muitos economistas que defendem a ordem neoliberal argumentam que essa preocupação é exagerada, e que os dados sobre criação de diversos trabalhos contradizem essa narrativa pessimista. Do ponto de vista deles, a economia neoliberal, caracterizada pela flexibilidade no trabalho e políticas de desregulamentação, seria responsável por aumentar a oferta de trabalho, o que teoricamente deveria reduzir a insegurança laboral.

Destacamos, ainda, que a emergência da automação tecnológica traz consigo máquinas automatizadas dotadas de vida e inteligência artificial. No entanto, essa evolução não está isenta de críticas, e nem de novos problemas, levando em consideração o potencial impacto na

substituição de trabalhadores humanos por sistemas automatizados, resultando em mudanças em vários níveis do trabalho e da vida das pessoas. Importante trazer para a discussão das juventudes em sala de aula, no PV o que essas mudanças, como automação e a inteligência artificial, podem influenciar em seu dia a dia e em suas escolhas e projetos de vida, além disso questões éticas e sociais dessas transformações, como a desigualdade de acesso às novas tecnologias a polarização do mundo do trabalho e o impacto na qualidade de vida dos trabalhadores. Essas questões ajudam o jovem a entender não só as oportunidades, mas também os riscos e os desafios que essas mudanças trazem para a sociedade.

Observamos, nesse contexto, uma crescente diversidade de arranjos para manter a vida em curso. Destacamos aqui algumas das atividades que cresceram muito: freelancers, trabalho remoto, digitais, *part time*, contratos temporários e outras formas não tradicionais de emprego. Nessas atividades já percebemos a presença de muitos jovens em pleno exercício dessas funções laborais.

As métricas tradicionais de qualidade, como tempo no cargo ou hierarquia na empresa, tornam-se menos relevantes e o importante é o serviço prestado. Como observa Antunes (2020, p.15, grifos do autor),

É necessário acentuar que esse vilipêndio em relação ao trabalho não é uma “possível remissão ao futuro” porque, no presente, a monumental expansão do trabalho digital, on-line, vem demolindo a separação entre o tempo de vida no trabalho e o tempo de vida fora dele, uma vez que vem apresentando, como resultado perverso, o advento daquilo que denominamos escravidão digital.

Os jovens tem se deparado com um cenário profissional marcado pela crescente influência do trabalho digital. A rápida expansão da tecnologia trouxe consigo novas oportunidades de trabalho, especialmente no mundo virtual. No entanto, essa revolução digital também trouxe desafios significativos, especialmente no que diz respeito à separação entre trabalho e vida pessoal.

A necessidade de considerar os desafios enfrentados pelos jovens no mundo do trabalho digital, incluindo a dificuldade em encontrar um equilíbrio saudável entre trabalho e vida pessoal, e os potenciais impactos dessas novas realidades, importante ressaltar esse caminho ao discutir os Projetos de Vida com os jovens no Ensino Médio.

É preciso promover uma cultura que valorize o equilíbrio entre trabalho e vida pessoal, incentivando práticas saudáveis de gestão do tempo proporcionando apoio emocional através das aulas para aqueles que enfrentam esses desafios. Desta forma a educação, a escola e os profissionais auxiliem os jovens a construir projetos de vida mais significativos e sustentáveis

no mundo cada vez mais digitalizado e excludente em que vivemos.

Nesse contexto, observamos que os acessos digitais consomem considerável parte da energia do tempo e da vida das novas gerações. Essa dinâmica ressalta a importância de repensar a relação entre trabalho, tecnologia e qualidade de vida, buscando estratégias que permitam uma integração mais saudável e sustentável entre as esferas pessoal e profissional.

Essa relação entre trabalhadores e local de trabalho torna-se mais complicada quando as matérias-primas com as quais as pessoas trabalham são a informação - algo que pode ser manipulado remotamente. A ferramenta nesse caso, não seria mais uma pá, um arado ou uma máquina em uma fábrica, mas sim dispositivos que podem armazenar e transmitir informação de maneira instantânea. Um trabalhador sempre desempenha trabalho no tempo e no local em que habita, mas de repente, seu trabalho também é feito simultaneamente em outro lugar (Antunes, 2020, p.47).

Diante das novas perspectivas que se apresentam na atualidade, bem como dos serviços em um ambiente mutante, a flexibilidade e a capacidade de trabalhar de qualquer lugar são contrabalançadas pela diluição das fronteiras entre trabalho e vida pessoal, pela fragmentação da identidade profissional e pelo aumento do controle e monitoramento.

Na informalidade encontram-se muitos trabalhadores, segundo a Pesquisa Nacional de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) do IBGE, no segundo trimestre de 2023, aproximadamente 39,9% dos trabalhadores no Brasil estavam em situação de informalidade. Esse grupo inclui trabalhadores sem carteira assinada, trabalhadores por conta própria sem CNPJ e empregados domésticos sem registros. A informalidade tem impactos significativos nas condições de trabalho, na estabilidade econômica e no acesso a direitos sociais e trabalhistas. Conforme destaca Antunes (2020), há uma tendência preocupante em relação ao trabalho, apontando para consequências destrutivas caso não sejam vigorosamente confrontadas.

Assim, se essa tendência destrutiva em relação ao trabalho não for fortemente confrontada, recusada e obstada, sob todas as formas possíveis, teremos, além da ampliação exponencial da informalidade no mundo digital, a expansão dos trabalhos “autônomos”, dos “empreendedorismos” etc., configurando-se cada vez mais como uma forma oculta de assalariamento do trabalho, a qual introduz o véu ideológico para obliterar um mundo incapaz de oferecer vida digna para a humanidade. Isso ocorre porque ao tentar sobreviver, o “empreendedor” se imagina como proprietário de si mesmo, que autoexplora seu trabalho (Antunes, 2020, p. 15.16).

O novo contexto é complexo, tendo em vista que a sociedade do consumo e das novas práticas de trabalho está marcada pela flexibilidade. Essa ansiedade, segundo Antunes (2020, p.11) “vem impulsionada pela expansão informacional-digital e sob comando dos capitais, em

particular o financeiro, vêm impondo sua trípole destrutiva sobre o trabalho”, exigindo a requalificação de trabalhadores e potencialmente exacerbando desigualdades sociais.

Com a reestruturação dos serviços e o advento do trabalho em um tempo mais flexível, a qualidade desse trabalho passa a depender de diversos fatores. Entre eles, destacamos: a condição da oferta, melhor preço, rapidez do negócio, e satisfação daquele que solicita o serviço e quer ser atendido na mesma rapidez.

Nesse contexto, o medo e a ansiedade emergem como sentimentos preponderantes, infiltrando-se nas entranhas das relações de convívio. A incerteza gerada pela rápida evolução tecnológica cria um terreno fértil para a apreensão, não apenas em relação ao futuro profissional, mas também quanto às interações sociais cotidianas. O trabalhador confrontado com uma realidade na qual máquinas desempenham funções antes exclusivas de habilidades humanas, vê-se diante de desafios que transcendem o domínio técnico. O ritmo acelerado da vida na era da globalização resulta em uma diminuição da disposição para se abrir ao outro, enquanto simultaneamente suprime as negatividades e as distinções, devido ao excesso de estímulos positivos “que se expressa como superdesempenho, superprodução e supercomunicação, como um hiperchamar a atenção e hiperatividade” (Han, 2017, p. 10).

Essa pressão generalizada tem causado efeitos sérios na vida e saúde da sociedade em geral. As pessoas têm enfrentado uma série de violências, transitando do tangível para o intangível, do físico para o psicológico, do real para o virtual, e da negatividade para a positividade. Conforme destaca Fávero (2024, p.4) “há uma violência velada que precisa ser compreendida na forma como ela se faz presente na própria existência de cada indivíduo e nos múltiplos relacionamentos sociais do cotidiano”.

Han (2017) aborda a questão da medicalização da vida cotidiana para continuar suportando questões antes consideradas dentro do âmbito do comportamento humano, da experiência emocional ou da condição social, atualmente passam a ser tratadas como problemas, exigindo intervenção e tratamento. Isso implica uma tendência da sociedade em buscar soluções médicas para uma variedade de problemas que podem não ser puramente da medicina, como questões psicológicas, sociais ou até mesmo existenciais. Também destaca a importância de repensar a relação com o trabalho e o tempo livre, argumenta que essa mentalidade pode levar à superficialidade das relações humanas e à alienação de nós mesmos, já que o tempo livre é frequentemente gasto consumindo mídia ou produtos em vez de ser usado para reflexão, criatividade ou conexão significativa com os outros. Ele encoraja uma abordagem mais consciente e reflexiva em relação ao tempo livre, a fim de promover uma vida mais autêntica e satisfatória.

3.3 A juventude e a fluidez nas relações pessoais e profissionais no contexto neoliberal

Na contemporaneidade temos testemunhado uma notável transformação nas dinâmicas sociais, na qual as relações humanas, outrora ancoradas em mais estabilidade e previsibilidade, encontra-se em constante estado de fluidez. Essa mudança fundamental tem implicações significativas para os jovens e suas perspectivas profissionais e esses são alguns dos desafios enfrentados pela juventude no que tange à formulação de seus projetos de vida durante seu percurso no Ensino Médio.

Observamos, tanto pelos comentários dos jovens em sala de aula quanto pela preocupação expressa por seus familiares, a indefinição e a ansiedade em relação ao futuro que surgem durante o percurso formativo. Os jovens sentem-se pressionados socialmente quando se trata da escolha de sua profissão. Muitas vezes, oscilam entre diferentes aspirações, sem uma direção clara, e expressam em sala de aula a incerteza sobre o que fazer e qual caminho seguir. Essa indecisão é amplificada pela pressão para alcançar o sucesso, ser bem remunerado e bem-sucedido, criando um ambiente de constante pressão e expectativa.

Nesse aspecto, a fluidez das relações sociais contemporâneas desafia os jovens a se adaptarem a um ambiente em constante mudança, a explorarem novas possibilidades profissionais e a cultivarem resiliência para enfrentar os desafios do mundo profissional, principalmente num contexto em que os sujeitos passam a serem vistos como empresários de si mesmo. Conforme destacam Dardot e Laval (2016, p.323.), “mais importante, porém mais difícil de captar, é a mudança progressiva das relações humanas, a transformação das práticas cotidianas induzidas pela nova economia”.

Dardot e Laval (2016) oferecem uma crítica contundente ao impacto do neoliberalismo na subjetividade humana, argumentando que ele transforma profundamente a maneira como os indivíduos se percebem e interagem com o mundo. O sujeito neoliberal é moldado por uma lógica de competição, autogoverno e responsabilização individual, o que pode levar a efeitos negativos, como aumento do estresse, isolamento social e desvalorização das soluções coletivas para problemas sociais.

Segundo Bauman (2004), quando a qualidade das relações é reduzida, a tendência é que se tente compensar essa falta com uma quantidade absurda de parceiros. O melhor exemplo disso é a quantidade de amigos que as pessoas costumam ter nas redes sociais. São números que ultrapassam 1.000 ou 2.000, chegando até a 5.000 “amigos” por perfil no Facebook, algo obviamente impossível de manter em convivência no mundo real. A noção de compromisso e continuidade, tão arraigadas nas sociedades tradicionais, cede espaço a uma

busca incessante por novas experiências e conexões instantâneas.

Quanto aos relacionamentos, acostumados com esse mundo onde se “compra a felicidade”, logo, caracterizado como um mundo “fácil”, a sociedade passa cada vez mais a buscar relacionamentos líquidos. Bauman (2004) mostra a insegurança desses tempos modernos, que passam rapidamente a conceber e descartar os relacionamentos em que fazem parte, desvalorizando totalmente os vínculos criados, as emoções, os sentimentos e as trocas que estabeleceram, não experimentando na sua essência afeto pela outra pessoa. Assim, as pessoas passam a ver os relacionamentos conforme essa ideologia de consumo (Bauman, 2004).

As complexidades nos vínculos interpessoais estão se tornando cada vez mais instáveis. Na escola de Educação Básica Professor Olavo Cecco Rigon⁴, por exemplo, temos relatos nas aulas de Projeto de Vida, através dos professores identificados nos projetos de culminância e em formação do componente na Coordenadoria, de que os jovens têm expressado suas incertezas em sala de aula no que diz respeito ao autoconhecimento, relações amorosas, manifestando sentimento de insegurança sobre suas vidas pessoais. Alguns relatam agir impulsivamente por medo de perder seus parceiros, chegando ao uso de drogas. Além disso, há casos de gravidez e jovens que optam por morar juntos, enfrentando relacionamentos frustrados antes mesmo de completarem 18 anos. Muitos acabam se apaixonando novamente após um período difícil e continuam presos a esse ciclo. Para Bauman (2007, p. 99, grifos do autor),

Mesmo as vidas das pessoas mais felizes (ou, segundo a opinião comum e um tanto contaminada pela inveja dos infelizes, as mais sortudas) estão longe de serem livres de problemas. Pouco de nós estão prontos a declarar que tudo na vida funciona como gostaríamos que funcionasse – e até esses poucos têm momentos de dúvida.

A interação rápida e momentâneas das relações trouxe consigo um tipo de interação superficial entre as pessoas, na qual o ambiente virtual passou a ter uma relevância cada vez mais significativa. Nessa influência o jovem tem experienciado vivências e construído algumas narrativas que talvez não consiga descortinar sozinho, seja ela boa, ou ruim, de coragem ou não. Precisa da orientação e, nesse caso, destaca-se o componente Projeto de Vida na escola, como possibilidade de trabalhar as relações interpessoais.

Ao confrontar essa nova realidade, o sujeito se vê em uma condição mais pressionada

⁴ Escola Piloto do Novo Ensino Médio, localizada em Concórdia/SC, escola com maior número de alunos da Coordenadoria, onde foi implantado a primeira matriz do NEM, onde iniciou o componente do PV.

e apreensiva em relação ao futuro. Aqueles que não conseguem adaptar-se correm o risco de se tornarem obsoletos, incapazes de acompanhar o ritmo dessas demandas o que deixa muitos jovens acuados. Esse cenário de fragmentação se estende por diversas esferas da sociedade, incluindo aspectos sociais, culturais, acadêmicos, familiares e econômicos.

Em todas as épocas, o conhecimento foi avaliado com base em sua capacidade de representar fielmente o mundo. Mas como fazer quando o mundo muda de uma forma que desafia constantemente a verdade do saber existente, pegando de surpresa até os mais “bem-informados”? (Bauman, 2010, p. 43, grifos do autor).

Ao analisar as mudanças sociais, percebemos uma interconexão entre fatores sociais, econômicos e culturais. Bauman (2010) expõe os nós cruciais que estão entrelaçados ao sistema capitalista, de modo a reforçar a transição paradigmática para uma sociedade pós-moderna, no que se refere à fluidez dos laços, sentidos e explicações modernas, às reinterpretções culturais, sociais e econômicas advindas da transição entre modelos de produção capitalista e entre formas de exploração capitalista, relativas, por exemplo, à exacerbada preocupação com a criação e manutenção de consumidores desde a mais tenra idade.

Instaurou-se uma cultura para as novas gerações em que tudo está imerso ao culto da novidade, à contingência aleatória e ao consumo, simultaneamente insaciável, tudo consiste no imediato e rotativo, os discursos passaram a ser desordenados e as consequências são sentidas em todos os setores, seja familiar, social, no trabalho ou escolar.

Alguns jovens que frequentam o turno noturno das escolas estaduais de educação têm compartilhado relatos sobre suas perspectivas em relação ao trabalho e à sobrevivência. Muitos deles expressam desinteresse pelos estudos, pois trabalham o dia todo e depois seguem para a escola, onde não existe política pública voltada para esse público.

Assim, esses jovens colocam a escola em segundo plano. Porém, manifestam um desejo intenso em ingressar no mundo do trabalho, com objetivo de adquirir itens de marca, como celulares, roupas, calçados, por vezes auxiliar no orçamento familiar.

Esses dados sugerem uma preocupação imediata, ou seja para satisfação de seus desejos materiais, ou sustento, possivelmente em detrimento do desenvolvimento educacional ou a projetos a longo prazo. Diante de uma audiência de consumidores ávidos por novidades, observamos um enfraquecimento e deterioração dos laços humanos. Esses eventos, influenciados por valores capitalistas de consumo, manifestam suas concepções no que diz respeito à educação.

Essas transformações impulsionadas pelas mudanças atuais, não se limitam ao âmbito técnico e produtivo; ela transcendeu fronteiras, ampliando horizontes e provocando alterações profundas em diversos aspectos econômicas, sociais e culturais que constituem a base da sociedade contemporânea, gerando uma metamorfose nas dinâmicas sociais e nas relações interpessoais, alterando a forma como os indivíduos pensam e agem.

Grosso (2017, p 93) analisa que:

[...] o processo de desinstitucionalização do curso de vida e a sociedade capitalista da acumulação flexível; além da metamorfose da juventude em juvenalidade e sociedade do consumo, o tribalismo e a sociedade pós-moderna, a dita segunda modernidade e a multiplicidade de socializações ativas, como aspectos inerentes a este momento social e histórico das últimas décadas do século XX e início do XXI. Neste labirinto social está a juventude contemporânea.

As características que delineiam esse sistema, impulsionando o consumo, demandam que diversas estruturas sociais se alinhem a essa lógica, incluindo as instituições educacionais responsáveis pela educação formal das novas gerações. Nesse contexto, a educação, influenciada por essa conjuntura, inclina-se a cultivar uma subjetividade receptiva ao novo, buscando atender às demandas específicas do momento vivido.

Na atual conjuntura, é crucial destacar o papel do professor em relação ao componente curricular Projeto de Vida. Diante de relatos provenientes de alunos, o professor torna-se um dos principais responsáveis por ampliar a compreensão dos estudantes em relação a fatores externos à sua vivência. Dessa forma, os alunos podem refletir sobre seu cotidiano, especialmente considerando as profundas mudanças que os jovens têm experimentado na realização de suas atividades diárias. Desde as práticas de consumo até os processos de produção, tendo em vista que a tecnologia tem desempenhado um papel central na reconfiguração do pensamento e do ambiente material vivido por esses sujeitos.

Para o jovem que está no Ensino Médio compreender esse contexto pode ser particularmente desafiador. Ele se encontra em uma fase crucial de transição na vida e as expectativas e pressões sociais para definir seu futuro profissional são intensas.

Nesse cenário, o jovem é confrontado com a necessidade de se posicionar em relação ao modelo dominante. Ao mesmo tempo, pode sentir certa resistência ou desconforto em relação as circunstâncias apresentadas. Além disso, ele enfrenta a realidade do mundo do trabalho cada vez mais competitivo e instável e tem a preocupação com a perspectiva de trabalhar em um ambiente que valoriza a flexibilidade, a adaptabilidade e a constante reinvenção de si.

Diante desses desafios, é crucial que a juventude tenha espaço para explorar suas próprias aspirações, valores e interesses. Ela precisa de apoio e orientação para tomar decisões sobre seu futuro profissional, considerando não apenas as demandas do mercado, mas também suas utopias, paixões, habilidades e aspirações pessoais. Esse apoio pode ser encontrado na escola e naquele profissional que trabalha com os projetos de vida.

Para Tommasi e Corrochano (2020,p.1):

O trabalho é uma das dimensões constitutivas da experiência juvenil brasileira. Ainda que os dados mais recentes evidenciem alterações na importância relativa de escola e trabalho nas duas últimas décadas, com ampliação significativa da presença do sistema educacional entre as novas gerações, o trabalho e a busca por trabalho são realidades presentes nas trajetórias de um conjunto significativo deles e delas.

Como mencionado, o desafio reside em transformar essa informação em conhecimento significativo dando sustentação para as juventudes encontrarem respaldo frente ao novo período vivido. Isso requer tempo, reflexão e análise crítica para assimilar, compreender e contextualizar as informações em um corpo coerente de conhecimento. Assim, embora a informação possa ser instantânea, o processo de transformá-la em conhecimento é um empreendimento mais complexo e demorado que demanda direcionamento e amadurecimento e que é produzido por e pela educação escolar.

Enquanto o tempo necessário para transformar a informação em conhecimento vai evoluindo na escola, os jovens fazem parte de uma realidade de conectividade constante, impulsionados pela internet e redes sociais. Os famosos da internet se diferenciam das estrelas de TV por estarem mais próximos da realidade das juventudes. Eles compartilham seu dia a dia e interagem diretamente com seus seguidores. Além disso, os youtubers, instagrammers, blogueiros e outras webcelebridades exercem uma influência significativa devido ao status social e sucesso financeiro que demonstram ter. Essa realidade trouxe consigo um aumento na exposição a informações, interações sociais e padrões de sucesso e desempenho muitas vezes ilusórias.

O sujeito de desempenho é mais rápido e mais produtivo que o sujeito da obediência. O poder, porém, não cancela o dever. O sujeito de desempenho continua disciplinado. Ele tem atrás de si o estágio disciplinar. O poder eleva o nível de produtividade que é intencionado através da técnica disciplinar, o imperativo do dever. Mas em relação à elevação da produtividade não há qualquer ruptura; há apenas continuidade (Han, 2017, p.25 e 26).

Embora esses recursos tenham benefícios inegáveis, também contribuem para a pressão e as comparações constantes. Para Han (2017, p.27) “o que causa a depressão e o

esgotamento não é o imperativo de obedecer apenas a si mesmo, mas a pressão de desempenho”. As pessoas agora se veem constantemente envolvidas em uma competição sutil para se ajustarem aos padrões idealizados, o que pode desencadear sentimentos de inadequação, ansiedade e depressão.

O homem depressivo é aquele animal laborans que explora a si mesmo e, quiçá deliberadamente, sem qualquer coação estranha. É agressor e vítima ao mesmo tempo. O si-mesmo em sentido enfático é ainda uma categoria imunológica. Mas a depressão se esquiva de todo e qualquer esquema imunológico. Ela irrompe no momento em que o sujeito de desempenho não pode mais poder. Ela é de princípio um cansaço de fazer e de poder. A lamúria do indivíduo depressivo de que nada é possível só se torna possível numa sociedade que crê que nada é impossível (Han, 2017, p.28).

Notamos que a definição de sucesso, felicidade, fracasso ou insucesso é moldada pela representação de um indivíduo fictício. Este, uma abstração do modo de ser humano, emerge como um modelo prevalente para padrões de vida, consumo e estilo, mas apenas em uma tendência momentânea.

Com a velocidade e as mudanças tecnológicas, a incerteza associada à adaptação contínua pode intensificar a ansiedade. A necessidade de atualização constante de habilidades e a competição acirrada em ambientes de trabalho podem criar um ambiente propício ao estresse e à ansiedade profissional. A pressão para se manter relevante em um mundo em rápida evolução pode se tornar esmagadora, levando aos sentimentos de insegurança e apreensão em relação ao futuro.

Além disso, a conectividade constante e a exposição a notícias e informações podem contribuir para a chamada "infoxicação"⁵ um excesso de informação que pode sobrecarregar emocionalmente as pessoas. O medo de perder algo importante ou de não estar atualizado pode desencadear uma ansiedade generalizada.

Uma pesquisa internacional feita por um site de tecnologia mostrou que os brasileiros são praticamente recordistas em tempo conectado a telas de celulares ou outros eletrônicos. Por aqui, a população fica em média nove horas e meia por dia utilizando esses aparelhos. O número assusta bastante, e só não é maior que o da África do Sul. Em 2022, Brasil ocupava o mesmo posto no mundo. Curiosamente, o Japão, país que é considerado dos mais avançados em tecnologia, vê a população

⁵ Infoxicação. O termo criado pelo físico espanhol Alfons Cornellá em 1996, para caracterizar a doença, falta de saúde, moléstia específica, coisa que incomoda, mal-estar, defeito; mania causada pela soma de informação como forma intoxicação. Essa doença se tornou uma epidemia graças aos vírus que estão na internet, joguinhos, fake's, TVs, jornais, videogames e todos nós corremos o risco de contaminação. Com o excesso de notícias, a informação sem critérios ou até mesmo, desqualificada, não é totalmente digerida e, por isso, sentimos os sintomas como dispersão, estresse, insônia, ansiedade e outros. Disponível em: <https://www.rsdata.com.br/o-que-e-infotoxicacao-como-ela-afeta-a-saude-mental-e-o-trabalho/>.

utilizar celulares por 1/3 do tempo que os brasileiros utilizam (Portal G1, 2023).

Assim, essa metamorfose desencadeada por efeitos globais não é apenas técnica, mas também psicossocial. Os novos sujeitos desse cenário encontram-se não apenas diante de um novo contexto, mas frente a um contexto relacional e emocional reconfigurado. A compreensão desse duplo impacto é fundamental para lidar de maneira abrangente e equitativa com os desafios colocados pela rápida evolução tecnológica.

Percebemos que a responsabilização individual ganha destaque como um elemento essencial na compreensão da dinâmica social e das relações que caracterizam a atualidade. "O indivíduo neoliberal deve ser um empreendedor de si mesmo, disciplinado e autônomo, comprometido com o próprio desempenho" (Dardot; Laval, 2010, p. 331). Essa ênfase reflete uma transformação na forma como percebemos o sucesso e o insucesso, deslocando-se de narrativas mais coletivas para uma abordagem centrada no indivíduo o que pode confundir o jovem que ainda está buscando uma perspectiva de formação e pensando projetos de acordo com sua realidade.

Ao focar as capacidades individuais, a sociedade contemporânea promove a ideia de que o sucesso é alcançado através do esforço pessoal, competência e iniciativa própria. Da mesma forma, as dificuldades são frequentemente interpretadas como resultado de escolhas individuais ou falta de habilidade. Essa perspectiva individualista pode gerar pressões significativas sobre os ombros dos indivíduos, incentivando-os a buscarem constante aprimoramento pessoal em um ambiente que valoriza a autodeterminação.

Dessa forma, a economia absorve e se confunde com a moral, convertendo-se no elemento organizador da vida. Esse trabalhador passa a ser o sujeito que deve se adaptar continuamente às necessidades e variações da demanda do mundo do trabalho, constituindo-se um sujeito "falha-zero", especialista em si mesmo, empregador de si mesmo, inventor de si mesmo e empreendedor de si mesmo, responsável, inteira e completamente, por seus fracassos e sua infelicidade (Dardot; Laval, 2016).

Do sujeito ao Estado, passando pela empresa, um mesmo discurso permite articular uma definição do homem pela maneira como ele quer ser "bem sucedido", assim como pelo modo como deve ser "guiado", "estimulado", "formado", "empoderado" (empowered) para cumprir seus "objetivos". Em outras palavras, a racionalidade neoliberal produz o sujeito de que necessita ordenando os meios de governá-lo para que ele se conduza realmente como uma entidade em competição e que, por isso, deve maximizar seus resultados, expondo-se a riscos e assumindo inteira responsabilidade por eventuais fracassos (Dardot; Laval, 2016, p.328, grifos dos autores).

No entanto, é crucial reconhecer que essa ênfase na responsabilização individual também pode levar a uma visão simplificada e individualista das complexas realidades sociais. Fatores estruturais como desigualdades socioeconômicas, discriminação e acesso desigual às oportunidades, analisadas no capítulo anterior são, muitas vezes, negligenciados nessa narrativa. Portanto, enquanto a responsabilização individual desempenha um papel central na compreensão da sociedade contemporânea é essencial considerar criticamente como ela interage com as questões mais amplas de justiça social e equidade.

Se existe um novo sujeito, ele deve ser distinguido nas práticas discursivas e institucionais que, no fim do século XX, engendraram a figura do homem-empresa ou do "sujeito empresarial", favorecendo a instauração de uma rede de sanções, estímulos e comprometimentos que tem o efeito de produzir funcionamentos psíquicos de um novo tipo. Alcançar o objetivo de reorganizar completamente a sociedade, as empresas e as instituições pela multiplicação e pela intensificação dos mecanismos, das relações e dos comportamentos de mercado implica necessariamente um devir-outro dos sujeitos (Dardot; Laval, 2016, p.322, grifos do autor).

Essas práticas têm promovido valores e ideais associados ao mundo dos negócios como iniciativa, competitividade e busca por sucesso pessoal. O termo "homem-empresa" encapsula essa transformação, sugerindo uma mentalidade empresarial adotada pelos indivíduos, na qual são incentivados a agir como empreendedores de si mesmos, buscando maximizar seus ganhos e alcançar o sucesso a qualquer custo. Dardot e Laval observam que o sujeito unitário é

o sujeito do envolvimento total de si mesmo. A vontade de realização pessoal, o projeto que se quer levar a cabo, a motivação que anima o "colaborador" da empresa, enfim, o desejo com todos os nomes que se queira dar a ele é o alvo do novo poder. O ser desejante não é apenas o ponto de aplicação desse poder; ele é o substituto dos dispositivos de direção das condutas. Porque o efeito procurado pelas novas práticas de fabricação e gestão do novo sujeito é fazer com que o indivíduo trabalhe para a empresa como se trabalhasse para si mesmo e, assim, eliminar qualquer sentimento de alienação e até mesmo qualquer distância entre o indivíduo e a empresa que o emprega (Dardot; Laval, 2016, p.327, grifos dos autores).

Além disso, essa transformação não se limitou apenas ao nível individual. Implicou uma reorganização mais ampla da sociedade e das instituições para sustentar e promover tal cultura. Isso exigiu adaptações nas estruturas sociais, econômicas e educacionais para acomodar e incentivar esse modelo de comportamento.

As juventudes enfrentam uma série de desafios decorrentes dessas mudanças, incluindo pressões para se conformar aos padrões de sucesso e felicidade propagados pela cultura individualista e competitiva. Ao mesmo tempo, eles também têm a oportunidade de

aproveitar as novas tecnologias para explorar interesses, criar conexões e buscar oportunidades de aprendizado e desenvolvimento.

É importante que os educadores, pais e outros adultos responsáveis reconheçam e compreendam as nuances dessas questões ao lidar com jovens. Isso implica ter consciência dos desafios emocionais e sociais que os jovens enfrentam no mundo digitalizado de hoje, bem como das oportunidades e recursos disponíveis para ajudá-los a prosperar nesses ambientes de constantes mudanças.

Por outro lado, há relatos de alunos salientando as suas dificuldades em se relacionar com seus colegas e professores porque muitas vezes enfrentam esse desafio em decorrência de convivências conflitivas. Por isso, qualquer palavra pode desencadear discussões, crises de ansiedade ou até mesmo choros desesperados. É possível observar dois extremos nesse cenário: alguns alunos fogem dos problemas por medo de confrontá-los, outros recorrem a fugas, como crises de pânico, ansiedades e medo para enfrentar as dificuldades. Esses comportamentos refletem as complexidades das relações interpessoais e a necessidade de apoio emocional e social adequado para os estudantes lidarem com esses desafios.

Nesse cenário de tantas transformações, observamos as dificuldades para os jovens pensarem em seus projetos de vida, especialmente para os que estão no Ensino Médio. Daí a questão que a pesquisa pretende responder: Quais possibilidades e desafios na elaboração de Projetos de Vida com jovens do Ensino Médio, considerando contextos de precarização e flexibilização do mundo do trabalho?

Nesse viés, muitos jovens se deparam com a incerteza acerca do futuro, tanto durante quanto após a vida escolar e que tem gerado questionamentos importantes acerca do mundo do trabalho, das relações sociais, “a precarização das relações de trabalho afeta desproporcionalmente os jovens, criando um cenário de incerteza que pode dificultar a construção de projetos de vida” (Gropo.2020,p.89).Que caminhos serão trilhados? Que perspectivas podem ser vislumbradas e concretizadas diante desse panorama?

Sendo assim, a educação enfrenta desafios crescentes ao tentar definir seu papel em uma era flexível. Inicialmente concebida como alicerce para a compreensão do mundo e a formação de personalidades sólidas, capazes de enfrentar adversidades, ou mesmo como alavanca para o desenvolvimento dos países, ela agora se depara com a complexa missão de se adaptar às mudanças constantes. “A arte de viver num mundo hipersaturado de informação ainda não foi apreendida. E o mesmo vale também para a arte ainda mais difícil de preparar os homens para esse tipo de vida” (Bauman, 2010, p. 60).

Diante das complexidades e amplitudes das questões educacionais em tempos

líquidos, é imperativo repensar não apenas os métodos educacionais, mas também a própria estrutura do sistema educacional.

No mundo líquido-moderno, a solidez das coisas, assim como a solidez dos vínculos humanos, é vista como uma ameaça: qualquer juramento de fidelidade, qualquer compromisso a longo prazo (e mais ainda por prazo indeterminado) prenuncia um futuro preche de obrigações que limitam a liberdade de movimento e a capacidade de perceber novas oportunidades (ainda desconhecidas) assim que (inevitavelmente) elas se apresentarem (Bauman, 2010, p. 40-41).

A fluidez das relações sociais, aliada às transformações rápidas e constantes, exige uma abordagem que compreenda os alicerces dessa dinâmica. Superar esses desafios na educação institucionalizada implica não apenas em ajustes superficiais, mas em uma reavaliação profunda de como estamos trabalhando e fazendo educação nesses contextos em constantes mutações.

A história da educação conheceu muitos momentos críticos nos quais ficava evidente que premissas e estratégias já testadas e aparentemente confiáveis não davam mais conta da realidade e exigiam revisões e reformas. Contudo, a crise atual parece ser diferente daquelas do passado. Os desafios do presente desferem duros golpes contra a própria essência da ideia de educação, tal como ela se formou nos primórdios da longa história da civilização: eles questionam as invariantes dessa ideia, as características constitutivas da educação que resistiram a todos os desafios passados e emergiram intactas de todas as crises anteriores; os pressupostos que antes nunca haviam sido colocados em questão e menos ainda encarados como se já tivessem cumprido sua missão e necessitassem de substituição (Bauman, 2010, p. 40).

Ao reconhecer as nuances do mundo líquido, nos questionamos sobre quais as possibilidades de forjarmos caminhos alternativos aos propostos pelo neoliberalismo para a construção do conhecimento e do aprendizado? Em outras palavras, qual é a função das instituições educacionais em desafiar as novas gerações a fazer frente a sociedade fluida e como as escolas podem se tornar locais de resistência contra-hegemônica e, ao mesmo tempo, espaços para pensar em alternativas? Como transformar os espaços educativos escolares em ambientes reflexivos contra a pressão da sociedade consumista e a lógica neoliberal? Esses são questionamentos que fazem parte de nosso cotidiano e necessário para podermos continuar pensando e fazendo educação. São essas questões que constituirão o capítulo seguinte, ou seja, frente ao domínio da lógica neoliberal é necessário refletir sobre a cultura dominante que atribui ao indivíduo a responsabilidade por seus sucessos e fracassos, ignorando as influências das condições sociais e culturais nas quais esse estudante está inserido.

4 COMPONENTE CURRICULAR PROJETO DE VIDA E MUNDO DO TRABALHO: UM ESTUDO NA COORDENADORIA DE CONCÓRDIA/SC

Este capítulo se concentra em aprofundar como o componente curricular Projeto de Vida e Mundo do Trabalho vem sendo desenvolvido em escolas da Coordenadoria de Concórdia, no âmbito da Rede estadual de Educação de Santa Catarina. Buscamos estudar a temática projeto de vida e mundo do trabalho introduzida na estrutura do Novo Ensino Médio, assim como sua adaptação para o estado de Santa Catarina.

4.1 Reforma do Novo Ensino Médio e BNCC

Para melhor compreensão deste estudo, é preciso contextualizarmos a reforma do Ensino Médio dentro do cenário nacional, considerando fatores político-econômicos que influenciaram sua reestruturação, características, propósitos, razões e limitações.

Essa preocupação centraliza-se na redução ou até mesmo eliminação de disciplinas cruciais para uma formação que possa ampliar análises críticas do estudante em relação ao mundo contemporâneo e outras que foram consideradas importantes para fazer parte da nova estrutura curricular, discutidas em seguida. Em meio a um cenário permeado por questionamentos, o Novo Ensino Médio pautou-se num terreno de debates, embates e contradições.

Em 2016, o país enfrentou uma severa crise econômica e política que resultou em golpe midiático-parlamentar que levou à destituição da presidenta Dilma Rousseff e à consequente posse de Michel Temer. Logo nos primeiros meses após assumir o governo, Temer, adotando explicitamente teses empresariais para reforma na educação, trouxe a público a Medida Provisória nº 746/2016. A MP chama atenção da sociedade e da educação por deixar de fora algumas disciplinas do currículo essenciais para os estudantes ampliarem seu repertório crítico, cultural, físico e social, como: Sociologia, Filosofia, Artes e Educação Física. Além disso, instituindo o notório saber para a Educação Profissional e alteração na estrutura curricular especificamente no Ensino Médio.

Em 2017, com a medida provisória aprovada, posteriormente convertida na Lei nº 13.415/2017, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº 9.394/1996, houve a reformulação significativa ao sistema educacional brasileiro, em referência ao Ensino Médio. Para problematizar a reforma foram enfatizados dados do Ensino Médio, destacando informações sobre evasão escolar e resultados insatisfatórios nessa etapa.

Sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), esta ganhou destaque nas discussões a partir de 2015, prevista na Lei de Diretrizes e Bases (LDB, Lei nº 9.394/1996) e no Plano Nacional de Educação (PNE, Lei nº 13.005/2014). No entanto, no final de 2018, a elaboração e aprovação da BNCC foram aceleradas de forma sincronizada com alterações legislativas, resultando em debates mais superficiais e apressados. Essa aceleração comprometeu a profundidade das discussões, levantando críticas sobre a qualidade e eficácia das decisões tomadas nesse período.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do país, deveria contemplar a educação básica em seus três níveis: infantil, fundamental e médio. Contudo, devido a diversos questionamentos e complicações, a BNCC foi aprovada em partes. Primeiro, foram aprovadas as bases referentes à educação infantil e ao ensino fundamental, e somente em 2018 foi homologada a base referente ao Ensino Médio. Em 14 de dezembro de 2018, a BNCC foi oficialmente homologada como um guia orientador para o Ensino Médio.

Notamos que a reforma do Ensino Médio se insere dentro de um movimento impulsionado por segmentos da sociedade brasileira vinculados a interesses empresariais. Nesse contexto, o Todos pela Educação (TPE) participou ativamente da reforma sendo um movimento financiado com recursos privados de grupos empresariais⁶. Diante do fraco desempenho no Ensino Médio, o TPE focou a reforma nas habilidades e competências que os estudantes não estavam desenvolvendo, o que poderia acarretar problemas em sua transição para o mercado de trabalho. O TPE expressou sua “preocupação” destacando a urgência de reformas no Ensino Médio para melhor atender às necessidades e realidades dos jovens brasileiros, além de estar em sintonia com os desafios do século XXI.

Ficou evidente que a reforma atendeu aos interesses de fundações e grupos empresariais. Resta-nos questionar quais as motivações que esses grupos tiveram para tanto empenho, assim como o incentivo e influências na construção do documento da BNCC, dando ênfase nas habilidades e competências como pilares da educação. Para Fávero, Centenaro e Bukowski (2021, p.14),

Os grupos ligados ao mercado atuam para que as políticas curriculares insiram na cultura escolar os parâmetros simbólicos do neoliberalismo. O currículo é um ponto atacado pelo mercado por sua capacidade de construir uma identidade coletiva, de regular os objetivos e a aprendizagem e de selecionar o conhecimento oficial e os

⁶Todos pela Educação é um movimento que reúne iniciativa privada, terceiro setor e governos. São organizações da sociedade civil que fazem um trabalho de *advocacy*, promovendo ações como publicação de artigos na imprensa, realização de campanhas publicitárias e financiamento de pesquisas, entre outras práticas, para defender a BNCC e construir um discurso favorável a ela (CÁSSIO, 2019).

critérios de controle.

O currículo nacional se transforma; de um lado, em um eficiente instrumento de controle político sobre o conhecimento e, de outro, em uma prática de diferenciação social que legitima a lógica dominante em relação ao que se deve aprender na escola. Dessa maneira, a Base Nacional Comum Curricular, a reforma do Ensino Médio e a promulgação da Lei nº 13.005/2014, que aprovou o Plano Nacional de Educação (PNE), situam-se num mesmo alinhamento político-ideológico, num contexto de muitas tensões políticas e de limitados debates. Refletem, portanto, tendências de forte domínio de setores alinhados aos discursos do mercado e em defesa dos princípios neoliberais, assim como princípios advindos do toyotismo na educação que promoveu à disseminação de uma educação alinhada com as exigências de seu sistema de produção, enfatizando a flexibilidade, a adaptação, a autonomia, e a multifuncionalidade.

Destaca-se como objetivo central da BNCC um currículo voltado à educação integral e ao pleno desenvolvimento do estudante. Enfatizamos, nesse sentido, que um currículo fragmentado não promove a educação integral, e a redução de conteúdos científicos também não colabora para alcançar esse objetivo como temos observado na base e construção dos currículos em todo país.

A BNCC foi organizada a partir de dois conceitos centrais: habilidades e competências e dez competências gerais. Evidente que a Base tem elaborações dos conceitos diferenciadas para a educação infantil, relativamente articulada com bases nesses dois conceitos para o ensino fundamental e totalmente alinhada a esses conceitos para o Ensino Médio. Em todas as etapas da educação básica as dez competências gerais estão presentes através de códigos alfanuméricos em cada área de conhecimento que se espera que os alunos desenvolvam ao longo de sua trajetória educacional. Na avaliação de Fávero, Centenaro e Bukowski (2021, p.14, grifos dos autores)

O documento, além de ser extenso (600 páginas), é de difícil entendimento, mesclando hierarquização de competências gerais e específicas, unidades temáticas, objetos de conhecimento e suas respectivas habilidades enumeradas em códigos alfanuméricos. Para tornar-se palatável aos professores, a BNCC necessitaria do trabalho de consultores e especialistas curriculares, como é possível observar nas matérias que compuseram a tendência analítica “implementação”. Os modelos de currículo centralizados enaltecem os especialistas que recebem a tarefa de elaborar e explicar um currículo nacional nem sempre conectado com os sujeitos e com o contexto das escolas.

Observamos que o documento se tornou altamente burocrático dificultando a

compreensão dos professores e a aplicação em seus planos de aula, replicando o modo estruturado de abordagem do conhecimento, dos valores e das atitudes, através de competências e habilidades previamente estabelecidas.

4.2 Componente Curricular Projeto de Vida e o Mundo do Trabalho

Entre as dez competências gerais delineadas no documento, destacamos o Trabalho e Projeto de Vida, sexta competência, visando à formação do estudante jovem. Essa competência denominada Trabalho e Projeto de Vida, foi pensada em Santa Catarina como componente curricular da parte flexível denominada simplesmente Projeto de Vida o qual passo a denominar. A partir da reforma do Ensino Médio, estados e escolas em diferentes regiões do Brasil têm procurado incorporar a temática do Projeto de Vida em seus currículos.

Conforme estipulado pelas diretrizes, o Projeto de Vida deve abranger as “habilidades e competências das diversas áreas do conhecimento, bem como da educação profissional e técnica, utilizando-se dos elementos de conhecimento e domínios, enquanto mantém o foco nas competências gerais estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular” (Brasil, 2018a, p.3). Referente ao Projeto de Vida, a BNCC objetiva

Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade (Brasil, 2018a, p. 9).

As tensões e os desafios que implicam na relação juventudes e a escola, não podem ser entendidos fora do contexto das transformações sociais que modificam a dinâmica da sociedade como um todo, bem como a construção do indivíduo com relação a sua própria subjetividade, conforme trabalhado nos capítulos segundo e terceiro desta dissertação.

Nessa perspectiva, a BNCC faz indicação ao “Projeto de Vida” como algo que:

os estudantes almejam, projetam e redefinem para si ao longo de sua trajetória, uma construção que acompanha o desenvolvimento da(s) identidade(s), em contextos atravessados por uma cultura e por demandas sociais que se articulam, ora por promover, ora para constranger seus desejos (Brasil, 2018a, p. 472).

Mediante essas mudanças e com a instituição do Programa de Apoio ao Novo Ensino

Médio, via Portaria nº. 649/2018⁷, o estado de Santa Catarina, iniciou a discussão e elaboração do Currículo Base do Ensino Médio do Território Catarinense o qual aponta para duas alterações de grande impacto.

De acordo com a Lei nº 13.415/2017, a primeira mudança refere-se à ampliação da carga horária mínima anual de 800 horas, para 1000 horas, totalizando 3000 mil horas ao final do Ensino Médio, no prazo de cinco anos, a partir de 2017; e a segunda, uma nova organização curricular, contemplando a BNCC, com as chamadas áreas do conhecimento, intitulada como: Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Ciências Humanas Sociais e Aplicadas. Já como parte flexível do currículo passou a ser composta pelos chamados Itinerários Formativos que, no Estado de Santa Catarina, compreendem: Projeto de Vida; Segunda Língua Estrangeira e Componentes Curriculares Eletivos.

Em função da reforma do Novo Ensino Médio (NEM), por força de lei, em 2019, em Santa Catarina a nova grade curricular foi implantada em 120 escolas pilotos na rede. Essa estratégia tinha o intuito de observar os impactos da mudança e avaliar os resultados antes de expandi-la para as demais escolas, e construir o Currículo do Território durante o percurso da implantação.

As escolas que já tinham algum tipo de programa do Ministério da Educação que foram desenvolvidos na instituição durante os anos escolares no Ensino Médio, a exemplo do Programa Ensino Médio Inovador (ProEMI), que visava a elaboração de um redesenho curricular nas escolas de ensino médio voltado ao desenvolvimento de um currículo mais dinâmico e flexível dos conhecimentos das diversas áreas. E a escola que tinha o programa: Ensino Médio Integral em Tempo Integral (EMITI), que visava o fomento à implementação de escolas em tempo integral, as quais recebiam recurso para essa implantação, passaram a compor o grupo de escolas que tinham as características para implantação do NEM posteriormente. De acordo com o site oficial da Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina, em 2017, apenas 16 escolas da rede pública estadual atendiam aos critérios do Ministério da Educação e adotaram os dois programas.

Em 2019, esse número aumentou para 31 escolas. A implementação e organização do EMITI em Santa Catarina contou com a parceria do Instituto Ayrton Senna (IAS) e o apoio do

⁷ Na rede estadual, o compromisso com a implementação tem configurado como um processo gradativo, iniciado com a adesão, em 2018, e implementação em 2019, de 120 unidades escolares, denominadas escolas-piloto, por meio da Portaria MEC nº 649/2018, que instituiu o Programa de Apoio ao Novo Ensino Médio (CBEMTC, p.24).

Instituto Natura (IN), configurando uma parceria público-privada de ensino.

Importante discutir sobre as parcerias público-privadas (PPP) colocar no debate sobre a reconfiguração do papel do Estado na educação e em outros setores sociais. As PPPs, promovidas com frequência pelos discursos neoliberais, buscam inserir a lógica do mercado e da eficiência empresarial nos serviços públicos, alterando significativamente o modo como são oferecidos e geridos. Esse discurso tem embasado a defesa dessas parcerias, que promove a ideia de que o setor privado é inerentemente mais eficiente e que a intervenção estatal deve ser mínima. Peroni critica essa visão ao destacar que, ao transferir responsabilidades fundamentais para o setor privado, o Estado abdica de sua função social, colocando em risco a universalidade e a qualidade dos serviços públicos essenciais. Como ela argumenta, "as parcerias público-privadas estão intimamente ligadas à ideologia neoliberal, que busca redefinir o papel do Estado e transformar direitos em mercadorias" (Peroni, 2009, p. 214).

Essas escolas serviram como laboratórios para experimentar e aprimorar as novas abordagens pedagógicas, metodológicas e de organização curricular, posteriormente compondo o número de escolas que aderiram ao Novo Ensino Médio.

Na Coordenadoria Regional de Concórdia, das 20 escolas da rede, apenas uma escola se encaixava nos requisitos⁸ para adequação do NEM: a Escola de Educação Básica Professor Olavo Cecco Rigon. Em 2020 deu-se o início efetivo ao Novo Ensino Médio, recebendo suas primeiras turmas com a nova estrutura curricular, denominando-as escolas-piloto.

Duas novas realidades começaram a ser desenhadas nos primeiros meses daquele ano. O que era para ser novo e já tumultuado devido as mudanças bruscas e rápidas, passa a ser perturbador, pois o Brasil foi surpreendido pela pandemia da Covid-19, e houve protocolos de segurança, e em SC culminou com o Decreto estadual nº 515/2020, que declarou situação emergencial no território catarinense.

O início do Novo Ensino Médio coincide, portanto, com o período pandêmico, que além ser um momento de adaptação ao Novo Ensino Médio, marcado por contradições e adaptações, teve a suspensão das atividades escolares presenciais e os estudos passaram a ser administrados remotamente através de plataformas digitais, dificultando a aprendizagem e mudando todo formato educacional. De modo repentino se perde todo contato social e as dificuldades foram impostas.

Em SC as escolas continuaram ofertando aulas com a utilização de ferramentas digitais, sobretudo, integradas ao *Google for Education* que passaram a fazer parte da

⁸ Requisito desta escola foi o funcionamento do Programa Projeto Ensino Médio Inovador (ProEMI).

realidade do trabalho dos professores, que naquele momento não tinham conhecimento e nem ferramentas para desenvolver as atividades educacionais, tampouco o aluno para estudar. Muitos desafios mediante a nova realidade surgiram, mas, com muitas dificuldades e tropeços foi dado prosseguimento aos estudos e a implantação do NEM impostos por mudança de lei. Uma das mudanças mais significativas introduzidas pela Lei nº 13.415/2017 diz respeito ao aumento da carga horária mínima anual e a outra alteração diz respeito ao currículo, já mencionado.

Com a nova matriz curricular surgiram muitas dúvidas e desafios, e com agravante da pandemia a problemática estava posta. A partir da mudança, na escola piloto, somente as primeiras séries do ensino médio passaram a fazer parte da nova grade. A nova estrutura abrangeu a Formação Geral Básica, juntamente com a parte flexível composta pelo Projeto de Vida, Segunda Língua Estrangeira e Componentes Curriculares Eletivos e, posteriormente, as Trilhas. Gradualmente, ano após ano, essa estrutura foi estendida aos demais alunos da rede.

A SED/SC no ano de 2019 iniciou os encontros formativos com as Coordenadorias Regionais e as escolas-piloto, objetivando o processo de construção das propostas de flexibilização curricular, conforme estabelecido pela Portaria nº649/2018, assim como organizando a nova arquitetura curricular, e a elaboração do currículo do território catarinense.

Os documentos do Currículo Base do Ensino Médio do Território Catarinense (CBEMTC) foram escritos e organizados constituindo vários cadernos, denominados como: Caderno 1 - Disposições Gerais: textos introdutórios e outros do Currículo Base do Ensino Médio do Território Catarinense; Caderno 2- Formação Geral Básica: textos da Formação Geral Básica por Área do Conhecimento, do Currículo Base do Ensino Médio do Território Catarinense; Caderno 3- Parte Flexível do Currículo: Portfólio de Trilhas de Aprofundamento que fazem parte dos Itinerários Formativos do Território Catarinense; Caderno 4- Parte Flexível do Currículo: Portfólio de Componentes Curriculares Eletivos que fazem parte dos Itinerários Formativos do Território Catarinense; Caderno 5- Trilhas de Aprofundamento da Educação Profissional e Tecnológica, disponíveis no site da SED⁹.

O CBEMTC apresenta o componente curricular Projeto de Vida como espaço de acolhimento das múltiplas juventudes, considerando suas singularidades e identidades e que ele perpassará as competências e habilidades das áreas de conhecimento, da educação profissional e da técnica, apoiando-se nos objetos do

⁹ Acesso em: <https://www.sed.sc.gov.br/etapas-e-modalidades-de-ensino/novo-ensino-medio/>

conhecimento para vinculá-los às dimensões de trabalho, com vistas ao pleno desenvolvimento dos alunos (Santa Catarina, 2021).

No caderno um das Disposições Gerais ficaram definidas as sugestões de 15 unidades temáticas para organizar o trabalho do componente Projeto de Vida conforme destacado no CBEMTC, caderno 1 (2021,p.83). A equipe da Gerência do Ensino Médio e Profissional da Secretaria Estadual de Educação SED/SC, em colaboração com a Associação Instituto Iungo¹⁰, organizando grupos de estudos de educadores de todo estado de Santa Catarina, com intuito de subsidiar o trabalho dos professores em sala de aula, discutindo e elaborando materiais para suporte pedagógico. Com os grupos de professores da SED, os quais se inscreveram voluntariamente, trabalharam de forma on-line na elaboração dos Roteiros Pedagógicos para o componente curricular Projeto de Vida.

Para elaboração do material do PV os grupos de professores foram se inscrevendo conforme identificação com as 15 temáticas, intitulados: 1- Investigação sobre minha história e as histórias que me compõem; 2- Ser Jovem na Contemporaneidade; 3- Minhas Escolhas: Escola, Estudos e Futuro; 4- Diversidade: Modos de Viver a Vida; 5- Projetos Pessoais e Projetos Societários: Cruzamentos Possíveis; 6- Conhecendo Minha Comunidade Local, seu Potencial Econômico e Social; 7- Apoios Sociais: Relações Competitivas e Cooperativas; 8- Problemas Sociais e Ambientais; 9- A Sociedade Retratarada em Diversos Contextos Históricos; 10- Projetos de Vida e Transformação Social; 11- Os Desafios da Escolha Profissional; 12- Mundo do Trabalho: Quais as Possibilidades?; 13- Carreiras Profissionais; 14- O Profissional do Futuro; 15- Preparação Para o Mercado de Trabalho.

A ideia era que os Roteiros fornecessem suporte ao planejamento das atividades educacionais dos professores para trabalhar com o componente curricular Projeto de Vida e o Mundo do Trabalho no Novo Ensino Médio, resultando em aulas que promovessem diálogos significativos com os jovens, permitindo que eles se desenvolvessem de forma abrangente em

¹⁰ A Associação Instituto Iungo, visando articulação de ações conjuntas para a realização do Programa Nosso Ensino Médio nas Escolas da Rede Pública Estadual de Ensino, por meio de um plano de trabalho com vigência de 22 meses; através de Acordo de Cooperação Técnica, trabalharam juntamente com a Secretaria Estadual de Educação de Santa Catarina na implantação e elaboração dos cadernos pedagógicos, e formação continuada dos professores que atuavam no Novo Ensino Médio pela plataforma <https://nossoensinomedio.org.br/>. Não houve transferência de recursos financeiros da SED/SC para o PARCEIRO privado na execução deste Acordo de Cooperação Técnica. A execução deu-se a título gratuito, não sendo devido qualquer repasse de valores entre as partes. O Instituto Iungo, em parceria, concebeu o Programa “Nosso Ensino Médio”, com a intenção de contribuir com o desenvolvimento profissional de educadores e com a formação de professores e gestores escolares para que possam implementar os novos currículos de Ensino Médio das Unidades Federativas ficando na posse dos direitos autorais dos materiais desenvolvidos. Esse programa foi desenvolvido por meio de uma realização conjunta do Instituto Iungo com a rede Uma Concertação pela Amazônia e o Instituto Reúna, em parceria e com investimentos do BNDES, Fundo de Sustentabilidade Hydro, Instituto Arapyaú, Movimento Bem Maior, além do patrocínio da Vale.

suas esferas pessoais, cidadãs e profissionais, conforme destacado no caderno Roteiros Pedagógicos do componente Projeto de Vida (2022, p.17-18).

Através desses encontros foram elaborados os Roteiros Pedagógicos, os quais estão sendo utilizados para subsidiar o trabalho do professor no componente curricular Projeto de Vida em todas as Unidades Escolares de Ensino Médio no Território Catarinense. O material foi disponibilizado físico e on-line para os professores no mês de fevereiro de 2022. Os Roteiros concebidos pelos grupos abrangeram as três dimensões do componente curricular, incorporando uma variedade de estratégias e objetivos de aprendizagem como recursos de conhecimento, metodologias e conteúdos provenientes de diversas áreas, destacando-se como um componente transdisciplinar.

Na matriz curricular, o componente Projeto de Vida, objetivando a diversificação dos estudos da parte flexível do currículo, passou a ser ofertado desde a primeira até a terceira série do Ensino Médio, de forma semestral, com avaliação descritiva, num total de 02 aulas semanais.

Através das dinâmicas de trabalho adotadas pelos professores do PV, subsidiados por meio do Currículo Base do Território Catarinense e dos Roteiros Pedagógicos, e/ou outros materiais, objetivou-se orientar o professor em seu planejamento e, dessa forma, se aproximar da realidade dos jovens estudantes, conhecendo seus anseios, compreendendo suas dúvidas e projetos de vida. Isso diz respeito a uma juventude com vontade, desejos e vivências muito diferentes em suas condições sociais, culturais e de sobrevivência também.

Enquanto SED/CRE e escola precisa discutir o papel do Projeto de Vida na vida dos jovens, assim como as possibilidades e limitações para trabalhar com esse componente curricular no dia a dia, e ainda explorar o mundo do trabalho no Ensino Médio. Nessa perspectiva, diversos aspectos devem ser considerados, incluindo o papel dos profissionais responsáveis pelos estudantes nessa etapa.

Dessa maneira, professores têm assumido o papel de guiar os estudantes na elaboração de seus Projetos de Vida, encorajando, instigando e instruindo a viabilidade de tais projetos, porém é crucial não perder de vista os desafios enfrentados no cotidiano dos jovens e dos profissionais que desenvolvem essas aulas.

Para o estudante é importante que ao delinarem seus Projetos de Vida considerem os conflitos pessoais e sociais que enfrentam em suas vidas. Esses desafios podem ter diversas origens e naturezas, tanto de ordem individuais, quanto relacionados a questões coletivas. Os problemas sociais, com suas origens, causas e impactos, devem ser incorporados nos Projetos de Vida como parte de sua reflexão e planejamento.

A abordagem pedagógica do Projeto de Vida não deve se restringir a uma perspectiva psicoterapêutica, embora reconheça a importância das dimensões emocionais e psicológicas.

Em relação aos conteúdos, precisam estar comprometidos com propostas capazes de atuar e trazer consigo maneiras de contrapor o sistema que está posto. As aulas do Projeto de Vida podem ser um momento no qual muitos estudantes vislumbram a possibilidade de expressar o que mais lhe afligem e o professor, como adulto responsável pelo PV, pode problematizar e orientar essas questões muito próximas do dia a dia do estudante.

De acordo com o MEC (Brasil, 2018c), o aluno perceberá que a organização curricular está sistematizada de forma que a escola ajudará a ampliar sua visão de mundo, o que tornará a aprendizagem significativa¹¹. A expectativa é que esta seja um pilar e que assuma uma posição central no currículo, sendo considerada não apenas como um complemento, mas como um componente curricular fundamental.

Contudo, é certo que os professores precisam passar por formação continuada. A incerteza em relação ao futuro desafia a estabilidade proporcionada pela educação. Os desafios enfrentados são muitos, considerando a reforma na educação, formação acadêmica nas licenciaturas, pouco investimento público na educação, porém, não podemos deixar de fazer o nosso papel enquanto educadores que é refletir com os estudantes alternativas para que consigam trilhar caminhos e experiências possíveis em suas vidas.

4.2.1 Juventudes e Projeto de Vida

Como estamos observando, o Projeto de Vida é parte integrante do currículo escolar. Por isso, é importante mencionar de onde surgiu esse componente e quais conceitos podemos firmar sobre ele. Do ponto de vista teórico existem diversas controvérsias, especialmente na tentativa de definir o termo "Projeto de Vida", que continua carecendo de consenso entre os estudiosos da área.

Segundo Danza e Silva (2020, p. 03), o conceito de "projeto de vida" surgiu da abordagem desenvolvida pelo Centro de Estudos sobre a Adolescência da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, com base em pesquisas e estudos nessa área. Para formulação

¹¹ Quando o MEC (Ministério da Educação e Cultura) fala sobre "aprendizagem significativa" está se referindo a um tipo de aprendizado na qual os alunos conseguem conectar novos conhecimentos com o que já sabem, atribuindo-lhes sentido e relevância em suas vidas. Nesse contexto, a aprendizagem não é apenas memorização de fatos ou informações, mas sim uma construção ativa de conhecimento que tem significado pessoal e utilidade prática para o aluno. Essa abordagem visa garantir que o ensino seja mais eficaz e que os estudantes se envolvam de maneira mais profunda com os conteúdos, facilitando assim o desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico e criativo.

do conceito foi realizado uma extensa pesquisa empírica envolvendo mais de 400 jovens em que foram exploradas suas visões em relação ao futuro e o significado que atribuíam às suas vidas. Segundo Damon, Menon e Bronk *apud* Danza; Silva (2020, p. 03), foi desenvolvido o conceito de *purpose*, cuja tradução apresenta desafios para o vocabulário da língua portuguesa. *Purpose*, que poderia ser traduzido literalmente como "propósito" que engloba um conjunto de características que vão além da simples intenção, diferindo do sentido comum atribuído a "propósito" no Brasil.

Ainda segundo Damon, Menon e Bronk *apud* Danza; Silva (2020, p.03), *purpose* é “[...] uma intenção estável e generalizada de alcançar algo que é ao mesmo tempo significativo para o eu e gera consequências no mundo além do eu”. A partir dessa descrição inicial, entendemos que o cerne do *purpose* é a aspiração para alcançar algo no futuro.

Conforme Danza e Silva (2020, p.04) dada a complexidade dos aspectos envolvidos nesse conceito, pesquisadores brasileiros como Klein (2011), Pinheiro (2013), Danza (2014; 2019) e Gonçalo (2016) optaram por traduzi-lo como "Projeto de Vida”.

O termo Projeto de Vida enseja que o trabalho deva ser suficientemente estável, ou seja, deve permitir que o estudante avance em direção a concretização de suas aspirações, ao invés de tecer dúvidas constantes e não compreender a si e o mundo que o envolve. Além disso, é crucial que essa intenção seja significativa para a pessoa, caso contrário o vínculo emocional e o comprometimento com ela podem enfraquecer.

Segundo Danza e Silva (2020, p.02) o tema projeto de vida chegou às escolas brasileiras em meados de 2011 por meio do programa de Educação em Tempo Integral (Brasil, 2012). A partir de então, o termo "projeto de vida" passou a ser objeto frequente de discussão e reflexão, especialmente quando se trata da juventude. Ele representa mais do que um plano ou objetivo a ser alcançado; é um conjunto de aspirações, valores e metas que orientam as escolhas e decisões de uma pessoa ao longo de sua jornada na escola.

Ao longo da história temos visto que os jovens enfrentam situações adversas em suas vidas, como mudanças sociais, pressões acadêmicas, dificuldades familiares ou incertezas sobre o futuro e podem encontrar no componente curricular Projeto de Vida a oportunidade para refletir sobre aspectos de sua vida, tendo a possibilidade de formulação de novos conceitos, novas percepções sobre si mesmo e do mundo ao seu redor, repensando os papéis que desempenham e estabelecendo uma hierarquia de valores.

Além disso, o Projeto de Vida pode desafiar os jovens a refletirem sobre seus valores, interesses e habilidades, incentivando-os a explorarem diferentes caminhos e a se comprometerem com o autodesenvolvimento e a realização pessoal.

A reflexão sobre si e sobre o futuro é uma etapa crucial na vida dos jovens, pois é durante esse período que se estabelecem os alicerces para a construção do Projeto de Vida. Assim, o Projeto de Vida pode emergir como um elemento que dialoga diretamente com o desenvolvimento positivo da juventude. Portanto, o Projeto de Vida não apenas fornece elementos para lidar com adversidades. É um processo contínuo de autoconhecimento, conforme destacado nas competências gerais da BNCC , também planejamento e ação que oportuniza reflexões para as juventudes.

Compreendemos as juventudes como uma fase integrante de um processo mais abrangente de formação dos indivíduos, caracterizada por particularidades que afetam a vida de cada pessoa. A juventude é uma etapa específica e significativa, que não pode ser vista apenas como uma transição. Ela possui um valor próprio e é influenciada pelo contexto social em que se situa e pela qualidade das interações proporcionadas por esse ambiente.

Conforme Barbosa (2021,p.3)

É justamente esta diversidade de juventudes que adentra o chão da escola. Nesse sentido, é fundamental conhecer os atravessamentos desses jovens bem como suas demandas, se inclinar para a realidade social e escolar desses jovens e compreender seus dilemas, impasses e expectativas, propiciando assim, possíveis diálogos entre escola e juventude. Esse movimento dinâmico de olhar para esses sujeitos e ampliar suas vozes e narrativas permite que a escola reconfigure suas práticas educativas sobretudo por se tratar de sujeitos que vem afirmando presenças, trazendo para o campo pedagógico suas vozes dissonantes, inquietações e resistências frente ao sistema desigual e os mecanismos de manutenção da estrutura social no âmbito da instituição escolar.

Segundo Pesquisa Nacional de Domicílios Contínuas (PNAD) Educação, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2023, o Brasil tinha 48,5 milhões de jovens com idade entre 15 e 29 anos, que representam 25% da população. Tratando-se de juventudes, esse não é um processo simples e linear, ordenado ou seriado, pois cada jovem traz consigo lutas internas para se constituir como sujeito de direitos nas diferentes relações.

Ainda segundo IBGE PNAD, no ano de 2023 os Jovens de 15 a 29 anos no Brasil, apresentaram as seguintes características: entre os 48,5 milhões de jovens de 15 a 29 anos, 9,6 milhões não trabalhavam nem estudavam ou se qualificaram, correspondendo a 19,8% da população brasileira. Os dados da Pesquisa Nacional de Domicílios Contínuas (PNAD) do IBGE no segundo trimestre de 2024 indicam que cerca de 9,8 milhões de jovens brasileiros , com idade de 15 e 29 anos , encontram-se sem trabalho e fora da escola são os apelidados “nem-nem”.

Os dados do PNAD Contínua do IBGE, referentes ao segundo trimestre de 2024,

trazem uma análise da situação dos jovens entre 15 e 29 anos em relação ao trabalho e à educação. Segundo o levantamento, 7,4% não trabalhavam nem estudavam; 5,8% estava fora do mundo do trabalho e da escola, mas se dedicavam às atividades domésticas, 5,3% estavam desempregados, sem estudar, mas procuravam trabalho, 1,6% estavam sem trabalho e sem estudar, mas participavam de cursos não regulares, 43% trabalhavam exclusivamente, 11,9% combinavam trabalho e estudo, e 26,7% estavam focadas exclusivamente nos estudos. Nesse contexto, as várias juventudes precisam ser olhadas, compreendidas como uma etapa fundamental na vida dos estudantes, justamente por não ser um processo linear eles precisam ser acompanhados pela escola, como sujeito aprendente e sujeito de direito.

Destacamos, aqui, que o Estatuto da Juventude estabelece os direitos dos jovens, além dos princípios e diretrizes das políticas públicas voltadas para a juventude, criando também o Sistema Nacional de Juventude (SINAJUVE¹²). Esse marco é crucial para a regulamentação de direitos que, até recentemente, não possuíam previsão legal, muito menos ações específicas para seu atendimento.

O Estatuto da Juventude reconhece os jovens como sujeitos de direitos, reafirmando seu acesso à educação de qualidade, ao trabalho decente, à saúde, à liberdade de expressão e à participação política. Ele também destaca a inclusão dos jovens vulneráveis, garantindo que esses direitos sejam universais. É evidente que as juventudes precisam ser foco de políticas públicas consistentes, os dados reforçam essa análise e preocupação.

A categoria juventude ganhou elaborações mais sistemáticas no início do século XX e suas manifestações variaram conforme os diferentes contextos sociais. Assim, não se pode falar de juventude no singular, mas, de várias juventudes distintas.

A juventude é uma categoria socialmente construída. Ganha contornos próprios em contextos histórico-sociais distintos, e é marcada pela diversidade nas condições sociais, culturais, de gênero e até mesmo geográficas [...]. Além de ser marcada pela diversidade, a juventude é uma categoria dinâmica, transformando-se de acordo com as mudanças sociais que vêm ocorrendo ao longo da história (Dayrell, 2007, p. 4).

Assim, ao analisar as experiências das juventudes, reconhecemos a diversidade de identidades juvenis, que se moldam através das interações consigo, com os outros e com o ambiente ao seu redor, incluindo a comunidade e a sociedade. Essas identidades são por

¹² O Sistema Nacional de Juventude (SINAJUVE), instituído pela Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, e regulamentado nos termos do Decreto nº 9.306, de 15 de março de 2019, constitui forma de articulação e organização da União, dos Estados, do Distrito Federal, dos Municípios e da sociedade civil para a promoção de políticas públicas de juventude.

natureza ambíguas, únicas e mutáveis, impactando significativamente em seus caminhos e Projetos de Vida.

Importante destacarmos que para os jovens poderem ampliar suas buscas e compreensões, a escola exerce um papel fundamental na formação desse sujeito, pois é nela que podem construir valores, dar significado à vida pessoal, vislumbrando expectativas profissionais.

A relação entre trabalho e escolarização no Ensino Médio não pode ser limitado a qualificação para o mercado do trabalho. Precisa proporcionar uma educação abrangente, sem perder sua especificidade e o trabalho necessita ser compreendido como fundamento educativo, para educar-se através dele.

A escola deve interrogar-se e lançar luz sobre a necessidade de se pensar efetivamente na constituição das juventudes, privilegiando reflexões sobre as tensões e ambiguidades vivenciadas por esses sujeitos que se constituem como alunos num cotidiano escolar que, na maior parte das vezes, não leva em conta a sua condição juvenil (Dayrell, 2007).

Nesse contexto, a escola surge como um ambiente singular na construção dos projetos de vida, proporcionando aos estudantes a oportunidade de refletir suas aspirações e desenvolver estratégias para realizá-las. Conforme destacado por Mazzardo, Corte e Costa (2021, p.08),

Para pensar uma escola acolhedora, com significado para os estudantes, enfim, uma escola transformadora, considerando que só se faz educação quando acontece à transformação, é necessário alicerçar suas decisões junto com a comunidade escolar, organizando-se para atender os interesses desses elementos às quais essa transformação favorece.

Nesse sentido, escola e professores precisam encontrar maneiras de se conectar mais profundamente com a realidade cotidiana dos estudantes, integrando suas vivências e desafios externos no processo educativo. Isso pode ser alcançado através do componente Projeto de Vida, de um currículo contextualizado, projetos interdisciplinares que envolvam a comunidade e reflitam os interesses e preocupações dos estudantes. Assim, a escola não apenas educa os jovens para o futuro, mas também se torna um espaço onde suas vidas presentes são valorizadas e incorporadas ao aprendizado.

4.3 Projeto de Vida: avanços e limites enfrentados no âmbito das escolas estaduais da Coordenadoria de Concórdia/SC

Conforme vimos discutindo, o Projeto de Vida ganhou destaque mediante a Reforma do Ensino Médio pela Lei 13.415/2017. No estado de Santa Catarina o componente Projeto de Vida foi introduzido na grade curricular como parte flexível do currículo e passou a ser obrigatória e anual, nos três anos do Ensino Médio, como forma de oportunizar aos estudantes conhecimento e subsídios na formulação de seus projetos de vida.

Conforme o Currículo Base do Território Catarinense (CBEMTC), Caderno 1, o objetivo do componente Projeto de Vida consiste em:

Esse componente tem por objetivo oportunizar aos estudantes a vivência de situações de aprendizagem e experiência que reflitam seus interesses e lhes permitam fortalecer a autonomia e desenvolver protagonismo e responsabilidade sobre suas escolhas futuras. Estes documentos destacam a importância da participação ativa dos jovens na construção de um percurso formativo em vista da criação de seus projetos de vida (Santa Catarina, 2021, p.63).

Percebemos que o currículo catarinense possui alinhamento com os princípios neoliberais, que tem valorizado a flexibilidade, protagonismo e responsabilidade dos estudantes na construção de seus projetos de vida, refletidos numa abordagem educacional flexível.

Também denota que apesar da mudança de lei e do jogo discursivo que engloba toda reforma educacional com cunho mercadológico, ainda assim há maneiras de realizar um trabalho voltado à criticidade quando não se limita a potência criativa do estudante dentro das salas de aulas. Há que se descortinar e fazê-lo compreender a dinâmica que estamos inseridos e construir projetos voltados às vontades próprias e não somente ao mercado, apesar das pressões sociais exercidas no intuito da cobrança por desempenho e riqueza.

Para analisar a Proposta Pedagógica Catarinense, focalizaremos o estudo no Currículo Base do Território Catarinense e nos Roteiros Pedagógicos que indicam os princípios que orientam as aulas do componente Projeto de Vida na rede, levantando questões referentes às transformações no mundo do trabalho e os desafios enfrentados pelos estudantes na atualidade.

Como destacado no CBEMTC (2021.p.63):

O trabalho pedagógico neste componente curricular deve priorizar o desenvolvimento integral dos estudantes em seus vários aspectos cognitivo, emocional, físico, social e cultural, valorizando as identidades, o direito e o respeito

às diferenças e a suas aspirações, ampliando suas dimensões, a pessoal, a cidadã e a profissional.

O currículo destaca a importância do trabalho pedagógico interligando e valorizando os estudantes nas várias dimensões e pela enunciação percebemos que o Componente foi concebido de forma mais ampla, considerando a vida do estudante como um todo, não somente pautado no trabalho ou carreira profissional, como inicialmente pensado. Essa perspectiva difere da apresentada na BNCC/EM (Brasil, 2018a), que, de certa forma, reduz o Projeto de Vida à esfera de emprego e carreira profissional.

Referente às dimensões do componente Projeto de Vida, que permeiam o trabalho do professor, conforme destacado no Currículo Base do Território Catarinense, Caderno 1, (2021.p.65-66), “a sugestão é que estas dimensões sejam trabalhadas de modo articulado, recebendo diferentes enfoques nas três séries que compõem o Ensino Médio no território catarinense”. Assim, apresentam-se as dimensões e seus objetivos dentro do trabalho como:

a) Dimensão pessoal:

Busca por transformações nos processos de ensino e aprendizagem, para fins do desenvolvimento integral, a partir de uma abordagem histórico-cultural, que considere a consolidação efetiva dos processos de desenvolvimento na concepção pessoal (autoconhecimento, autoestima, subjetividade, identidade, interesses pessoais e habilidades pessoais, entre outras), com vistas a auxiliar na escolha do percurso formativo, bem como no reconhecimento, na valorização e no respeito a diversidade de identidades catarinenses.

Nesse aspecto, a dimensão pessoal possui um caráter reflexivo, pois visa levar os jovens a refletirem sobre seus planos e objetivos pessoais; sua identidade; também desenvolver o autoconhecimento e o cuidado de si, bem como a elaborar estratégias para realizá-los. Nesse sentido, em diálogo com Larrosa (1994), trata-se de um dispositivo pedagógico que visa promover aos estudantes um espaço-tempo de reflexão sobre si, suas ações no presente e, sobretudo, para a elaboração de seu futuro, entendendo todos esses momentos como dependentes um do outro.

Importante destacarmos que a juventude marcada por rápidas transformações sociais e econômicas, enfrenta diversos desafios. Entre eles, a pressão para se adequar aos padrões de sucesso e felicidade promovidos por uma cultura individualista e competitiva, gerando muitos conflitos internos e relacionais. “A juventude se vê cercada por expectativas sociais que nem sempre correspondem a sua realidade concreta. O modelo de sucesso e realização pessoal promovido por uma cultura individualista gera conflitos e frustrações” (Foracchi, 1991, p.67). Essas mudanças demandam que os jovens desenvolvam habilidades para navegar em um

ambiente onde o sucesso é frequentemente medido por realizações pessoais e profissionais, muitas vezes em detrimento do bem-estar coletivo e das relações interpessoais significativas dadas a importância do conhecer-se e da referida dimensão.

Enquanto roteiro pedagógico propõe-se quatro unidades temáticas para o desenvolvimento da dimensão pessoal: 1-Investigação sobre minha história e as histórias que me compõem; 2-Ser jovem na contemporaneidade. Minhas escolhas: escola, estudos e futuro; 3-Diversidade: modos de viver a vida; 4-Projetos pessoais e projetos societários: cruzamentos possíveis. Com esse estudo o estudante tem a oportunidade de se conhecer e se reorganizar, um processo essencial para a construção de seu Projeto de Vida.

Nessa perspectiva, relatamos sobre uma das atividades (figuras 1 e 2) realizadas na Escola Dom Felício Vasconcelos da Cunha com a turma da primeira série do NEM/2022, CRE Concórdia, no componente Projeto de Vida, na qual a professora juntamente com os estudantes refletem sobre a realidade cotidiana, seus sonhos e as possibilidades de concretizá-los. Os alunos interagem entre eles discutindo, planejando e expondo ideias para todo grupo sobre as dificuldades que sentem na realização de seus sonhos.

Figura 1 - Mural dos sonhos



Fonte: EEBDFVC. Unidade escolar da rede estadual da CRE Concórdia

Figura 2 - Roda da vida



Fonte: Fonte: EEBDFVC. Unidade escolar da rede estadual da CRE Concórdia

Em última análise, foi comentado por alunos da rede durante os trabalhos pedagógicos que a escola é vista por eles como um espaço onde podem elaborar conceitos e encontrar respostas para questões que muitas vezes não são abordadas em outros ambientes, como em casa, por exemplo. Eles reconhecem que a escola os capacita para a vida em sociedade e valorizam o componente como mediador desse processo.

Quando os estudantes são incentivados a refletir sobre suas vidas pessoais e coletivas, dando espaço e voz a ele, o mundo do trabalho emerge como um elemento central no referido componente, visto que nesse momento surge o espaço para a orientação.

Destacamos outra fala importante na aula de Projeto de Vida, na EEBPOCR, quando um dos meninos da primeira série do Ensino Médio, “E.”, disse que foi neste componente num trabalho de autoconhecimento que ele cogitou a vontade de ser estagiário numa creche, que gostava de cuidar de crianças, mas por ser menino achava que não seria contratado. Incentivado a ir adiante com sua meta se inscreveu como estagiário e está trabalhando nesta função. Ao concluir o Ensino Médio sua meta agora é continuar na educação e ser professor. Relatos como esses que demonstram o papel do professor como mediador na construção dos projetos de vida dos estudantes e a viabilidade destes

Nessa mediação o estudante vislumbrou a possibilidade de ser inserido ao trabalho, como local de aprendizagem, formação e fortalecimento das suas relações. O Projeto de Vida pode ser percebido como uma ferramenta, como no relato, para ajudar o estudante a compreender suas vivências e, dessa forma, integrar interesses e aspirações. Importante destacar a natureza dinâmica do momento vivido por eles e de sua conexão com a história

pessoal.

Outra dimensão e seu objetivo: b) Dimensão cidadã:

Busca por transformações nos processos de ensino e aprendizagem voltados ao desenvolvimento integral dos estudantes, a partir de uma abordagem histórico-cultural que considere ação efetiva dos processos de desenvolvimento na construção da cidadania participativa (coletividade, cidadania, diversidade, responsabilidade socioambiental, participação comunitária, ética, entre outros), bem como auxiliar na escolha do percurso formativo e na promoção do acesso aos direitos e deveres dos estudantes catarinenses, promovendo melhorias sociais e ambientais de forma individual ou coletiva.

A reflexão crítica sobre a dimensão menciona o convívio com o outro e as interdependências sociais na educação que são essenciais para formar cidadãos mais preparados para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo. A integração de aspectos políticos, ambientais, econômicos, sociais e culturais, juntamente com a promoção da coletividade, cidadania, diversidade e responsabilidade socioambiental, nesse caso, pode contribuir significativamente para a construção de uma sociedade mais equitativa e sustentável. Para dar conta da dimensão, os Roteiros Pedagógicos trabalham com cinco temáticas, oportunizando a discussão durante seu percurso no Ensino Médio, que são: 1- Conhecendo minha comunidade local, seu potencial econômico e social; 2-Apoios sociais: relações competitivas e cooperativas; 3-Problemas sociais e ambientais; 4-A sociedade retratada em diversos contextos históricos; 5- Projetos de vida e transformação social.

No entanto, a eficácia dessa abordagem depende de uma implementação prática robusta e de uma formação contínua e adequada dos educadores.

c) Dimensão profissional:

Busca por transformações nos processos de ensino e aprendizagem para fins de desenvolvimento integral, a partir de uma abordagem histórico-cultural que possibilite escolhas e experiências significativas em todo o percurso formativo do estudante catarinense, mobilizando-o para uma aprendizagem que abarque a complexidade da dimensão profissional (habilidades técnicas, habilidades comportamentais, campo das possibilidades, escolha profissional, experiências e oportunidades, entre outros), bem como as transformações do mundo do trabalho.

A dimensão profissional torna-se mais complexa em função dos variados desafios enfrentados pelo jovem na atualidade a respeito do mundo do trabalho. Para dar andamento especificamente na formação profissional, destacam-se cinco temáticas a serem estudadas a partir dos Roteiros Pedagógicos: 1- Os desafios da escolha profissional; 2- Mundo do trabalho: quais as possibilidades?; 3- Carreiras profissionais; 4- O profissional do futuro; 5-

Preparação para o mundo de trabalho.

A pesquisa aborda o mundo do trabalho como uma das problemáticas centrais, levando à necessidade de uma análise crítica das transformações que ocorrem nesse âmbito. Em um contexto marcado pela precarização e flexibilização das relações de trabalho, mudança de lei, reforma de cunho mercadológico, voltada à lógica privatista e toyotista. A ênfase dada ao trabalho na sociedade atual torna-se um desafio significativo dentro das múltiplas dimensões que o Projeto de Vida pretende abarcar.

Durante o Ensino Médio, um dos objetivos é fornecer aos estudantes as ferramentas necessárias para refletirem sobre seu futuro e fundamentarem seus projetos de vida. Nesse sentido, o componente Projeto de Vida assume um papel crucial. Ele não apenas auxilia os estudantes a se orientarem em um cenário laboral cada vez mais incerto e mutável, mas também tem a incumbência de prepará-los para enfrentar os desafios impostos por essas mudanças.

Em Santa Catarina, as três dimensões são trabalhadas de forma que interagem entre si, integradas e sem rompimento nos três anos do Ensino Médio, convergem em espiral, não separando por ano cada uma delas, dialogando sempre com as 15 temáticas dos Roteiros Pedagógicos.

Importante destacarmos que o material pedagógico, tanto o Currículo Base, quanto os Roteiros Pedagógicos foram disponibilizado aos professores através da plataforma “Nosso Ensino Médio¹³”, assim como formação continuada aos docentes que trabalham com os estudantes, durante a produção dos mesmos, de forma on-line, no compromisso de desenvolver e aprimorar as dimensões: pessoal, social e profissional, para aqueles cujo único meio de acesso ao conhecimento e ao desenvolvimento do trabalho intelectual é a escola pública.

Sendo assim, buscaremos dados de forma subjetiva em referência ao Currículo e aos Roteiros Pedagógicos para o componente PV, e se este tem ajudado no aprimoramento e conhecimento do estudante para desenvolver de fato seu projeto de vida e assim consiga enfrentar os desafios que fazem parte de seu cotidiano e encontre mecanismos para alcançar suas metas.

Um dos grandes desafios enfrentados na rede de Santa Catarina e na CRE de Concórdia é a formação acadêmica do professor. O perfil do profissional do PV da rede pode ser oriundo de diferentes áreas do conhecimento, ou seja, não precisa ter uma formação

¹³ Instituto Iungo; Nosso Ensino Médio Formação de educadores. 2021. Disponível em: <https://nossoensinomedio.org.br>

específica para dar conta do componente, o que tem dificultado sistematicamente a condução do trabalho pedagógico.

Como destacado pelo CBEMTC (2021, p. 70-71),

O trabalho pedagógico a ser desenvolvido com o componente Projeto de Vida pode ser realizado por todos os professores, habilitados em qualquer uma das áreas de conhecimento. Salienta-se, contudo, a importância de esses docentes apresentarem um perfil resiliente, flexível, empático, aberto ao diálogo, ou seja, capazes de estabelecer relações dialógicas e de confiança junto aos estudantes. Salienta-se que os professores responsáveis por este componente devem ter abertura para discutir e compreender as especificidades da adolescência e das culturas juvenis, devendo estar articulados com a escola e a comunidade.

Observamos que a responsabilidade pelo andamento do trabalho pedagógico no componente Projeto de Vida recai fortemente sobre os professores. No entanto, tanto em Santa Catarina quanto em outras unidades federativas, os professores frequentemente não possuem formação específica nesse componente.

Essa lacuna na formação representa um desafio significativo. Sem formação adequada, os professores podem encontrar dificuldades em orientar os estudantes de maneira eficaz no desenvolvimento de seus projetos de vida. A ausência de formação específica pode limitar os educadores ao abordar de forma abrangente e profunda os aspectos essenciais do Projeto de Vida, como a reflexão sobre escolhas pessoais e profissionais, a identificação de metas e a construção de estratégias para alcançá-las.

Além disso, pode resultar em abordagens pedagógicas inconsistentes e fragmentadas, que não atendem plenamente às necessidades dos estudantes. O Projeto de Vida exige uma compreensão profunda dos contextos socioeconômicos, culturais e emocionais em que os jovens estão inseridos, assim como conhecimento para facilitar discussões significativas para orientar os jovens na construção de seus próprios caminhos.

Outra problemática enfrentada no estado de SC e na CRE/Concórdia é que muitos profissionais absorvem essas aulas para completar sua carga horária, sendo um desafio à compreensão e o trabalho para este professor no desenvolvimento da proposta com relação ao PV. Temos na atualidade professores que trabalham com o Projeto de Vida na Coordenadoria, habilitados em Matemática, Química, Física, Educação Física, Biologia, Língua Portuguesa, História, entre outros.

Observamos que muitos professores, além de não conhecerem os documentos que norteiam o trabalho pedagógico com o estudante, muitas vezes não se identificam com o próprio componente curricular. Muitos deles iniciam o trabalho desconhecendo os materiais

de estudo e de apoio. Eles acabam se familiarizando com esses recursos por meio de orientações da escola e de formações posteriores. No entanto, esse processo de familiarização às vezes ocorre passado o primeiro trimestre letivo ou o semestre.

Face ao contexto analisamos a lacuna existente entre a falta de formação específica do professor do Projeto de Vida, a falta de identificação com o componente, e a responsabilidade na condução do estudante em relação à elaboração de seus projetos de vida e orientação para o mundo do trabalho. O estudante também perde quando existem contínuas trocas de professor durante o ano letivo neste componente, pois além do trabalho sofrer ruptura e recomeços constantes não se obtém êxito efetivo.

Trazemos à discussão também o fato de que muitos professores após trabalharem e se familiarizarem com o componente, acabam se identificando com ele e permanecem nos anos subsequentes no Projeto de Vida, quando podem, devido à distribuição da carga horária do docente nas diversas áreas. Uma vez conhecendo o material pedagógico eles desenvolvem inúmeras atividades e reconhecem a importância deste na prática pedagógica. Essas constatações são feitas durante os encontros formativos na Coordenadoria Regional, em visitas pedagógicas nas escolas da rede, com os diretores escolares e através de análise dos projetos de culminância, os quais são enviados a CRE a cada seis meses e publicado no site da SED.

Tendo em vista as várias condições de vida dos jovens que chegam à escola, o componente Projeto de Vida pode ser a oportunidade para muitos reformularem suas práticas, valores, normas e perspectivas, a partir de seus próprios interesses e necessidades, interpretando e conferindo significado ao mundo ao seu redor e ao mundo do trabalho, compreendendo que os desafios são grandes.

Alguns jovens que estudam no Ensino Médio na escola piloto, EEBPOCR, mencionada na pesquisa, destacam em sala de aula durante o desenvolvimento do componente PV, compartilhados em formações, que não sabem que caminho seguir em relação a sua vida profissional devido às mudanças contínuas que ocorrem na sociedade. Muitos jovens não acreditam em si e em suas capacidades e sentem-se completamente inseguros e instáveis em relação aos seus projetos, afetados completamente pelo medo e a ansiedade frente ao desconhecido.

Observamos que essas são pressões sentidas no momento vivido e fortemente impulsionadas pela ênfase no sucesso e a responsabilização do sujeito, conforme salientado no capítulo 3 desta dissertação, nesse caso, o jovem precisa de apoio e compreensão e registramos a importância do componente nestes momentos.

Para Mazzardo, Corte e Costa (2021, p.10),

os estudantes precisam refletir sobre seus desejos e objetivos, aprendendo a se organizar, estabelecer metas, planejar e perseguir com determinação, esforço, autoconfiança e persistência seus projetos presentes e futuros. Inclui, nesse sentido, a compreensão do mundo do trabalho e seus impactos na sociedade, bem como das novas tendências e profissões.

Neste contexto, para trabalhar com o Projeto de Vida na escola e com o estudante, os Roteiros Pedagógicos são parte do suporte pedagógico no desenvolvimento das aulas. Cada roteiro foi elaborado para abranger o período de um trimestre letivo. Ao todo, são 15 roteiros como já abordado, além de um roteiro exemplificativo, que abrange as três dimensões do componente, utilizando diversas estratégias e objetos de aprendizagem.

Conforme destacado no documento:

Apresenta-se este material como apoio para os educadores e potencial ferramenta norteadora do trabalho pedagógico do componente curricular Projeto de Vida no ensino médio. Nele, relacionam-se teoria e prática, com foco nos anseios das juventudes, e os múltiplos saberes se conectam por meio da organização e da teorização das unidades temáticas (Roteiro Pedagógicos, 2023, p.12).

Ao desenvolver as temáticas nas aulas podem ser abordados vários assuntos. Todas as temáticas trazem objetivos, justificativa, objetos do conhecimento, sugestão de estratégia metodológica, bem como fontes de informação e pesquisa, e materiais de apoio para amparar o professor em seu planejamento e no desenvolvimento das aulas, de maneira que o estudante se aproprie e possa compreender e sanar dúvidas frente o momento vivido.

Além disso, está estabelecido no caderno que:

A própria noção de construção de um projeto de vida precisa ser trabalhada com os estudantes de forma diferenciada. Por que ter um projeto de vida? Para quê? Quais diferentes significados os jovens dão à construção de seus projetos de vida? Quais questões sociais e culturais permeiam tal construção? São questões como essas que serão trabalhadas nos roteiros pedagógicos aqui propostos e que nos ajudarão a obter êxito na tarefa de promover as juventudes (Roteiro Pedagógicos, 2023, p.12).

A existência de um documento pedagógico é apenas o ponto de partida para a construção de uma educação significativa e relevante. Importante questionarmos se o documento, por si só, é capaz de conectar professores e estudantes, destacando sua importância no dia a dia da escola. Essa reflexão leva a considerarmos vários fatores que influenciam em sua eficácia.

Um documento pedagógico, por mais bem elaborado que seja, não garante

automaticamente a conexão entre professores e estudantes. Ele fornece diretrizes, objetivos e conteúdos essenciais, mas não pode substituir a interação humana e a adaptação às realidades específicas de cada contexto escolar. Professores e estudantes são protagonistas no processo educacional, e sua capacidade de engajar-se com o material depende de muitos fatores, incluindo formação docente, recursos disponíveis e planejamento.

Para a organização do ano letivo em relação ao componente, cada escola define de maneira coletiva quais roteiros são mais adequados para a sua realidade. Esse processo considera o contexto, os profissionais envolvidos e o desenvolvimento dos estudantes. Além disso, a escolha é feita coletivamente, pois os professores precisam compreender a importância da sequência planejada pela escola para o bom andamento do componente e a formação do estudante.

Observamos que cada jovem precisa de um ambiente propício e um tempo adequado para reflexão, levando em conta suas singularidades enquanto estuda e interage nas aulas de PV, possibilitando seu desenvolvimento. É crucial abordar esse componente curricular como um processo reflexivo, reconhecendo que existem diversos fatores que influenciam na dinâmica de todo o processo, como fatores social, econômico, cultural, relacional. Não basta considerar as capacidades e limitações; é fundamental avaliar as reais possibilidades, embora o Projeto de Vida por si só não garanta um futuro promissor e sim a integração das dimensões, mantendo um enfoque relacional com a realidade dos estudantes e a sociedade.

Um projeto de vida "bem elaborado" e de interesse coletivo, pode auxiliar sobremaneira na formulação de perguntas, na busca de respostas possíveis, na tomada de decisões difíceis e na avaliação do caminho a ser percorrido.

Nesse aspecto, voltamos a mencionar o papel do PV para a formação do estudante, como ferramentas para que ele se conheça melhor e consiga construir seu projeto de vida, encontrando meios para alcançar suas metas. Para isso, os roteiros pedagógicos trazem consigo contribuições importantes sobre práticas pedagógicas com atividades valiosas voltadas a esse processo; o documento não se esgota como recurso pedagógico, auxilia no planejamento, não dispensa este. Importante é estar atento e oferecer a discussão a ponto de o estudante despertar para realidades as quais não vislumbrava.

Nesse sentido, para Mazzardo, Corte e Costa (2021, p.10),

É importante que na produção do Projeto de Vida sejam consideradas as condições socioeconômicas, culturais, educacionais de cada sujeito para se reconhecer junto ao grupo, ao contexto social, educacional e familiar, bem como conquistar condições de projetar a si mesmo em interlocução com diferentes grupos sociais. Esse processo precisa estar articulado com a escola, que contribui com a produção de saberes e

representações, vislumbrando as possibilidades de futuro e o empoderamento frente aos desafios da sociedade. Portanto, os estudantes precisam refletir sobre seus desejos e objetivos, aprendendo a se organizar, estabelecer metas, planejar e perseguir com determinação, esforço, autoconfiança e persistência seus projetos presentes e futuros. Inclui, nesse sentido, a compreensão do mundo do trabalho e seus impactos na sociedade, bem como das novas tendências e profissões.

Nesse sentido, o PV tem um papel crucial de fortalecimento, permitindo que os estudantes expressem de alguma forma seus sonhos e aspirações. Ao mesmo tempo, instigando-os a questionarem se seus projetos são viáveis e alcançáveis dentro do contexto social, econômico e político em que estão inseridos e fomentar aquilo que ainda não é de seu alcance. Embora dificuldades existam, é importante somar esforços em sala de aula para uma prática contínua, possibilitando sonhos e utopias, descobertas, escolhas, desafios futuros, ampliando as percepções e aprendizados para projetar cenários de curto, médio e longo prazos, importantes para o crescimento individual e coletivo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao findarmos o trabalho, é importante destacar que a temática não se esgota com os estudos realizados até o momento, no entanto possibilita algumas considerações mesmo que breves. Consoante a isso, mediante a realidade e o contexto social e histórico vivido pelas várias juventudes que estudam no Ensino Médio, procuramos vislumbrar quais as possibilidades e os desafios que os jovens catarinenses oriundos das escolas da Coordenadoria de Concórdia enfrentam na concretização de seus projetos de vida. O estudo esteve apoiado sob a ótica da realidade da Coordenadoria de Concórdia do Estado de Santa Catarina, buscando elementos com o intuito de compreender as possibilidades e os limites do trabalho do professor em sala de aula referente ao componente Projeto de Vida.

Sabemos que as relações entre o mundo do trabalho e os estudos são substancialmente complexas por diversos motivos, pois abrangem aspectos econômicos, sociais, culturais e educacionais dos estudantes. Alguns sentidos em que essa complexidade se manifesta consiste na evolução das demandas do trabalho que se apresenta em constante transformação influenciada pelo mundo globalizado e tendências neoliberais.

Para pensar a pesquisa estivemos envoltos na seguinte problemática: quais as possibilidades e os desafios na elaboração de Projetos de Vida com jovens do Ensino Médio, considerando contextos de precarização e flexibilização do mundo do trabalho? Não há como contestar as mudanças que vem ocorrendo na vida das pessoas, especialmente dos jovens, no que se refere às relações de trabalho e educação, além disso, marcada por fortes tendências e influências de cunho neoliberal, ressoando nas relações, afetando-os no que se refere as suas escolhas pessoais e profissionais. Portanto, destacamos os referenciais pedagógicos e a formação contínua dos professores como importante contribuição na reflexão e no desenvolvimento de percepções dos estudantes em relação ao Projeto de Vida, e esse Componente como um importante espaço de diálogo e compreensão do mundo que cerca as várias juventudes.

Quanto aos objetivos específicos foram apresentados os seguintes: compreender marcos históricos de transformações do mundo do trabalho e seus efeitos de precarização e de flexibilização; discutir como o mundo do trabalho se relaciona com a educação, particularmente o Ensino Médio, de modo a estabelecer implicações pessoais e sociais em projetos de vida do jovens; debater os limites e as potencialidades do componente curricular “Projeto de Vida e Mundo do Trabalho” no contexto das juventudes do Ensino Médio no município de Concórdia/SC.

O estudo das transformações no mundo do trabalho em seus marcos históricos revelaram que muitas transformações ocorreram no mundo do trabalho, refletindo as necessidades e condições econômicas de suas respectivas épocas, impactando tanto seu período histórico como na atualidade, o último século esteve marcado por diferentes sistemas de organização destacado neste estudo o taylorismo, o fordismo e o toyotismo que em nome da eficiência, produtividade e capital, passaram a secundarizar as relações humanas, cristalizando as desigualdades sociais, iniciando a formação de um novo tipo de trabalhador, desencadeando aumento substancial do desemprego e a precarização do trabalho assim com uma progressiva deterioração nas relações entre seres humanos e meio ambiente.

Evidenciamos que os sistemas de produção vêm influenciando não apenas a economia, mas através dela também a vida cotidiana e escolhas dos jovens. O taylorismo, o fordismo e toyotismo, com sua ênfase na eficiência e flexibilidade, deixaram impactos profundos tanto na indústria quanto na educação. Percebemos que a implementação do Novo Ensino Médio reflete esses valores, propondo uma adaptação contínua no desenvolvimento de diversas competências e habilidades, com o NEM foi implementado um modelo educacional que busca priorizar a profissionalização dos jovens brasileiros, inserindo o trabalho como um elemento nas práticas pedagógicas e nas disciplinas do novo currículo do Ensino Médio, fundamentado nos conhecimentos e demandas dos próprios jovens, e acabou incorporando o Projeto de Vida e o Mundo do Trabalho como uma competência fundamental.

Também evidenciado pela Lei 13.415/2017, que introduziu o Novo Ensino Médio no Brasil, propondo uma educação mais adaptável e profissionalizante. Os modelos de produção, e Novo Ensino Médio, enfatizam a aprendizagem contínua e a capacidade de adaptação, incentivando o desenvolvimento de habilidades.

Assim, tanto no setor industrial quanto no educacional, a flexibilidade se tornou uma referência para atender demandas mercadológicas e imediatistas. Essas metamorfoses são sentidas pela juventude durante o Ensino Médio ao pensarem em seus Projetos de Vida e ao refletirem na escolha de sua profissão. Muitos jovens em função de suas condições socioeconômicas não têm tempo para uma escolha ponderada, e o desafio consiste ainda quando o jovem, precocemente, em função de subsistência ingressa no trabalho já vivenciando a instabilidade e insegurança econômica geradas por empregos temporários, baixos salários e poucas garantias de direitos trabalhistas que dificultam a construção de Projetos de Vida a longo prazo. A pressão por produtividade e a intensa competição também impõem um ritmo de vida estressante, que pode afetar tanto a saúde mental como emocional

dos jovens, além disso, as desigualdades sociais e econômicas também impactam diretamente as possibilidades de muitos jovens pensarem em seus Projetos de Vida.

Ancorado nas reflexões de Giddens (1990), Dardot e Laval (2016), percebeu-se que as transformações no mundo do trabalho levaram a uma crescente desigualdade e insegurança econômica, exacerbando as tensões entre diferentes grupos sociais e impactando o bem-estar mental e emocional das pessoas, especialmente dos jovens. Isso tem criado uma sensação de instabilidade e urgência, alterando as percepções de tempo e sucesso pessoal.

Nesse enfoque ainda que a relação dos jovens com a maturidade é frequentemente mediada pelo desejo da inserção no mundo de trabalho e sua independência financeira, impondo a ele a busca por carreiras promissoras e de sucesso influenciado pela redes sociais, plantando sementes nem sempre realistas. Como Dardot e Laval (2016) ressaltam, a nova razão do mundo não deixa incólume nenhuma esfera da vida, pois se subverte e se submete a tradição democrática à lógica da concorrência. Esses fatores, em conjunto, vêm moldando as estruturas sociais e econômicas, reconfigurando identidades e impondo novos desafios com implicações significativas para os jovens e suas perspectivas pessoais e profissionais, apresentando desafios na formulação de seus projetos de vida durante o Ensino Médio.

Neste aspecto a problemática torna-se um ponto fundamental a ser evidenciado no contexto de sala de aula, quais as possibilidades e os desafios na elaboração de Projetos de Vida com jovens do Ensino Médio, considerando contextos de precarização e flexibilização do mundo do trabalho? necessário refletir com o estudante tais tendências para fortalecer escolhas, tanto pessoais quanto profissionais. Para isso destacamos o trabalho do professor do componente Projeto de Vida, especificamente do Ensino Médio, tendo como subsídio os materiais pedagógicos do Currículo do Território Catarinense e dos Roteiros Pedagógicos do Componente Projeto de Vida.

Chegamos às reflexões de que o material utilizado como subsídio pedagógico não tem fim em si mesmo, o documento menciona a importância do trabalho pedagógico do professor constituindo a sala de aula como locus pedagógico para escuta, reflexão, diálogo, percepção entre pares, primando pela interação, aproximação e construção dialógica do conhecimento, nesse aspecto, o Projeto de Vida interpela os jovens para que reflitam nas distintas dimensões que configuram a vida individual e coletiva, promovendo discussões sobre o trabalho não como elemento central dessa reflexão, mas como processo da vida deles.

Portanto, a discussão sobre as Juventudes, Projeto de Vida e Mundo do Trabalho não é apenas relevante, mas urgente. Ela impulsiona a repensar práticas educativas e criar políticas que apoiem os jovens em suas jornadas, ajudando-os a construir vidas mais equilibradas e

significativas em meio às rápidas e contínuas transformações globais refletindo os desafios do século XXI. Compreendermos as tendências neoliberais que permeiam as relações de trabalho e vida as quais tem enfatizado a flexibilidade, a eficiência e a adaptabilidade, em detrimento à estabilidade e do bem-estar dos trabalhadores torna-se fundamental para promover uma educação que realmente discuta e leve em consideração a problemática desta pesquisa, observando as possibilidades, assim como os desafios para os jovens pensarem em projeto de vida num contexto de precarização e flexibilização.

Para tanto, a escola através do componente Projeto de Vida, tem condições de fornecer aos estudantes um panorama das diversas realidades do mundo do trabalho e vida, ajudando-os a compreender a complexidade e os caminhos a serem percorridos no desenvolvimento de seus projetos, focando nas dimensões pessoal, cidadã e profissional não separadas, de forma que aprimore e oportunize um espaço para essa discussão, isso pode auxiliar os estudantes a elaborar seus próprios conceitos e compreender sua história nesse percurso.

O currículo e os Roteiros Pedagógicos de Santa Catarina demonstram estabelecer uma conexão com o estudante nas três dimensões, olhando para a realidade da sala de aula e para o jovem, também apontam caminhos para o planejamento e diálogo sugerindo ferramentas pedagógicas através de debates, estudos de caso, dilemas, aprendizagem por investigação, problemas e projetos, resolução de conflitos, exercícios de atenção plena (*mindfulness*), jogo de modelos (*rolemodel*), jogo de papéis (*roleplaying*), com isso percebemos que o foco do trabalho do PV está no desenvolvimento do estudante.

Também observamos que nas dimensões pessoal e cidadã o estudo tem temas específicos que aparecem nas temáticas: Investigação sobre minha história e as histórias que me compõem; Ser jovem na contemporaneidade; Minhas escolhas: escola, estudos e futuro; Diversidade: modos de viver a vida; Projetos pessoais e projetos societários: cruzamentos possíveis; Conhecendo minha comunidade local, seu potencial econômico e social; Apoios sociais: relações competitivas e cooperativas; Problemas sociais e ambientais; A sociedade retratada em diversos contextos históricos; Projetos de vida e transformação social. A reflexão referente às transformações no mundo do trabalho acontecem através da dimensão profissional fundamentado nos temas: Os desafios da escolha profissional; Mundo do trabalho: quais as possibilidades?; Carreiras profissionais; O profissional do futuro; Preparação para o mundo de trabalho.

Neste contexto, destacamos que o professor do componente Projeto de Vida possui suporte pedagógico com vistas a promover reflexões, aumentando a compreensão da realidade do estudante, tornando-se crucial que o jovem tenha momentos em que possa discutir e

perceber as tensões que o cercam, elaborando conceitos que não reproduzam tendências neoliberais. Apesar de o componente ter nascido como parte integrante desse processo, ele pode ser um mediador de mudanças significativas na vida dos jovens.

Importante destacarmos que existem limitações e desafios impostos no desenvolvimento do componente Projeto de Vida em referência ao trabalho com jovens no Ensino Médio. Primeiramente, ele é fruto de um sistema forjado em mudança de lei de cunho neoliberal e objetivos obscuros, soma-se a falta de formação específica do professor do PV em todo território nacional, e em Santa Catarina, também há desconhecimento por parte de professores dos documentos pedagógicos do estado de Santa Catarina norteadores do trabalho como fio condutor para o crescimento do estudante, outro aspecto importante, é quando o professor, com o intuito de fechar carga horária, soma o PV para esse fim, refletindo no perfil pedagógico do professor de Projeto de Vida em Santa Catarina que pode ser habilitado em qualquer uma das áreas de conhecimento, adiciona-se ainda à quebra do trabalho continuado com o estudante quando há trocas de professores durante o ano letivo, descontinuando o trabalho pedagógico com o estudante.

A questão não é culpabilizá-los pelo sucesso ou fracasso do componente ou atribuir-lhes a responsabilidade pelos projetos de vida dos jovens. Em vez disso, trata-se de redefinir a importância desse papel; uma importância que tem sido desvalorizada e frequentemente internalizada de forma negativa. Contudo, alinhado ao conteúdo abordado, essa mudança só será viável através de um esforço coletivo. Mesmo que pequenas ações contribuam para combater a ignorância e a alienação, quando disseminadas e tornadas comuns no cotidiano escolar, elas ganham força e eficácia. Dessa forma, acreditamos que ações conscientes por parte dos educadores podem influenciar os jovens de maneira positiva para que eles consigam pensar em seus projetos de vida, considerando as transformações do mundo trabalho num contexto de precarização e flexibilização de maneira que o trabalho não seja o único pilar de suas vidas em sala de aula, mas toda abordagem pedagógica para tornar-se um estudante um cidadão consciente.

Além de documentos pedagógicos robustos, são necessárias políticas públicas voltadas à formação acadêmica específica aos professores deste componente. Somente com formação adequada poderemos avaliar avanços de forma mais ampla e descortinar questões pertinentes à vida dos jovens e aos problemas das várias juventudes

Destacamos a relevância da pesquisa e importância de continuar investigando, apontando para um estudo após formação específica no componente Projeto de Vida, no qual os profissionais do componente se habilitem na área, discutam a problemática para um efetivo

trabalho alinhado com os jovens, também enfatizamos uma pesquisa voltada a profissionais que participem de formação continuada específica para o PV, que discutam sistematicamente o trabalho pedagógico para a efetividade do trabalho no componente Projeto de Vida, pois o componente tem potencial e espaço como transformador na vida dos jovens, proporcionando espaço que dialoga com as realidades e aspirações dos estudantes. A educação precisa ter e ser um espaço de reflexão crítica e de emancipação e com isso capacitando os jovens a construir verdadeiramente projetos de vida que transcendam as limitações impostas pelo contexto socioeconômico atual.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. *Privilégio da Servidão: O novo Proletariado de Serviços na era Digital*. SP. Boitempo. 2018.
- ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao Trabalho?* Ensaio sobre as metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho. 16.ed. SP. Cortez. 2015.
- ANTUNES, Ricardo. *Uberização, Trabalho Digital e Indústria 4.0*. SP. Boitempo. 2020.
- ANTUNES, Ricardo. *O Caracol e Sua Concha*; Ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. SP. Boitempo. 2005.
- ANTUNES, Ricardo. *Os Sentidos do trabalho*; Ensaio sobre afirmação e negação do trabalho. SP. Boitempo. 2005.
- ANTUNES, Ricardo e PINTO, Geraldo Augusto. *A Fábrica da Educação: da especialização taylorista à flexibilização toyotista*. 1.ed. SP. Cortez. 2017.
- ANTUNES, Ricardo. As novas formas de acumulação de capital e as formas contemporâneas do estranhamento (Alienação). *Caderno CRH*, Salvador, n. 37, 2002.
- BARBOSA, Juliana Souza. Juventude(s), que sujeitos sociais são estes?. *Cadernos do Aplicação, Pesquisa e Reflexão em Educação Básica*. 2021
- BAUMAN, Z. *Ética pós-moderna*. São Paulo: Paulus, 1997.
- BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zigmunt. *Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BAUMAN, Zigmunt. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BAUMAN, Zigmunt. *Capitalismo parasitário: e outros temas contemporâneos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BAUMAN, Zigmunt. *Vigilância líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- BAUMAN, Zigmunt. *A cultura no mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BAUMAN, Zygmunte LEONCINI, Thomas. *Nascidos em tempos líquidos: Transformações no terceiro milênio*, Rio de Janeiro, Zahar, 2018.
- BLOCH, Ernst. *O Princípio Esperança*. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2005.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. *Manual operacional de Educação Integral*. Brasília, 2012.

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; Diretoria de Currículos e Educação Integral, 2013b.

BRASIL. *Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017*. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o fundo de manutenção e desenvolvimento da educação básica e de valorização dos profissionais da educação, a consolidação das leis do trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a política de fomento à implementação de escolas de ensino médio em tempo integral. Brasília, DF: Presidência da República, 2017.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília, DF: MEC: CONSED: UNDIME, abr. 2018a.

BRASIL. *Resolução nº 3, de 21 de novembro de 2018*. Atualiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018b.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 25 nov. 2019.

BREGMAN, Rutger. *Utopias para realistas, como construir um mundo melhor*. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2018.

CÁSSIO, Fernando. Existe vida fora da BNCC? In: CÁSSIO, Fernando.; CATELLI JR., Roberto. *Educação é a Base? 23 educadores discutem a BNCC*. São Paulo: Ação Educativa, 2019.

CARRANO, Paulo (org.) *Identidades juvenis e escola*. In: RAAAB. *Construção Coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos*. Brasília, DF: UNESCO.MEC, RAAAB. 2005.

CHARLOT, B. *Da relação com o saber às práticas educativas*. São Paulo: Cortez, 2013.

DARDOT Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAYRELL, Juarez. Por uma pedagogia da juventude. *Revista Onda Jovem*, [s.l.], 2005.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? reflexões em torno da socialização juvenil. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 30 jun. 2024.

DAMON, Willian; MENON, Jenni; BRONK, Kendall Cotton. The development of purpose during adolescence. *Applied Developmental Science*. v.7, n.3, p. 119-128, 2003. Disponível em: https://doi.org/10.1207/S1532480XADS0703_2. Acesso em: 30 jun. 2024.

DANZA, Hanna Cebel; SILVA, Marco Antonio Morgado da. *Projeto de vida e identidade: Articulações e implicações para a educação*. Disponível em <https://doi.org/10.1590/0102-469835845>. Acesso em: 30 jun. 2024.

FÁVERO, Altair Alberto. Violência da positividade e educação: da cultura do tédio à promoção da cultura do sentido. *Roteiro*, [S. l.], v. 43, n. 2, p. 411–432, 2018. DOI: 10.18593/r.v43i2.16656. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/16656>. Acesso em: 30 jun. 2024.

FÁVERO, Altair Alberto; CENTENARO, Junior Bufon; BUKOWSKI, Chaiane. Uma revolução controlada? A BNCC como política de centralização. *Revista e-Curriculum*, São Paulo, v.19,n.4, p.1676-1701, out./dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2021v19i4p1676-1701>. Acesso em: 30 jun. 2024.

FÁVERO, Altair Alberto; CENTENARO, Junior Bufon ;SANTOS, Antonio Pereira dos. A liberdade de escolha no Novo Ensino Médio: a percepção de gestores escolares quanto à proposta de flexibilização curricular, *Revista Espaço Pedagógico*, [S. l.], v. 30, p. e14414, 2023. DOI: 10.5335/rep.v30i0.14414. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/14414>. Acesso em: 13 jun. 2024.

FORACCHI, Marialice Mencarini. *Juventude e sociedade* : a adolescência como construção social. São Paulo: Cortez, 1991.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação e Trabalho: Bases para debater a Educação Profissional Emancipadora. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 71-87, jan./jun.2001.

FRIGOTTO, Gaudêncio, CIAVATTA, Maria e RAMOS, Marise. O trabalho como princípio educativo no projeto de educação integral dos trabalhadores. In: COSTA, Hélio da e CONCEIÇÃO, Martinho. *Educação integral e sistema de reconhecimento e certificação educacional profissional*. São Paulo: Secretaria Nacional de Formação – CUT, 2005.

GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. Unesp, 1991.

GIDDENS, A. *Mundo em descontrole: O que a globalização está fazendo de nós*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GIOLO, Jaime. Educação a Distância no Brasil: a expansão vertiginosa. *RBPAAE*. v. 34, n. 1, p. 073 - 097, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/rbpae/article/view/82465/48878>. Acesso em: 21 jan. 2020.

GROPO, Luiz Antônio .Introdução à Sociologia da Juventude. Jundiaí.São Paulo : Editora Paco, 2017.

GROPO, Luiz Antônio. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. São Paulo: Editora FGV, 2020.

HAN, Byung-Chul. *Topologia da violência*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Rio de Janeiro, Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. *No Enxame: perspectivas do digital*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

IBGE.Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística . *Pesquisa Nacional por Amostra de*

Domicílios Contínua: Trimestral. Disponível em : <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 04 setembro de 2023.

IUNGO. *Sobre o Instituto Iungo*. Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://iungo.org.br/sobre/>. Acesso em: 5 jan. 2022.

KUENZER, Acácia Zeneida. Trabalho e escola: a flexibilização do Ensino Médio no contexto do regime de acumulação flexível. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 38, n. 139, p. 331-354, abr.-jun. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v38n139/1678-4626-es-38-139-00331.pdf>. Acesso em: 03 maio 2021.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *O sujeito da educação*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 35-86

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015

LAVAL, Christian. *A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público*. Trad. Mariana Echalar. 2. ed. São Paulo, Boitempo, 2019.

MARX, Karl. *O Capital*. SP. Civilização Brasileira. 2003.

MAZZARDO, Ana Lúcia da Luz; CORTE, Marilene Gabriel Dalla.; COSTA, Joacir Marques da. Projeto de vida: uma proposta democrática-participativa para as juventudes do Ensino Médio. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 16, n. 2, p. 749–760, 2021. DOI: 10.21723/riaee.v16i2.13175. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/13175>. Acesso em: 27 maio. 2024.

MORAN, Jose. *A importância de construir Projetos de Vida na Educação*: José Moran Educador e pesquisador de projetos de inovação. Publicado em 26 de outubro de 2017. Disponível em: www2.eca.usp.br/moranmoran10@gmail.com. Acesso em: 16 ago. 2021.

MOTTA, V. C. da; FRIGOTTO, G. Por que a urgência da reforma do Ensino Médio? Medida Provisória Nº 746/2016 (LEI Nº 13.415/2017). *Educ. Soc.*, Campinas, v. 38, nº. 139, p. 355-372, abr.-jun., 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/8hBKtMRjC9mBJYjPwbNDtk/?format=pdf&lang=p>. Acesso em: 30 jun. 2024.

PORTAL G1. *Pesquisa mostra que brasileiros passam 9h por dia ao celular ou em outros aparelhos eletrônicos*. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/hora1/noticia/2023/08/25/pesquisa-mostra-que-brasileiros-passam-9h-por-dia-ao-celular-ou-em-outros-aparelhos-eletronicos.ghtml>. Acesso em: 20 jun. 2024.

SILVA, Rosana Nunes Falcão Silva. *Revista Educação e Sociedade*, 2021..

SANTA CATARINA. *Secretaria de Estado da Educação Currículo base do ensino médio do território catarinense: caderno 1 – disposições gerais / Secretaria de Estado da Educação. –*

Florianópolis: Gráfica Coan, 2021.

SANTA CATARINA. *Roteiros Pedagógicos do Componente Projeto de Vida*. Florianópolis, 2022. Disponível em: <https://iungo.org.br/formacao/roteiros-pedagogicos-de-projetos-de-vida-de-santa-catarina/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

SENNETT, Richard. *A Corrosão do Caráter*. São Paulo, Record, 2009.

SOUZA, Paulo Renato. *A Revolução Gerenciada: A Educação no Brasil 1995-2002*. São Paulo. Prentice Hall, 2005.

TOMMASI, Livia de ;CORROCHANO, Maria Carla. *Do qualificar ao Empreender :políticas de trabalho para jovens no Brasil, 2020*. Estudos Avançados.

UEHARA, Alexandre Ratsuo. *A Política Externa do Japão no Final do Século XX: O que Faltou?* São Paulo: Annablume, 2003.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 3.ed. Rio de Janeiro. Jorge Ziar, 2003.